



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E COMUNIDADE
MESTRADO EM SAÚDE E COMUNIDADE



FELIPE BARBOSA DE SOUSA COSTA

**ABUSO SEXUAL CONTRA ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR E NAS
PARCERIAS ÍNTIMAS: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**

TERESINA
2019

FELIPE BARBOSA DE SOUSA COSTA

**ABUSO SEXUAL CONTRA ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR E NAS
PARCERIAS ÍNTIMAS: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde e Comunidade.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda

Área de Concentração: Saúde Pública.

Linha de pesquisa: Saúde na Escola.

TERESINA
2019

Universidade Federal do Piauí
Serviço de Processamento Técnico
Biblioteca Setorial do CCS

C837a Costa, Felipe Barbosa de Sousa.
Abuso sexual contra adolescentes no ambiente escolar e nas parcerias íntimas : experiência de vitimização e seus impactos / Felipe Barbosa de Sousa Costa. -- Teresina, 2019.
122 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, 2019.

“Orientação: Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda.”
Bibliografia

1. Adolescentes. 2. Escolares. 3. Violência Sexual. 4. Violência por Parceiro Íntimo. I. Título.

CDD 362.88

FELIPE BARBOSA DE SOUSA COSTA

**ABUSO SEXUAL CONTRA ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR E NAS
PARCERIAS ÍNTIMAS: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde e Comunidade.

Teresina-PI, 22 de Fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda - Presidente/Orientador
Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa - 1º Examinador
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas - 2º Examinador
Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade
Universidade Federal do Piauí

“A paz é fruto da Justiça”

Isaías 32,17

Dedico este trabalho aos meus pais, *Luís Carlos dos Santos Costa* e *Maria de Jesus Barbosa de Sousa Costa*, minha irmã e a todos os meus familiares, minha noiva, amigos e professores que contribuíram com esta caminhada cheia de desafios, mas alimentada com fé, sonhos, esperança e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai de infinita bondade, pelo dom da vida e por todas as maravilhas que Seu amor tem me proporcionado. Agradeço à minha família, meus pais Luís Carlos e Maria de Jesus, e minha irmã Dayane Nayara, por sempre estarem ao meu lado em meus projetos. Aos meus pais, muito obrigado pelo suor derramado, pelos sacrifícios realizados, obrigado por me ensinarem que os sonhos são forças poderosas que movem nossos passos rumo a novos caminhos, cheios de desafios, mas repletos de oportunidades. Agradeço pelos ensinamentos e educação na fé e no amor.

A todos os meus familiares, meus padrinhos e madrinhas, por serem exemplos inspiradores de unidade e fraternidade. Agradeço a minha amada noiva, Brenda Rocha Sousa, com quem tenho dividido a vida, aspirações, sonhos, desafios e alegrias, sempre me acompanhando, motivando e apoiando na caminhada. Agradeço aos meus amigos pela companhia fraterna, a confiança, a amizade, acolhimento, ensinamentos e partilha da vida.

A minha comunidade de fé, minha querida Diocese de Caxias, Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, a comunidade Nossa Senhora de Oropa e minha amada Pastoral da Juventude, por terem me despertado o interesse em estudar a violência, na perspectiva de apontar caminhos de superação e construção de uma cultura de paz.

Agradeço a Ohana Cunha do Nascimento, doutoranda em saúde coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, por autorizar o uso do instrumento *Parcours Amoureux des Jeunes-PAJ* neste estudo. A todos os meus professores, por não medirem esforços para construção de profissionais competentes e comprometidos com a sociedade, a família e o mundo, especialmente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade. Às escolas e alunos que participaram deste estudo. Ao meu orientador, Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda, pela pessoa incrível e inspiração que é, por toda dedicação, paciência e compromisso no desenvolvimento deste e de outros projetos, sempre despertando o interesse em produzir conhecimento, respondendo aos problemas sociais do local onde vivo.

RESUMO

Introdução: O abuso sexual contra adolescentes é entendido como problema social e de saúde pública, estando os adolescentes sujeitos a este tipo de violência em diversas esferas relacionais, inclusive em suas parcerias íntimas. **Objetivo:** Caracterizar o abuso sexual contra adolescentes no ambiente escolar e nas parcerias íntimas. **Metodologia:** Estudo de abordagem mista, baseado em triangulação de métodos. Na abordagem quantitativa foi realizado estudo transversal com 367 adolescentes escolares do ensino médio de Caxias, MA, selecionados por amostragem probabilística estratificada proporcional. Na abordagem qualitativa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco escolares que sofreram violência sexual nas parcerias íntimas. Realizaram-se análises univariada, por meio de estatística descritiva; bivariada, por meio de Odds Ratio e multivariada, através de regressão logística múltipla, com Odds Ratio ajustadas e respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) com nível de significância estatística de 5%. Os dados qualitativos foram interpretados com base na análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Os estudantes apresentaram idade média de 17,3 ($\pm 1,2$) anos, predomínio do sexo feminino (65,9%), autodeclarados pretos/pardos (83,9%), de religião católica (54,2%) e morando com ambos os pais (43,6%). A prevalência de vitimização por abuso sexual foi de 35,9%. Observou-se alta prevalência de vitimização sexual por namorado(a)/ex-namorado(a) (14,4%; IC95%: 10,6-18,3). Os fatores associados significativamente ($p < 0,05$) com sofrer violência sexual incluíram, dentre outros, ter realizado consulta com profissional especializado (OR=3,05; IC95%: 1,55-5,98), ideação suicida (OR=2,31; IC95%: 1,14-4,68) e uso de drogas nos últimos 12 meses (OR=2,55; IC95%: 1,01-6,43). Os dados qualitativos mostraram desde experiências sutis de violência, a exemplo de carícias e toques indesejados, até tentativas de manutenção de relação sexual forçada nas relações de namoro, frequentemente precedidas de experiências anteriores em outras esferas relacionais e sobreposição de violências. Alguns adolescentes não reconheceram experiências sofridas como sendo eventos violentos, inclusive apresentando discursos legitimadores de violência. As principais formas de enfrentamento incluíram partilha das experiências com as mães, mudanças de atitude frente aos relacionamentos, e apenas uma adolescente recorreu a órgãos de proteção, sofrendo processo de revitimização. O conjunto do estudo mostrou que os impactos

produzidos diferem conforme as características da violência sofrida, porém sentimentos de medo, culpa, vergonha e isolamento social foram comuns, bem como comportamentos suicidas e consumo de álcool e outras drogas. **Conclusão:** Verificou-se alta prevalência de violência sexual entre os escolares do ensino médio na cidade de Caxias, no estado do Maranhão, em diferentes esferas relacionais, com destaque para as parcerias íntimas, associada a fatores como consumo de bebidas alcólicas e outras drogas, ideação suicida e importantes problemas emocionais e/ou psicológicos.

Palavras chave: Adolescentes. Escolares. Violência Sexual. Violência por Parceiro Íntimo.

ABSTRACT

Introduction: Sexual abuse against adolescents is understood as a social and public health problem, with adolescents being subjected to this type of violence in several relational spheres, including in their intimate partnerships. **Objective:** To characterize sexual abuse against adolescents in the school environment and in intimate partnerships. **Methodology:** Mixed approach study, based on triangulation of methods. In the quantitative approach, a cross-sectional study was performed with 367 high school students from Caxias, MA, selected by proportional stratified probabilistic sampling. In the qualitative approach, semi-structured interviews were carried out with 5 students who suffered sexual violence in dating relationships. Univariate analyzes were performed using descriptive statistics; bivariate, by means of Odds Ratio; and multivariate analysis using multiple logistic regression with adjusted Odds Ratio and respective 95% (95%CI) confidence intervals with a statistical significance level of 5%. Qualitative data were interpreted based on the Bardin content analysis. **Results:** The students had a mean age of 17.3 (± 1.2) years, predominantly female (65.9%), self-declared blacks/browns (83.9%), of catholic religion (54.2%) and living with both parents (43.6%). The prevalence of sexual abuse victimization was 35.9%. There was a high prevalence of sexual victimization by boyfriend (girlfriend)/ex-boyfriend (girlfriend) (14.4%, 95%CI: 10.6-18.3). The factors significantly associated ($p < 0.05$) with suffering sexual violence included, among others, having consulted with a specialized professional (OR=3.05, 95%CI: 1.55-5.98), suicidal ideation (OR=2.31, 95%CI: 1.14-4.68) and drug use in the last 12 months (OR=2.55; 95%CI: 1.01-6.43). Qualitative data showed from subtle experiences of violence, such as caresses and unwanted touches, to attempts of maintaining forced sexual intercourse in dating relationships, often preceded by previous experiences in other relational spheres and overlapping of violence. Some adolescents did not recognize experiences suffered as violent events, including presenting legitimizing discourses of violence. The main means of coping included sharing experiences with mothers, changing attitudes toward relationships, and only one adolescent sought for protective organs, undergoing revictimization process. The study as a whole showed that the impacts produced are different according to the characteristics of the violence suffered, but feelings of fear, guilt, shame and social isolation were common, as well as suicidal behaviors and alcohol consumption and

other drugs. **Conclusion:** There was a high prevalence of sexual violence among high school students in the city of Caxias, state of Maranhão, in different relational spheres, with emphasis on intimate partnerships, associated to factors such as alcohol consumption and other drugs, suicidal ideation and important emotional and/or psychological problems.

Keywords: Adolescents. Students. Sexual violence. Violence by intimate partner.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Banco Interamericano do Desenvolvimento
CDC	Center for Disease Control and Prevention
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC95%	Intervalo de Confiança de 95%
OMS	Organização Mundial da Saúde
OR	Odds Ratio
PAJ	Parcours Amoureux des Jeunes
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
SEDH	Secretaria Nacional de Direitos Humanos
SPSS	Statistical Package for the Social Science
TALE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
WHO	World Health Organization

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Distribuição dos escolares do ensino médio de escolas públicas por região geográfica. Caxias, MA, 2018.....30

Quadro 2. Caracterização dos escolares do ensino médio de escolas públicas participantes da etapa qualitativa. Caxias, MA, 2018.....43

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.** Caracterização dos adolescentes do ensino médio. Caxias, MA, 2018.....36
- Tabela 2.** Análise bivariada dos fatores associados à experiência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.....38
- Tabela 3.** Análise multivariada dos fatores associados à experiência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.....40
- Tabela 4.** Prevalência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio, por autor de agressão, com respectivos intervalos de confiança. Caxias, MA, 2018.....41
- Tabela 5.** Relação entre sofrer e ser autor de violência sexual no namoro em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.....41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 Violências: definições e tipologias	18
2.2 Violência Sexual na Adolescência	20
2.3 Abuso sexual: um grave problema de saúde pública	23
2.4 Violência sexual nas parcerias íntimas	25
3 OBJETIVOS	28
3.1 Objetivo geral	28
3.2 Objetivos específicos	28
4 METODOLOGIA	29
4.1 Natureza da pesquisa	29
4.2 População e amostra	29
4.3 Procedimentos e instrumentos de pesquisa	30
4.3.1 Abordagem quantitativa	30
4.3.2 Abordagem qualitativa	31
4.4 Aspectos éticos e legais	33
4.5 Critérios de inclusão e exclusão	33
4.6 Organização e análise dos dados	34
5 RESULTADOS	36
5.1 Abordagem quantitativa	36
5.2 Abordagem qualitativa	42
5.2.1 Caracterização dos entrevistados	44
5.2.2 Experiência de vitimização e percepções sobre violência	44
5.2.2.1 Experiência de vitimização no namoro	44
5.2.2.2 Percepções sobre violência e vitimização anterior	45
5.2.3 Impactos e estratégias de enfrentamento da violência	47
5.2.3.1 Impactos da vitimização por abuso sexual	47
5.2.3.2 Enfrentamento da vitimização por abuso sexual	49
6 DISCUSSÃO	52
7 CONCLUSÃO	64
REFERENCIAS	66

APÊNDICES	72
APÊNDICE A – Manuscrito	73
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	90
APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	92
APÊNDICE D – Questionário das Entrevistas Semiestruturadas.....	94
APÊNDICE E – Íntegra das Entrevistas Semiestruturadas	95
ANEXOS	109
ANEXO A – Questionário “<i>Parcours Amoureux dès Jeunes</i>”.....	110
ANEXO B – Autorização das Escolas Participantes	118
ANEXO C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética.....	119

1 INTRODUÇÃO

A infância e a adolescência correspondem às fases iniciais do desenvolvimento biopsicossocial do ser humano (LUSTOSA et al., 2014), entretanto definir adolescência é uma tarefa difícil, visto que fatores que determinam seu início e final, assim como as suas características, estão associados com determinantes socioculturais e não apenas com faixa etária (CARVALHO, 2012).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu artigo segundo, define criança como “a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. O Ministério da Saúde do Brasil, por sua vez, adota o mesmo referencial da Organização Mundial da Saúde (OMS) para definir a adolescência como sendo a fase compreendida entre os 10 e os 19 anos de idade (CARVALHO, 2012).

De acordo com o ECA, às crianças e adolescentes brasileiros são asseguradas proteção à vida e à saúde e punição para qualquer ato ou omissão que atente contra os seus direitos fundamentais. Conforme o estatuto afirma, no seu artigo quinto, “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão [...]” (BRASIL, 1990).

No Brasil, todavia, os últimos dados oficiais disponibilizados pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos (SEDH) mostram que, no ano de 2017, foram registradas mais de 84 mil denúncias de violação dos direitos das crianças e adolescentes por meio dos canais da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, o que representou 58,91% de todos os casos recebidos pelo serviço (BRASIL, 2018).

A violência é uma forma grave de violação dos direitos fundamentais e pode resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação, conforme definição da OMS. Nunes e Sales (2016) enfatizam que a experiência de violência na infância e adolescência se traduz em um evento estressor que causa prejuízo ao crescimento e desenvolvimento humano.

A violência, por ser um fenômeno complexo, se manifesta de múltiplas maneiras, a exemplo da violência física, psicológica, simbólica e sexual. Esta última, objeto deste estudo, pode ser entendida como sendo o abuso, exploração ou violação do corpo do outro na perspectiva de obtenção de prazer sexual, e divide-se

em abuso sexual intrafamiliar, abuso sexual extrafamiliar e exploração sexual comercial (SOUZA; BARBOSA, 2015).

Segundo Santos et al. (2018), estima-se que 40 milhões de crianças e adolescentes sejam vítimas de abuso sexual anualmente no mundo, porém é preciso considerar a grande subnotificação nestes casos. Dentre todas as denúncias nas plataformas da SEDH em 2017, mais de 24% dos casos envolveram crimes de violação sexual (BRASIL, 2018).

A OMS afirma que o abuso sexual infantil consiste no envolvimento de uma criança ou adolescente em atividade sexual que ele não compreende totalmente, para a qual é incapaz de dar consentimento ou, em razão de seu desenvolvimento, não está apto, ou ainda em atividade sexual que viole as leis sociais (WHO, 2003).

Situações de abuso sexual de crianças e adolescentes são consideradas problemas sociais e ocorrem em todas as classes socioeconômicas, entretanto são observadas maiores prevalências no seio de famílias de classes socioeconômicas mais baixas (MEKURIA; NIGUSSIE; ABERA, 2015). São ainda graves problemas de saúde pública, visto que causam danos físico, psicológico e social (LUSTOSA et al., 2014; SOUZA; BARBOSA, 2015) e que podem ter consequências no desempenho educacional (HAILE; KEBETA; KASSIE, 2013; MEKURIA; NIGUSSIE; ABERA, 2015).

Estima-se que 7,9% dos homens e 19,7% das mulheres tenham sido vítimas de abuso sexual antes dos 18 anos de idade no mundo. Estima-se também uma maior prevalência no continente africano, seguida de Europa, América e Ásia (SINGH; PARSEKAR; NAIR, 2014).

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), de 2015, 4,0% dos escolares brasileiros com idade entre 11 e 19 anos já foram forçados a ter relação sexual pelo menos uma vez na vida. No Nordeste, este número é de 3,9% dos escolares. No Maranhão 5,7% dos escolares já tiveram esta experiência violenta (IBGE, 2016). Em Caxias, MA, dados do Conselho Tutelar mostram que no ano de 2016 foram denunciados 805 casos de violação dos direitos da criança e do adolescente, sendo que 39 (4,85%) casos eram referentes a abuso sexual/estupro de crianças e adolescentes.

A literatura indica que a maioria dos casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes são cometidos por conhecidos da vítima, chamando atenção os casos de violência sexual nas parcerias íntimas dos adolescentes (COSTA et al., 2018).

Espelage et al. (2018) destacam que a violência nas relações de namoro de adolescentes se tornaram preocupações significativas de saúde pública nos Estados Unidos, incluindo atividade sexual não consentida com ou sem penetração, assédio sexual e tentativas de obtenção de atividade sexual, com prevalências observadas de 15,6% no sexo feminino e 5,4% no sexo masculino.

Apesar de pouco explorada, a temática do abuso sexual nas relações amorosas de adolescentes não pode ser negligenciada, visto que nessa fase do desenvolvimento emergem as primeiras experiências afetivas e sexuais, possibilitando a ocorrência de experiências de violência (OLIVEIRA et al., 2011).

Diante da complexidade do problema, do desconhecimento de estudos anteriores sobre o assunto no município de Caxias e dos constantes noticiários na imprensa local sobre casos de violação sexual de crianças e adolescentes, surgiu o interesse em estudar de forma aprofundada esta temática. Soma-se a isso a militância do autor na Pastoral da Juventude – órgão ligado à Igreja Católica – com o desenvolvimento da Campanha Contra Violência e Extermínio de Jovens e da Campanha de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher, assim como a vivência em espaços de reflexão e enfrentamento às situações de violência contra adolescentes e jovens no município de Caxias, a exemplo de participação em fóruns comunitários e conferências municipais dos direitos da criança e adolescente e conferências da juventude.

O trabalho apresenta uma fundamentação teórica sobre as definições e tipologias de violência e abuso sexual na adolescência. Posteriormente, realiza-se uma discussão sobre o abuso sexual como problema de saúde pública, para finalmente apresentá-lo nas relações de namoro. A triangulação de métodos foi a metodologia adotada, sendo inicialmente realizado um levantamento quantitativo a fim de identificar adolescentes vítimas de abuso sexual, caracterizá-los sociodemograficamente e verificar fatores associados. A partir destes dados, foram selecionados escolares que sofreram experiências de vitimização nas parcerias íntimas, para entrevistas semiestruturadas, com a finalidade de analisar em profundidade como se dão as experiências de vitimização e quais os impactos produzidos na vida das vítimas. Após apresentação dos resultados, procede-se com uma discussão com base nas observações dos pesquisadores e na literatura nacional e internacional.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Violências: definições e tipologias

A OMS, ao verificar dados de morbimortalidade por causas externas em adolescentes, incluindo a violência, estima que ocorram aproximadamente 875 mil casos de morte por ano. Experiências de violência sofridas nessa etapa do desenvolvimento biopsicossocial produzem efeitos devastadores que incidem diretamente sobre a qualidade de vida dos adolescentes vitimizados (MALTA et al., 2017).

Apesar de todo o esforço acadêmico em estudar a violência, há uma grande dificuldade em definir o que é este fenômeno, pelo fato de ser uma construção social que sofre a influência de fatores sociais, econômicos, culturais, históricos e do caráter multifacetado com o qual se apresenta, além da experiência de vida de cada indivíduo envolvido (ASSIS; MARRIEL, 2010).

Ao definir a violência, a OMS associa o caráter intencional com a prática do ato e a define como sendo o uso real da força física, do poder ou ameaça contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (WHO, 2002).

Para Ribas e Carvalho (2016), analisar o fenômeno da violência é algo complexo não somente por ter várias facetas, mas, principalmente, por fazer refletir sobre nós mesmos, nossos pensamentos, sentimentos e atitudes. Por ter percepções distintas, a partir de diferentes perspectivas, possibilita uma infinidade de compreensões; no entanto é importante lembrar que sua compreensão requer a consideração das transformações da sociedade, o momento histórico e o contexto de inserção dos indivíduos.

Diversas são as formas de apresentação da violência. Com base na resolução WHA 49.25 da *World Health Assembly* de 1996, a OMS desenvolveu uma tipologia que caracteriza suas diferenças de acordo com as características daqueles que cometem o ato violento, a saber: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva. Embora não seja fácil identificar as fronteiras entre os diferentes tipos de violência, ao abordar a natureza, a relevância do meio social e comunitário, a relação entre os sujeitos envolvidos e as possíveis motivações existentes, essa

divisão tipológica auxilia na compreensão desse complexo fenômeno (COELHO; SILVA; LINDNIER, 2014).

A violência autodirigida contempla o comportamento suicida, envolvendo desde a ideação suicida, a tentativa de suicídio, até o ato propriamente dito, além também de automutilações. A violência interpessoal é subdividida em violência comunitária e violência familiar, sendo que nesta última podem-se incluir a violência infligida pelo parceiro íntimo e o abuso contra crianças e idosos; enquanto na violência comunitária incluem-se a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais (escolas, locais de trabalho, prisões e asilos). Por violência coletiva entendem-se atos violentos que se desenvolvem no âmbito macrossocial, político e econômico caracterizado pela dominação de grupos e do próprio estado (COELHO; SILVA; LINDNIER, 2014).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência contra crianças e adolescentes pode ser classificada em violência física, sexual, emocional ou psicológica e em negligência (WHO, 2006). Esta classificação é amplamente utilizada na literatura, e apresentam as seguintes características:

- a. Violência física: entendida como o uso intencional de força física que resulte ou possa resultar em danos à saúde, ao desenvolvimento e à dignidade da vítima.
- b. Violência psicológica/emocional: este tipo de violência envolve incidentes isolados, falhas dos responsáveis pela criança e/ou adolescente em fornecer um ambiente de desenvolvimento adequado e de apoio, incluindo restrição de movimento, padrões de menosprezo, culpabilização, ameaças, rejeição, bullying, ridicularização e outras formas de tratamento hostil.
- c. Negligência ou abandono: também inclui falhas no provimento das condições mínimas e adequadas para o desenvolvimento e o bem-estar da criança e/ou adolescente, nas áreas de saúde, educação, nutrição, moradia, desenvolvimento emocional, lazer, cultura e condições de vida segura, assim como o abandono. Importa ressaltar que as crianças negligenciadas não são exclusivamente de famílias pobres.
- d. Abuso sexual: conforme já citado, abuso sexual é o envolvimento de um menor em atividade sexual que ele não compreende totalmente ou que não está apto em decorrência de sua fase do desenvolvimento biopsicomotor, ou

ainda em atividade que viole as regras e leis sociais de determinada sociedade. As crianças e adolescentes podem ser abusados sexualmente por adultos ou pares, que em virtude da idade ou etapa do desenvolvimento encontram-se em posição de responsabilidade, confiança ou poder sobre a vítima.

Segundo Carvalho, Assis e Pires (2017), experiências de violência sexual acontecem em todas as camadas da sociedade, assim como podem acontecer nas diferentes etapas de vida dos indivíduos, sendo a adolescência uma das fases de maior vulnerabilidade, especialmente do sexo feminino, o que chama a atenção para os casos em que esse tipo de violência é naturalizado nas relações afetiva-sexuais dos adolescentes escolares.

2.2 Violência Sexual na Adolescência

Segundo Carvalho (2012) a adolescência constitui-se como um período de vivência de conflitos, definições, inseguranças e contradições na perspectiva de construção da identidade e estabelecimento das relações sociais. Ao vivenciarem experiências de violência sexual, os adolescentes terão como possibilidade o estabelecimento de uma imagem corporal de subordinação e agressividade no ato sexual, exercendo influência sobre o processo de saúde.

Situações de violência sexual apresentam-se de formas distintas, seja pela relação agressor-vítima, pelo tipo e a forma de violência cometida, como também pelas características temporais em que acontecem (frequência e duração). Configura-se, portanto, como um fenômeno complexo e de difícil definição, não havendo um consenso da comunidade científica que estabeleça uma definição padrão. Todavia, entende-se que violência sexual é toda atividade sexual estabelecida de maneira inapropriada, não consensual e forçada (CARVALHO, 2012).

A submissão de crianças e adolescentes à situação de violência sexual rompe com as regras sociofamiliares de responsabilização dos adultos para com os indivíduos em formação e desenvolvimento, transgredindo direitos e atentando gravemente contra a dignidade do outro (WHO, 2006).

A OMS define violência sexual como sendo:

Todo ato sexual ou tentativa de obter um ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, ou tráfico ou qualquer outra forma, direcionada contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, por qualquer pessoa, independente de sua relação com a vítima, em qualquer cenário, incluindo, mas não limitado, à casa e ao trabalho (WHO, 2002)¹.

Por essa definição, observa-se a complexidade desse fenômeno que envolve atitudes indesejadas perpetradas contra a sexualidade do outro independentemente do relacionamento estabelecido com a vítima, e que pode acontecer em qualquer ambiente e em diferentes ocasiões.

A violência sexual inclui o contato ou manipulação das partes íntimas ou das roupas que revestem essas partes íntimas, contato que envolva ou não a penetração não consensual, beijo e carícias, pelo exercício de força física ou coerção psicológica (HAILE; KEBETA; KASSIE 2013), e atos em que não se estabelece contato físico, a exemplo do *voyeurismo*, exibicionismo, produção e divulgação de fotos e vídeos, e outros (HOHENDORFF; KOLLER; HABIGZANG, 2015).

Hohendorff, Koller e Habigzang (2015) sustentam que vitimização de adolescentes por abuso sexual é uma situação corriqueira, com estudos que destacam a ocorrência de experiências sexuais indesejadas em até 19,7% das meninas e 7,9% dos adolescentes com idade escolar. Estas experiências assumem muitas formas, a exemplo do abuso sexual intrafamiliar, abuso sexual extrafamiliar e exploração sexual comercial (SOUZA; BARBOSA, 2015).

Segundo a OMS, as situações de violência sexual são mais comuns no ambiente familiar. Porém, ambiente de trabalho, escolas, prisões, estradas, espaços de amplo acesso, como parques, são locais onde frequentemente observa-se a ocorrência dessa violência (WHO, 2003). O agressor pode ser um membro familiar, parceiro íntimo, um amigo, um conhecido qualquer, ou alguém completamente desconhecido, mas frequentemente o agressor é alguém que a vítima conhece. Tal fato potencializa o dano causado na vida de crianças e adolescentes vítimas, posto que pessoas por elas consideradas fonte de segurança e proteção são aquelas a violá-las sexualmente.

¹Livre-tradução de “any sexual act, attempt to obtain a sexual act, unwanted sexual comments or advances, or acts to traffic, or otherwise directed, against a person’s sexuality using coercion, by any person regardless of their relationship to the victim, in any setting, including but not limited to home and work” (KRUG et al., 2002).

De acordo com Cardin, Mochi e Bannach (2011), o abuso sexual intrafamiliar é uma das formas mais danosas de violência, entendido como agressão perpetrada por indivíduo ligado à criança ou ao adolescente por laços de parentesco ou responsabilidade, que priva a vítima do pleno exercício e gozo de seus direitos, e desencadeia danos ao desenvolvimento biopsicossocial desta. Ao ser praticado por indivíduo que possui consanguinidade com a vítima, define-se a prática do abuso como incesto, sendo a relação pai e filha a forma mais frequentemente observada, porém não exclusiva, sendo observada também a relação entre irmãos, mãe-filha, pai-filho, mãe-filho (SOARES; LOPES; NJAINE, 2013).

Alguns autores fazem distinção entre violência doméstica e abuso sexual intrafamiliar, a exemplo de Soares, Lopes e Njaine (2013). Para estes, a violência doméstica é entendida como aquela exercida dentro da casa da vítima, no entanto o agressor pode não ser um membro familiar. Já a violência sexual intrafamiliar é entendida como toda forma de abuso sexual exercida dentro do contexto familiar em que o perpetrador possui parentesco com a criança ou adolescente vitimizados, porém, o agressor não necessariamente reside na mesma casa que a vítima.

No que se refere ao abuso sexual extrafamiliar, entende-se como a forma de vitimização sexual de crianças e adolescentes exercida por indivíduo conhecido ou não da família e/ou da vítima, sem vínculo familiar ou parentesco (NEVES et al., 2010). Nesse tipo de abuso, o contato entre o agressor e a vítima frequentemente se estabelece em visitas à família ou em situações nas quais o agressor é tido como pessoa de confiança dos pais da vítima, podendo inclusive ser exercida por outro adolescente, a exemplo de amigos, colegas e parceiros íntimos. Sobre a violência perpetrada por pares (adolescentes), Soares, Lopes e Njaine (2013) enfatizam que a situação de violência se estabelece na relação abusiva de poder, autoridade, coerção empregada pelo vitimizador e não pela diferença de idade entre os sujeitos da situação de abuso.

Tendo em vista que, depois do ambiente familiar, é no ambiente escolar que os adolescentes permanecem por mais tempo, este será também o espaço privilegiado em que a criança reproduzirá aquilo que vivencia no ambiente doméstico. Desse modo, indivíduos que são vítimas de abusos no ambiente intrafamiliar podem apresentar dificuldades no aprendizado e rendimento escolar (SILVA, 2012).

A exploração sexual, por sua vez, insere crianças e adolescentes no obscuro mercado do sexo, em que o corpo é a mercadoria, e inclui a pornografia, turismo sexual, tráfico humano e a prostituição (TEIXEIRA-FILHO et al., 2013; FALEIROS; FALEIROS, 2008). Faleiros e Faleiros (2008) destacam que o advento da internet proporcionou crescimento considerável do mercado de comercialização sexual de crianças e adolescentes, com expansão da veiculação de imagens e vídeos pornográficos de crianças e adolescentes.

O abuso sexual consiste em uma atitude violenta e agressiva pelo exercício de poder, controle e hostilidade, com a proposta de humilhar e violar o bem-estar, a sexualidade, a privacidade e a segurança da vítima (WHO, 2003).

A experiência de vitimização evidencia que a violência sexual cometida contra adolescentes está associada a um contexto complexo em que um conjunto de fatores socioeconômicos e culturais favorecem seu processo (PEDERSEN, 2009). Segundo Quirino (2015), o processo de vitimização pode ser primário, secundário e terciário; o processo primário é entendido como o provocado pela conduta de violação dos direitos da vítima, o processo secundário compreende o processo de vitimização causado pelas instituições do controle social, (ministério público, polícia, etc.), no processo de apuração do delito, e finalmente o processo terciário de vitimização que se dá no convívio familiar ou no ambiente social.

2.3 Abuso sexual: um grave problema de saúde pública

As repercussões da vitimização por abuso sexual não se limitam ao campo das relações sociais, mas incidem diretamente sobre a saúde dos indivíduos. Segundo Singh, Parsekar e Nair (2014), estimativas da OMS apontam que, no mundo, 73 milhões de garotos e 150 milhões de meninas com idade inferior a 18 anos sofreram ao menos uma experiência sexual indesejada.

A partir da década de 1980, a comunidade científica e os sistemas de saúde pública passaram a se dedicar ao estudo da dinâmica da violência na intenção de entendê-la e apontar estratégias de prevenção (DAHLBERG; KRUG, 2007). Estes autores ressaltam que entender a violência, a exemplo da violência sexual, como problema de saúde pública envolve quatro etapas: conhecer o problema em todos os seus aspectos e dimensões, e dados sobre suas características e consequências; investigar as causas e fatores associados ao aumento ou redução dos índices de

violência; identificar estratégias de monitoramento e prevenção; disseminar informação e intervenções.

A violência sexual é considerada um grave problema de saúde pública, dentre outros fatores, por conta dos efeitos emocionais, psicológicos, mentais e físicos que produz nas vítimas, em suas famílias e sociedade, além de repercussões no processo saúde e doença, como possibilidade de infecção por doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada que potencialmente pode levar à prática do aborto, muitas vezes sem assistência adequada (BASILE; SMITH, 2011; SOARES et al., 2016; BRASIL, 2010).

Basile e Smith (2011) enfatizam outros motivos para classificação da violência sexual como problema de saúde pública, dentre eles estão: a magnitude e alta prevalência nas populações de vários países; ocorrência de muitas lesões físicas e psicológicas envolvidas no processo de vitimização; e ainda o fato de ser um evento evitável.

A OMS define que as intervenções da saúde pública devem acontecer em três níveis de prevenção da violência: prevenção primária, para prevenir a violência antes que ocorra; prevenção secundária, com respostas imediatas à violência, como tratamento de infecções sexualmente transmissíveis; e prevenção terciária, caracterizada como cuidados de longa duração na perspectiva de reabilitar, reintegrar e reduzir danos (WHO, 2002).

No Brasil, diante da problemática da violência sexual, importantes medidas foram tomadas, a exemplo da aprovação da lei 8.069 de 13 de julho de 1990, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que, dentre as várias garantias legais estabelecidas, garante atenção integral à criança e ao adolescente. O Ministério da Saúde estabeleceu a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por acidentes e violências em 2001, com foco em medidas de prevenção e promoção da saúde, e as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde, publicadas em 2010, visando a sensibilização para uma perspectiva integral e holística dessa população, com o objetivo de formular estratégias de enfrentamento das situações de vulnerabilidade a que esses grupos são expostos, contribuindo assim para o seu desenvolvimento saudável (LUSTOSA et al., 2014; BRASIL, 2010).

Apesar de ser mais comum em países com menores indicadores sociais e econômicos, a violência sexual é uma “epidemia” mundial com alta prevalência, apesar da subnotificação, sobretudo no que concerne aos casos de abuso sexual intrafamiliar (CARVALHO, 2012). De acordo com o Ministério da Saúde, dentre as formas de violência perpetradas contra indivíduos na faixa etária dos 10 aos 19 anos, a vitimização por violência sexual representa mais da metade dos atendimentos nos serviços de saúde (BRASIL, 2010). No entanto, o setor saúde não está preparado para lidar com o fenômeno da violência.

No Brasil, o estudo de Rosa et al. (2010) analisou as percepções de futuros profissionais de saúde a respeito da problemática da violência e constatou que a maioria dos entrevistados limitam o conceito de violência a situações que provoquem danos físicos à vítima, não sendo capazes de reconhecer as representações sociais, simbólicas e psicológicas que a violência produz.

Carvalho (2012) destaca que a rede de atenção às mulheres vítimas de violência sexual ainda é muito reduzida e com profissionais sem preparo para identificar as situações de abuso, ou para a condução de casos revelados no seu ambiente de trabalho, e é ainda mais incipiente na prestação de serviços a adolescentes do sexo masculino vitimizados, uma vez que este é frequentemente negligenciado. Além da complexidade e do caráter multifacetado que dificulta a conceituação da violência sexual, experiências de vitimização de adolescentes em idade escolar e graves repercussões sobre o processo de saúde das vítimas, ressalta-se uma elevada prevalência de eventos violentos nas parcerias íntimas de adolescentes.

2.4 Violência sexual nas parcerias íntimas

Na fase da adolescência começam a serem formadas as primeiras relações amorosas dos indivíduos, em um período considerado crítico pela importância que tem na construção da identidade e personalidade do adolescente (GUERREIRO et al., 2015).

Na definição de namoro são consideradas três variáveis: o compromisso, a interação futura e a intimidade física, sendo necessário considerar o momento histórico, fatores sociais e culturais envolvidos. Guerreiro et al. (2015) destacam que no passado o namoro era um período curto e se encaminhava para o casamento,

sempre sob a tutela e controle dos pais, porém atualmente o namoro se constitui de relações curtas, às vezes com coabitação e o casamento pode não ser almejado, ao menos nos moldes tradicionais.

Situações de violência sexual se manifestam com muita frequência, atualmente, em relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes e jovens; isso se dá, sobretudo, porque a adolescência abriga as primeiras experiências amorosas e sexuais (COSTA et al., 2018). Um estudo desenvolvido em 10 capitais brasileiras mostrou que 43,8% dos adolescentes e jovens avaliados já sofreram e 38,0% já perpetraram alguma forma de violência no relacionamento amoroso (SOARES, 2012).

Segundo a OMS, a violência por parceiro íntimo refere-se à experiência de violência em uma relação que causa dano físico, emocional e sexual, incluindo abuso sexual, físico, psicológico e comportamentos controladores (OMS, 2012). De acordo com Oliveira et al. (2011), aproximadamente 86,9% dos adolescentes já foram vítimas e 86,8% já foram autores de violência sexual, física e/ou psicológica durante o relacionamento. Verifica-se ainda que 76,6% dos adolescentes se identificam como vítimas e autores de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais.

A maioria dos casos de violência sexual são perpetrados por homens contra mulheres, inclusive nos relacionamentos íntimos. No entanto, também existem casos em que as mulheres são autoras de violência sexual contra o parceiro, e este comportamento pode estar presente entre casais do mesmo sexo (OMS, 2012).

A violência nas parcerias íntimas potencialmente tem como consequência medo, ansiedade, sentimentos depressivos, alterações de humor, dificuldades relacionais, ideação suicida, dentre outras situações. São frequentes fatores que ajudam a manter os relacionamentos abusivos e a instauração do segredo, que dificulta a busca por serviços de apoio e proteção, como a presença de sentimento de culpa e vergonha da situação vivenciada (GUERREIRO et al., 2015).

Os autores ressaltam ainda que a violência nas parcerias íntimas de adolescentes escolares atinge diretamente o desempenho estudantil, uma vez que a maioria dos relacionamentos amorosos dos adolescentes ocorre no contexto escolar, ou seja, onde o contato entre os envolvidos em eventual experiência de violência é muito comum. Na perspectiva de evitar contato com a pessoa envolvida, o escolar se torna menos assíduo nas aulas e atividades escolares, e apresenta dificuldades de concentração e relacionamentos com os colegas e professores.

Oliveira et al. (2012) destacam a existência de alguns fatores essenciais para o surgimento de experiências de violência nos relacionamentos amorosos de adolescentes, a exemplo de fatores sociodemográficos (idade, raça, condições socioeconômicas, etc.), história familiar e experiências de vitimização (estrutura e coesão familiar, abuso sexual na infância, vivência de violência na família), fatores individuais (entendimento acerca de papéis sexuais, autoestima, atitudes diante da violência nas relações amorosas), fatores interpessoais (tipos de experiências amorosas e sexuais anteriores, nível de envolvimento no relacionamento, cumplicidade entre os parceiros) e, por fim, fatores explicativos (envolve o alcance da experiência de violência sobre o relacionamento e o grau de tolerância à violência).

Guerreiro et al. (2015) enfatizam que a vítima de violência nas relações afetivo-sexuais possui grande tendência a se tornar vítima e/ou autor de violência doméstica na vida adulta, tendo em vista que na adolescência inicia-se a etapa de formação da personalidade, quando os adolescentes podem internalizar comportamentos agressivos e abusivos como normativos.

Caracterizar a dinâmica do abuso sexual entre os adolescentes escolares envolve o levantamento de dados na perspectiva de mensuração do problema e verificação de potenciais fatores associados, mas também é necessário escutar os sujeitos envolvidos nas experiências de vitimização, sobretudo as vítimas, partindo assim de sua subjetividade e percepções sobre violência.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Caracterizar o abuso sexual contra adolescentes no ambiente escolar e nas parcerias íntimas.

3.2 Objetivos Específicos

- Descrever sociodemograficamente as vítimas de abuso sexual;
- Identificar os perpetradores e fatores associados;
- Analisar os impactos da vitimização por abuso sexual no namoro em adolescentes escolares.

4 METODOLOGIA

4.1 Natureza da pesquisa

Este estudo é resultante do projeto original intitulado “Abuso Sexual em Adolescentes Escolares: experiência de vitimização e seus impactos” e se fundamenta em uma abordagem quantitativa e qualitativa, baseado em triangulação metodológica sequencial. Figaro (2014) destaca que a triangulação pode ser realizada a partir de quatro tipos: de dados; de teoria; de pesquisador e de métodos. A aplicação da triangulação metodológica deve ser feita quando são utilizados diferentes métodos investigativos na recolha de dados e análise do objeto de estudo. Esse mesmo autor destaca que o uso da triangulação objetiva compreender em profundidade o objeto em estudo.

Na abordagem quantitativa, realizou-se um estudo transversal sobre as características do abuso sexual em adolescentes escolares do ensino médio. Na abordagem qualitativa, por sua vez, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com adolescentes que sofreram violência sexual na relação de namoro.

4.2 População e amostra

A cidade de Caxias, interior do Maranhão, possui em sua área urbana 11 escolas públicas de ensino médio, com um total de 5.915 estudantes matriculados nesse nível de ensino no ano de 2017, segundo dados da Gerência Regional de Educação em Caxias. A cidade não possui uma divisão geográfica oficial que agrupe bairros vizinhos, porém a Prefeitura Municipal realizou uma divisão da cidade em cinco zonas (Leste, Central, Norte, Sul e Oeste) para discussão e elaboração do Plano Plurianual de Políticas Públicas, essa mesma divisão foi utilizada neste estudo para obtenção de amostra representativa dos estudantes da cidade.

Dentre as escolas, 1 localiza-se na zona Leste, 2 na zona Norte, 1 na zona Sul, 2 na zona Oeste e 5 na região central. A amostragem foi do tipo probabilística estratificada proporcional. Inicialmente foram selecionadas as escolas participantes, uma de cada área geográfica da cidade (zonas), perfazendo um total de 5 escolas. A seleção dos alunos foi realizada através de sorteio, conforme a série do ensino médio e segundo o sexo, após a listagem dos alunos matriculados e ativos em cada

escola sorteada. A obtenção da amostra mínima foi realizada com o uso do programa Epi Info 7.2.1.0 (*Centers for Disease Control and Prevention*, Atlanta, Estados Unidos), sendo a população total de 5.915 estudantes do ensino médio da rede pública estadual de ensino, adotou-se intervalo de confiança de 95%, prevalência de 50% para maximizar a amostra (visto que não há dados específicos a esse público na literatura), precisão de 5% e nível de significância de 5%. Obteve-se a amostra mínima de 361 escolares. A amostra foi distribuída proporcionalmente ao número de escolares em cada zona da cidade (Quadro 1). A amostra inicial ainda foi aumentada em 10% para compensar possíveis perdas durante a coleta de dados, resultando em uma amostra final de 397 escolares. Após a exclusão de questionários incompletos (n=30), foram incluídos no estudo 367 escolares.

Quadro 1. Distribuição dos escolares do ensino médio de escolas públicas por região geográfica. Caxias, MA, 2018.

Escola	Zona	Alunos matriculados	% população	Amostra mínima	Amostra maximizada	Amostra obtida
Escola A	Leste	260	4,4	15	16	15
Escola B	Central	3110	52,6	189	208	189
Escola C	Norte	685	11,6	42	46	43
Escola D	Sul	631	10,6	39	43	40
Escola E	Oeste	1229	20,8	76	84	80
Total		5.915	100,0	361	397	367

Fonte: dados da pesquisa.

4.3 Procedimentos e instrumentos de pesquisa

4.3.1 Abordagem quantitativa

Para se conhecer o fenômeno do abuso sexual de crianças e adolescentes com precisão, compreender sua dinâmica e propor caminhos de evitá-lo, faz-se necessário mensurar sua magnitude e incidência (INOUE; RISTUM, 2008). As escolas foram selecionadas por sorteio e os alunos selecionados proporcionalmente nas turmas de ensino médio. A investigação da magnitude e características da vitimização por abuso sexual em estudantes do ensino médio da rede pública foi

realizada por meio da aplicação do questionário *Parcours Amoureux des Jeunes-PAJ* (anexo A), cujo conteúdo foi adaptado e validado para o contexto brasileiro por Nascimento (2014).

Originalmente, o instrumento PAJ foi desenvolvido para investigar a violência nas parceiras íntimas com adolescentes e jovens e inclui no seu escopo 60 itens, divididos nos seguintes aspectos: a) informações gerais e sociodemográficas; b) relações afetivas e amorosas; c) experiências difíceis; d) comportamentos sexuais; e) família; f) comportamento e hábitos de vida; g) sentimentos e emoções (NASCIMENTO, 2014). Apesar de ter sido desenvolvido para aferir a vitimização por violência sexual nas parceiras íntimas, o instrumento é capaz de fornecer informações sobre a ocorrência de violência no contexto familiar e comunitário.

Os participantes do estudo responderam o questionário de forma anônima, em sala de aula e em horário acordado com a direção e docentes da escola. Todos os questionários receberam um número de ordem e de formulário conforme números de ordem e de formulário contidos nos termos de assentimento livre e esclarecido, para permitir a identificação dos participantes pelos pesquisadores, fator necessário e indispensável para realização das entrevistas na fase seguinte da coleta de dados. Somente os pesquisadores têm acesso a essas informações e são capazes de identificar os participantes da pesquisa pelos números de identificação dos questionários, sendo garantido o sigilo e o anonimato acerca das informações de cada participante.

4.3.2 Abordagem qualitativa

Na abordagem qualitativa, como já citado, o enfoque não está na quantidade e mensuração dos dados. Compreende-se estas pesquisas como:

Aqueles capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 2001).

Nesta etapa do estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individualizadas com escolares, com uso de gravador de áudio, visando conhecer os impactos e implicações da vitimização por abuso sexual em adolescentes escolares.

Carvalho (2012) afirma que o uso de entrevistas semiestruturadas possibilita a obtenção de informações inerentes à vivência dos entrevistados de forma subjetiva; a combinação de perguntas abertas e fechadas possibilita uma abertura do entrevistado para relatar a situação tema da indagação além do questionamento.

A amostra foi intencional por cota, sendo o tamanho final definido por saturação. Fontanella, Rica e Turato (2008) destacam que a seleção da amostra em abordagens qualitativas não advém do levantamento da distribuição de categorias, uma vez que nas pesquisas qualitativas a preocupação está na necessidade de que a amostra possua e reflita dimensões do contexto estudado.

Na seleção por cotas, de acordo com Oliveira, Almeida e Barbosa (2012) são estabelecidas cotas de acordo com critérios nos quais a escolha dos itens da amostra depende de entendimento pessoal do pesquisador e se dá em função de propriedades tidas como relevantes para o fenômeno estudado. O fechamento do tamanho da amostra foi estabelecido por saturação teórica, mediante a suspensão de novos participantes quando, na avaliação do pesquisador, as informações fornecidas por novos participantes tornaram-se redundantes e não apresentarem mais contribuição significativa para a reflexão teórica (FONTANELLA; RICA; TURATO, 2008).

Diante disso, os adolescentes foram escolhidos de acordo com os resultados obtidos no estudo quantitativo e seu desejo de participação, segundo a seguinte cota: adolescentes que sofreram abuso sexual perpetrado pelo namorado(a)"/"ficante"/parceiro(a), ou seja, adolescentes vítimas de violência sexual nas parcerias íntimas. A abordagem dos escolares para manifestação de interesse em participar desta etapa do estudo foi realizada de forma individualizada.

Elaborou-se um roteiro de entrevistas (apêndice D) para nortear as temáticas a serem abordadas, solicitando que descrevessem suas experiências vivenciadas na infância e adolescência e abordassem o tema da violência sexual; também como se dá seu relacionamento afetivo antes e após a violência; quais as implicações sobre o convívio social; percepções e sentimentos diante da situação de violência.

Por se tratar de um tema delicado, havia possibilidade de alguns questionamentos gerarem desconforto e constrangimento e ainda fazer lembrar experiências desagradáveis nos estudantes que já foram vítimas de violência sexual. Os riscos foram minimizados ao máximo por meio do respeito aos princípios e normas éticas, liberdade de desistência do estudo, confidencialidade e anonimato.

As entrevistas foram realizadas em escolas que contavam com profissional especializado para atuar em casos de alterações psicológicas e emocionais dos adolescentes.

4.4 Aspectos éticos e legais

Realizou-se contato com a Gerência Regional de Educação de Caxias, onde o projeto de pesquisa foi apresentado, e solicitou-se autorização da instituição (anexo B) para aplicação do questionário para obtenção dos dados da pesquisa quantitativa nas escolas de ensino médio da Cidade, e para realização das entrevistas com os alunos na etapa qualitativa. Após autorização, o projeto foi encaminhado para Plataforma Brasil, sendo apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, Campus Teresina, e aprovado em 14/08/2017, sob parecer nº 2.216.562 (anexo C).

Devido à dificuldade de reunir todos os pais na escola para apresentação do projeto e solicitação dos consentimentos, realizou-se a explanação aos alunos e entregou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (apêndice B) para os alunos selecionados, pedindo que levassem para casa e apresentassem aos pais para a manifestação de seu consentimento. Mediante a autorização dos pais/responsáveis, os escolares, já esclarecidos, receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE (apêndice C) e manifestaram sua decisão sobre a participação neste estudo.

4.5 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos adolescentes regularmente matriculados no ensino médio, com idade máxima de 19 anos, conforme recomendação da OMS para adolescente; escolares de ambos os sexos que aceitaram participar voluntariamente do estudo, tendo assinado o termo de assentimento livre e esclarecido e autorizados pelos pais/responsáveis mediante termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

4.6 Organização e análise dos dados

O estudo tem como variável dependente ter sofrido abuso sexual em alguma ocasião da vida, obtida a partir das questões 15 (a partir do item I), 27.F e 28 (a partir do item G1) do questionário PAJ (vide anexo A). As respostas foram categorizadas em Sim (1) e Não (0). O sim para qualquer um dos itens da questão 28 e ter assinalado pelo menos 1 vez para os itens das questões 15 e 27.F classifica o indivíduo como vítima de abuso sexual.

As variáveis independentes foram: sexo, idade, com quem mora, raça, escolaridade da mãe, ocupação da mãe, ocupação do pai, religião, participa de grupo de pessoas com problemas psicológicos/emocionais, uso de medicamentos para problemas psicológicos/emocionais, ideação suicida, tentativa de suicídio, já consumiu bebida alcoólica/drogas, consumo de bebida nos últimos 12 meses, uso de drogas nos últimos 12 meses.

Realizou-se dupla digitação dos dados no programa estatístico IBM *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 20.0, visando a observação de possíveis erros de digitação dos dados. Os dados foram analisados nesse mesmo pacote estatístico.

A análise univariada foi realizada por meio de estatística descritiva com a distribuição de frequências absolutas e relativas para as variáveis sociodemográficas. As análises bivariadas foram realizadas através de *odds ratio* (OR) com respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) e valor de p. A análise multivariada por meio de Regressão Logística Múltipla foi realizada para explicar o efeito conjunto das variáveis independentes sobre a variável dependente. Foram incluídas no modelo final as variáveis com nível de significância de $p < 0,20$ na análise bivariada, sendo que no modelo final foram consideradas significativamente associadas variáveis com valor de $p < 0,05$.

Estimou-se ainda a prevalência, com intervalo de confiança de 95% (IC95%), de vitimização por abuso sexual segundo autor da agressão, e verificou-se a associação entre ter sofrido violência sexual no namoro e ser autor de violência sexual no namoro com a utilização do teste Exato de Fisher com significância estatística de $p < 0,05$.

Os dados qualitativos foram investigados a partir da análise de conteúdo de Bardin, descrita por Câmara (2013) como:

Uma técnica metodológica que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for à natureza do seu suporte. Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. (CÂMARA, 2013, p.182)

A análise de conteúdo de Bardin envolve três fases, a saber: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (SILVA, FOSSÁ, 2015; CÂMARA, 2013). A primeira fase consiste em sistematizar as ideias iniciais e estabelecer indicadores para tratamento dos dados coletados; inclui leitura flutuante das entrevistas transcritas e elaboração dos indicadores, atentando-se para que os dados obedeçam a critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade (CÂMARA, 2013).

Após a pré-análise, procedeu-se à exploração do material, etapa que consiste na organização das falas em unidades de registro; estas unidades podem ser os parágrafos de cada entrevista, por exemplo, e a partir dos quais são estabelecidas palavras-chave, ou ideias, para indicar a categoria criada. Essas unidades iniciais são agrupadas e dão origem a outras categorias de acordo com o conteúdo das falas, dessa forma os relatos são agrupados em categorias temáticas para possibilitar a realização das inferências e discussões (SILVA; FOSSÁ, 2015).

As autoras supracitadas destacam que após a etapa de exploração o material está pronto para fase de interpretação, esta que permite que os dados sejam tratados e admite inferências sobre os conteúdos manifestados nas entrevistas e contidos no material.

Neste estudo, após a pré-análise, foram observadas as seguintes unidades de registro: assédio, tentativa de manter relação sexual, vitimização anterior, entendimento sobre violência, alterações psicológicas e comportamentais, culpabilização da vítima, síndrome do segredo, ideação suicida e busca por auxílio. As unidades iniciais foram agrupadas nos seguintes eixos temáticos: experiência de vitimização e percepções sobre violência, e impactos e estratégias de enfrentamento e superação da violência sofrida. Os resultados são interpretados na seção de discussão deste estudo.

5 RESULTADOS

5.1 Abordagem quantitativa

Foram avaliados 367 escolares com idade média de 17,3 ($\pm 1,2$) anos, sendo 34,1% do sexo masculino e 65,9% do sexo feminino. A cor/raça parda e preta foi referida por 83,9% dos escolares entrevistados. A maioria dos escolares morava com os pais na mesma casa (43,6%). 54,2% dos escolares se declararam católicos, 58% eram filhos de mães com nível médio de escolaridade. A tabela 1 apresenta a caracterização da amostra avaliada.

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes do ensino médio. Caxias, MA, 2018.

Variável	N	%
Total	367	100
Sexo		
Masculino	125	34,1
Feminino	242	65,9
Idade (em anos)		
15	32	8,7
16	70	19,1
17	74	20,2
18	108	29,4
19	83	22,6
Raça		
Branca	51	13,9
Parda/Negra	308	83,9
Indígena	3	0,8
Outra	5	1,4
Com quem mora		
Pais (na mesma casa)	160	43,6
Pais dividem a guarda	14	3,8
Apenas com a mãe	91	24,8
Apenas com o pai	13	3,5
Com outro familiar	70	19,1
Com parceiro	15	4,1
Outro	04	1,1
Escolaridade da mãe		
Sem escolaridade	43	11,7
Fundamental completo/incompleto	53	14,5
Médio/técnico completo/incompleto	213	58
Superior completo/incompleto	38	10,4
Não soube informar	20	5,4
Ocupação da mãe		
Trabalha/aposentada	215	58,6
Não trabalha	138	37,6
Faleceu/não soube informar	14	3,8

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes do ensino médio. Caxias, MA, 2018.*Continuação*

Variável	N	%
Ocupação do pai		
Trabalha/aposentado	285	77,7
Não trabalha	26	7
Faleceu/não soube informar	56	15,3
Religião		
Católica	199	54,2
Evangélica	104	28,3
Outra	10	2,7
Ateu/Nenhuma	54	14,8

Fonte: Dados da pesquisa.

A análise bivariada da vitimização por violência sexual com as variáveis independentes foi realizada para verificar a magnitude das associações; os resultados podem ser verificados na Tabela 2. Sofrer violência sexual foi significativamente associada ($p < 0,05$) com as variáveis independentes: religião, participar de grupo de pessoas com problemas psicológicos/emocionais, consulta com profissional sobre problema emocional, uso de medicamentos para problemas psicológicos/emocionais, ideação suicida, tentativa de suicídio, consumo de bebidas e drogas.

Adolescentes que relataram serem ateus ou não terem religião apresentaram maiores chances de terem sofrido uma experiência de violência sexual (OR=1,58; IC95% 0,86-2,90). Escolares que participaram de grupos de pessoas com problemas psicológicos/emocionais (OR=2,59; IC95% 1,30-5,15), que consultaram com profissional sobre problema emocional (OR=4,27; IC95% 2,38-7,66), e fizeram uso de medicamentos para problemas psicológicos/emocionais (OR=10,59, IC95% 2,31-48,5) apresentaram maiores chances de terem sido vítimas de violência sexual.

Observou-se maiores chances de terem sofrido uma experiência de violência sexual escolares que responderam “sim” para as variáveis: ideação suicida (OR=3,37; IC95% 2,13-5,32), tentativa de suicídio (OR=2,86; IC95% 1,69-4,82), consumo de bebida alcoólica ou drogas em alguma ocasião da vida (OR=3,75; IC95% 2,29-6,11), ter consumido bebida alcóolica nos últimos 12 meses (OR=3,61; IC95% 2,22-5,86) e uso de drogas nos últimos 12 meses (OR=2,99; IC95% 1,35-6,61).

Tabela 2. Análise bivariada dos fatores associados à experiência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.

Variável	Sofreu violência sexual		OR	IC95%	p-value
	Sim n(%)	Não n(%)			
Sexo					0,172
Masculino	39(31,2)	86(68,8)	0,73	0,45-1,14	
Feminino	93(38,4)	149(61,6)	1,00	-	
Total	132(35,9)	235(64,1)	-	-	
Idade (em anos)					0,394
15	8(25,0)	24(75,0)	0,43	0,17-1,08	
16	23(32,9)	47(67,1)	0,64	0,33-1,23	
17	25(33,8)	49(66,2)	0,67	0,34-1,27	
18	40(37,0)	68(63,0)	0,77	0,42-1,37	
19	36(43,4)	47(56,6)	1,00	-	
Com quem mora					0,713
Pais dividem a guarda	6(42,9)	8(57,1)	1,43	0,47-4,33	
Apenas com a mãe	35(38,5)	56(61,5)	1,19	0,70-2,03	
Apenas com o pai	4(30,8)	9(69,2)	0,85	0,25-2,88	
Com outro familiar	28(40,0)	42(60,0)	1,27	0,71-2,27	
Com parceiro/outro	3(20,0)	12(80,0)	0,48	0,12-1,76	
Pais (na mesma casa)	55(34,4)	105(65,9)	1,00	-	
Raça					0,265
Indígena	5(62,5)	3(37,5)	0,82	0,44-1,51	
Parda/Negra	107(34,7)	201(65,3)	2,58	0,55-12,0	
Branca	20(39,2)	31(60,8)	1,00	-	
Religião					0,010
Ateu/Nenhuma	27(50,0)	27(50,0)	1,58	0,86-2,90	
Evangélica	26(24,3)	81(75,7)	0,51	0,30-0,86	
Outra	2(28,6)	5(71,4)	0,63	0,12-3,34	
Católica	77(38,7)	122(61,3)	1,00	-	
Participa de grupo de pessoas com problemas psicológicos/emocionais					0,007
Sim	21(56,8)	16(43,2)	2,59	1,30-5,15	
Não	111(33,6)	219(66,4)	1,00	-	
Consulta com profissional sobre problema emocional					<0,001
Sim	39(65,0)	21(35,0)	4,27	2,38-7,66	
Não	93(30,3)	214(69,7)	1,00	-	
Uso de medicamentos para problemas psicológicos/emocionais					0,002
Sim	11(84,6)	2(15,4)	10,59	2,31-48,5	
Não	121(34,2)	233(65,8)	1,00	-	
Ideação suicida					<0,001
Sim	67(54,9)	55(45,1)	3,37	2,13-5,32	
Não	65(26,5)	180(73,5)	1,00	-	
Tentou suicídio					<0,001
Sim	41(56,2)	32(43,8)	2,86	1,69-4,82	
Não	91(31,0)	203(69,0)	1,00	-	

Tabela 2. Análise bivariada dos fatores associados a experiência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.

Continuação

Variável	Sofreu violência sexual		OR	IC95%	p-value
	Sim n(%)	Não n(%)			
Já consumiu bebida alcoólica/droga					<0,001
Sim	104(47,1)	117(52,9)	3,75	2,29-6,11	
Não	28(19,2)	118(80,8)	1,00	-	
Consumo de bebida últimos 12 meses					<0,001
Sim	103(47,0)	116(53,0)	3,61	2,22-5,86	
Não	29(19,7)	118(80,3)	1,00	-	
Uso de drogas últimos 12 meses					0,007
Sim	17(60,7)	11(39,3)	2,99	1,35-6,61	
Não	115(34,0)	223(66,0)	1,00	-	

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 3 apresenta as variáveis: sexo, religião, participar de grupo de pessoas com problemas psicológicos/emocionais, consulta com profissional sobre problema emocional, uso de medicamentos para problemas psicológicos/emocionais, ideação suicida, tentativa de suicídio, consumo de bebidas e drogas; todas incluídas no modelo de regressão logística multivariada. Nessa etapa de ajuste, após ser analisado o efeito das variáveis independentes sobre a vitimização por violência sexual, permaneceram significativas: a religião evangélica, ter realizado consulta com profissional especializado sobre problemas emocionais, ideação suicida e uso de drogas nos últimos 12 meses ($p < 0,05$).

Escolares que se declararam evangélicos apresentaram menores chances de serem vítimas de violência sexual (OR=0,53, IC95% 0,28-0,99). Estudantes que consultaram com profissional especializado sobre problemas psicológicos/emocionais permaneceram com maiores chances de serem vítimas de violência sexual (OR=3,05, IC95% 1,55-5,98). Apesar de tentativa de suicídio não ter permanecido associada após ajustes, escolares com ideação suicida apresentaram maior probabilidade de terem sido vítimas de alguma experiência de violência sexual (OR=2,31, IC95% 1,14-4,68). O uso de drogas nos últimos 12 meses também permaneceu associado, com maiores chances de vitimização em escolares que fizeram uso dessas substâncias (OR=2,56, IC95% 1,01-6,43).

Tabela 3. Análise multivariada dos fatores associados à experiência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.

Variável	OR.a	IC95%	p-value
Sexo			
Masculino	0,71	0,40-1,24	0,23
Feminino	1,00	-	
Religião			
Ateu/Nenhuma	1,19	0,59-2,39	0,62
Evangélica	0,53	0,28-0,99	0,04
Outra	0,55	0,08-3,79	0,54
Católica	1,00	-	0,15
Participa de grupo de pessoas com problemas psicológicos/emocionais			
Sim	1,18	0,47-2,91	0,72
Não	1,00	-	
Consulta com profissional sobre problema emocional			
Sim	3,05	1,55-5,98	0,001
Não	1,00	-	
Uso de medicamentos para problemas psicológicos/emocionais			
Sim	4,42	0,84-23,30	0,07
Não	1,00	-	
Ideação suicida			
Sim	2,31	1,14-4,68	0,02
Não	1,00	-	
Tentou suicídio			
Sim	0,75	0,33-1,69	0,49
Não	1,00	-	
Já consumiu bebida alcóolica/droga			
Sim	3,97	0,205-76,840	0,36
Não	1,00	-	
Consumo de bebida últimos 12 meses			
Sim	0,63	0,03-11,73	0,76
Não	1,00	-	
Uso de drogas últimos 12 meses			
Sim	2,56	1,01-6,43	0,04
Não	1,00	-	

Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela 4 apresenta os principais envolvidos nos casos de violência sexual contra os adolescentes escolares entrevistados. Nota-se que em mais de 80% dos casos o agressor pertence a alguma esfera relacional da vítima, sendo as maiores prevalências observadas em vitimização por namorado(a)/ex-namorado(a) nos

últimos 30 dias (14,4%, IC95% 10,6-18,3), vizinho(a)/pessoa da comunidade (13,6%, IC95% 10,1-17,4) e amigos(as)/conhecidos(as) da família (11,4%, IC95% 8,2-15,0).

Tabela 4. Prevalência de vitimização por violência sexual em escolares do ensino médio, por autor de agressão, com respectivos intervalos de confiança. Caxias, MA, 2018.

Autor da violência				
	N	%	Limite inferior	Limite superior
Namorado(a)/ex-namorado(a)**	53	14,4	10,6	18,3
Membro familiar próximo	18	4,9	2,7	7,4
Outros parentes	19	5,2	3,0	7,6
Treinador/instrutor	17	4,6	2,7	7,1
Professor(a)	18	4,9	2,7	7,4
Vizinho(a)/Pessoa da comunidade	50	13,6	10,1	17,4
Amigos(as)/conhecidos da família	42	11,4	8,2	15,0
Desconhecido	53	14,4	10,9	18,5

**Nos últimos 30 dias
Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela 5 buscou estabelecer a relação entre sofrer e ser autor de violência sexual no namoro, observando-se que 72,7% dos escolares que sofreram violência também se declararam autores de violência sexual.

Tabela 5. Relação entre sofrer e ser autor de violência sexual no namoro em escolares do ensino médio. Caxias, MA, 2018.

Autor violência sexual no namoro	Sofrer violência sexual no namoro				<i>p-value</i>
	Sim		Não		
	n	%	N	%	
Sim	24	72,7	9	27,3	<0,001*
Não	29	8,7	305	91,3	

*Teste Exato de Fischer
Fonte: Dados da pesquisa.

5.2 Abordagem qualitativa

5.2.1 Caracterização dos entrevistados

Foram realizadas entrevistas com 5 escolares, o que representa aproximadamente 10% do total de alunos que se declararam vítimas de alguma experiência de abuso sexual em uma relação amorosa. Foram entrevistados 1 menino e 4 meninas, estes foram identificados com os seguintes nomes de flores, para preservar seu anonimato: Margarida, Rosa, Jasmim, Primavera e Cravo.

Margarida, feminino, 17 anos, mora com a mãe, de cor preta, sofreu uma experiência de abuso sexual por tentativa de manter uma relação sexual forçada na adolescência, cometida por um ex-namorado que era mais velho. Esse relacionamento durou 6 meses, sendo muito difícil rompê-lo. Margarida buscou ajuda por meio de sua mãe e dos órgãos de proteção, no entanto, neste último, a adolescente sofreu um processo de revitimização, ou seja, não obteve acolhimento adequado, tendo sido julgada como quem tenha influenciado, por meio de seus comportamentos, a ocorrência do abuso, o que a fez desistir do prosseguimento da denúncia.

Rosa, feminino, 17 anos, mora com a avó, de cor parda, no questionário objetivo relatou ter sido vítima de abuso sexual por relação sexual não consentida por parte de um namorado, no entanto, na entrevista afirmou que houve uma tentativa apenas. Foi vítima de uma experiência anterior de abuso sexual, aos 13 anos de idade, perpetrada por um conhecido da família.

Jasmim, feminino, 16 anos, mora com a mãe, de cor parda, relatou ter sofrido uma tentativa de abuso sexual por parte de um namorado, quando este fez uso de força física. Jasmim também apresenta histórico de vitimização anterior; relatou ter sofrido abuso sexual pelo ex-padrasto dos 9 aos 14 anos de idade, e ainda ter sido vítima de um ex-professor de matemática. A adolescente buscou ajuda de sua mãe e acompanhamento psicológico. Sentimento de culpa a impediu de buscar auxílio nos órgãos de proteção.

Primavera, feminino, 16 anos, mora com pai e mãe, de cor parda, no questionário aplicado na primeira fase da pesquisa, relatou ter sido apalpada sexualmente sem consentimento por um namorado, um instrutor/treinador e um desconhecido. Entretanto, durante a entrevista, afirmou que esse tipo de contato foi

realizado também por um tio quando ela tinha de 10 a 11 anos. Primavera necessitou realizar acompanhamento psicológico, mas não buscou ajuda nos órgãos de proteção por sentir medo.

Cravo, masculino, 17 anos, mora com pai e mãe, se autodeclarou de cor amarela. Apesar de afirmar ter sido apalpado sexualmente sem consentimento por namorada, colegas de escola, amigos(as), professores(as), conhecidos da família e desconhecidos, ele não reconheceu, na entrevista, essas experiências como sendo abuso sexual. No quadro 2 há um resumo das características dos entrevistados.

Quadro 2. Caracterização dos escolares do ensino médio de escolas públicas participantes da etapa qualitativa. Caxias, MA, 2018.

Nome fictício	Sexo	Idade (anos)	Cor/raça	Com quem mora	Localização da escola	Tipo de violência sexual	Autores de agressão
Margarida	Feminino	17	Negra	Mãe	Centro	Tentativa de relação sexual.	Namorado
Rosa	Feminino	17	Parda	Avó	Centro	Tentativa de relação sexual; Assédio sexual.	Namorado; Conhecido da família.
Jasmim	Feminino	16	Parda	Mãe	Periferia	Tentativa de relação sexual; Assédio sexual.	Namorado; Ex-padrasto; Professor.
Primavera	Feminino	16	Parda	Pai e mãe	Periferia	Assédio sexual	Namorado; Instrutor/ treinador; Desconhecido; Tio.
Cravo	Masculino	17	Amarela	Pai e mãe	Periferia	Assédio sexual	Namorada; Colega/amigo; Professores; Conhecidos da família; Desconhecido.

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas de forma individual com os adolescentes, apresenta-se os resultados e relatos em dois eixos temáticos, para melhor organização das falas. No primeiro eixo, sobre a experiência

de vitimização e as percepções sobre violência, são abordadas as formas como se deu o abuso, quem eram os envolvidos e eventos progressos de violência; no segundo eixo, abordam-se os impactos e estratégias de enfrentamento e superação da violência sofrida.

5.2.2 Experiência de vitimização e percepções sobre violência

5.2.2.1 Experiência de vitimização no namoro

Observa-se nos relatos que algumas experiências acontecem de forma rotineira no ambiente escolar e, na maioria das vezes, são entendidas como brincadeira.

O que houve comigo, ocorreu quando eu estava subindo o corredor da escola indo em direção a sala de aula, quando uma amiga meio que acabou dando um aperto em minha bunda. E isso meio que já virou frequência esse tipo de ocorrência. Exemplo: meninas pegar ou passar a mão em partes íntimas de garotos, como bumbum, frente ou até mesmo no peitoral. Isso sempre ocorre comigo (CRAVO).

Foi, *nós tava* (com o ex-namorado) acho que era comendo alguma coisa, foi na lanchonete ali, a gente *tava* comendo e ele pegou na minha bunda assim, eu olhei *pra* cara dele, todo mundo ficou olhando pra mim [...] depois, demorou outro dia, ele continuava fazendo essas coisas, e depois a *gente* brigou por uma coisa e a *gente* terminou, não deu mais certo. [...] Meu ex-namorado uma vez tentou fazer coisas que eu não queria (manter relação sexual), e é porque eu gostava dele, essas coisas de adolescente [...] o irmão dele chegou na hora, e eu saí correndo (PRIMAVERA).

A experiência acima apresenta características similares às vivenciadas por outra adolescente, também não concretizada por conta da chegada de um familiar do agressor no momento em que se tentava manter uma relação sexual sem consentimento.

Fomos na casa do tio dele colocar comida *pro* cachorro e ele tentou me segurar só que eu acabei correndo e saí da casa e a prima dele chegou e me trouxe *pra* casa e eu acabei terminando o relacionamento [...] (ele) nunca demonstrou que poderia fazer isso, até porque era uma pessoa super calma, então foi uma surpresa e de início até levei na brincadeira mas quando vi que era sério corri [...] quando começou me machucar (fisicamente) (JASMIM).

De maneira geral, as entrevistas mostraram que as experiências de abuso sexual vivenciadas nas parcerias íntimas dos adolescentes envolveram formas mais sutis, como carícias e o ato de apalpar nádegas e órgãos genitais sem consentimento e até mesmo utilizando argumentos, pressão e força física; no entanto, também foram observadas tentativas de manter relação sexual sem consentimento.

5.2.2.2 Percepções sobre violência e vitimização anterior

No trecho anteriormente descrito da fala de Cravo sobre a experiência de ser acariciado e/ou apalpado sexualmente sem consentimento, percebe-se que o adolescente entende tal atitude como algo rotineiro e normal, o que pode ser constatado na fala a seguir, de quando ele foi questionado se entende que ser acariciado e/ou apalpado sexualmente sem consentimento é abuso sexual:

Em algumas situações sim, já outras acho que não. Exemplo: se uma certa vez o ato for feito por alguém que eu não conheça ou que seja apenas um conhecido, eu acho que sim, é abuso. Mas se for algum amigo(a), eu acho que não seja considerado abuso, pelo fato de termos algumas brincadeiras que se relacionam a esse tipo de ato [...] bem, a diferença é que sendo um amigo(a), eu sei que não há uma segunda intenção, já com uma pessoa que eu não conheço, eu já não posso falar ou pensar o mesmo[...]. (CRAVO)

Quando questionado a partir de que atitude consideraria esse ato um abuso sexual, ele responde: “o apalramento de forma mais direta, como pegar no pênis ou em alguma outra parte íntima do corpo”.

A estudante Rosa também demonstra, através da entrevista, que não entende a situação de abuso sexual vivenciada como sendo uma experiência de violência, o que pode ser observado na resposta dada ao ser questionada sobre a situação relatada no primeiro questionário, de que um (ex)namorado, parceiro ou “ficante” teria tentado manter uma relação sexual sem consentimento, e para isso utilizou alguns argumentos, pressão, até mesmo força física.

É a questão da gente já não se sentir bem na relação, só que ele sempre, ele sempre falava, oh, tipo ameaça, não questão de nenhum tipo de violência, mas questão, modo de viver mesmo que, ou seria de uma forma com ele, ou então seria totalmente diferente quando fosse qualquer outra pessoa. (ROSA)

Em outro trecho da entrevista, a adolescente faz um relato de uma experiência vivenciada por uma tia, em que ela afirma: “mas a dela não foi violência sexual, foi realmente violência”, levando a inferir que situações de abuso sexual podem não ser interpretadas como sendo uma violência.

Embora apresentem diferentes características e sejam assimiladas de formas diferentes, as situações de violência sexual na fase de desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo irá produzir diversos impactos e consequências, conforme serão descritos no tópico que segue.

É importante destacar que todas as meninas entrevistadas relataram uma experiência anterior de violação sexual, sempre envolvendo uma pessoa conhecida.

[...] bom é, foi em um evento que teve com a família e *as pessoa*, eu era bem menor, acho que eu tinha 13 anos e ele (amigo da família) já era um adulto. É aquela questão de, é de dizer assim, ah eu vou te ajudar ou então eu vou fazer isso por você *pra* poder se apropriar da situação e eu não gostei. (ROSA)

Na verdade, nem minha mãe sabe disso, teve uma vez que é meu tio *num tem*, e uma vez ele pegou na minha bunda, só uma vez, quando eu era *mais menor*, acho que eu tinha uns 10 anos, 11 anos. (PRIMAVERA)

Um caso, em particular, chama atenção pela duração da vivência de violência e por envolver uma vitimização por diferentes atores.

Eu não moro com meu pai desde meus 4 anos, minha mãe ela era casada com meu ex-padrasto e até certo ponto ele foi um ótimo pai pra mim, ele sempre cuidou de mim, porque eu sempre fui uma menina bem problemática em questão de saúde, ele sempre cuidou de mim e tudo mais, só que quando atingi uns 9, 10 anos ele começou a falar coisa que não devia, ele começou a pegar onde não devia e isso durou acho que até meus 14 anos [...] junto com ele eu também tinha um professor de matemática, particular, eu tinha conhecido ele na igreja, ele era meu assessor de um grupo e ele era pai da minha melhor amiga e eu comecei ter aula particular de matemática com ele e aí ele começou a me mandar mensagem, ele começou a toda vez que eu ia *pras* aulas aí a mulher dele ia comprar comida, eu ficava sozinha em casa com ele, ele começava a passar a mão na minha perna, pegar nas minhas partes íntimas. (JASMIM)

No caso de Jasmim, observa-se que o padrasto utilizou de vários argumentos e da relação de poder que tinha com a vítima para manutenção da violência, conforme pode ser observado no relato da adolescente.

[...] isso durou acho que até meus 14 anos que foi quando eu arrumei um namoradinho, daqueles de criança mesmo, aí ele tinha um ciúme obsessivo de mim e ninguém entendia o porquê, até que uma vez ele começou inventar estórias que eu andava, pra minha mãe, de que eu andava fazendo coisas que não era pra fazer, pra minha mãe me proibir de ter esse namoradinho aí porque ele tinha um ciúme de mim, mas não era um ciúme de pai, era um ciúme que ele queria me ter pra ele. (JASMIM)

Constataram-se diferentes percepções sobre violência sofrida, ou mesmo sobre o entendimento do que vem a ser violência, por parte dos escolares, inclusive com discursos de legitimação da violência. Observa-se, ainda, o quanto é difícil romper os ciclos de violência, visto que muitos adolescentes sofrem estas experiências em diferentes esferas relacionais.

5.2.3 Impactos e estratégias de enfrentamento da violência

5.2.3.1 Impactos da vitimização por abuso sexual

A vivência de abuso sexual na infância e adolescência impacta de diferentes maneiras as vítimas, e produz alterações emocionais e comportamentais que incidem diretamente sobre o convívio social e os relacionamentos afetivo-sexuais. A sensação de medo, inclusive de estar em local onde só estejam homens, e a ocorrência de pesadelos foram relatos comuns entre as entrevistadas.

Eu não saio de casa sozinha tem mais ou menos três anos, nem *pra* atravessar a rua sozinha, quando, assim quando começou, quando eu tinha 14 anos, *tava* no fundamental, meus amigos tinham que me buscar lá em casa, me deixar lá em casa, se não desse *pra* minha mãe ir me buscar ou me deixar na escola, e era tipo bem na rua detrás da minha casa, ê... eu não saio de casa sozinha em hipótese alguma, se eu ver essas pessoas eu começo a ter ataque de pânico e depois acabo não lembrando e às vezes, eu não posso ficar sozinha, porque aí eu começo a pensar nisso e lembrar, e se eu começar a pensar nisso sozinha eu começo a escutar eles, a sentir, a ver, e trouxe uma série de problemas *pra* minha vida, de problemas psicológicos, tanto é que eu não consigo chegar perto, ou ver, ou sentir a voz, ou ver fotos deles (JASMIM).

Duas entrevistas chamaram atenção pela culpabilização da vítima, nas situações em que a vítima se sente culpada ou responsável pela violência exercida pelo outro. Nos dois relatos a seguir, os agressores transmitem a ideia de que a

forma como as garotas se vestiam provocavam as situações de abuso, um relato comum nos estudos sobre violência sexual contra mulheres.

Eu pensei que aquele comportamento dele (ex-namorado) era culpa minha, não dele [...] eu sempre pensei que quem levava àquilo era eu [...] ele falava que não queria fazer aquilo, pediu desculpa, mas sempre terminava na mesma coisa. [...] Também, porque eu acho que hoje em dia as mulheres, elas são muito julgadas pelo modo delas se *vestir*, eu vestia roupa curta, não visto mais, eu vestia antes, e eu pensei que o que levava ele a fazer aquilo comigo era minhas roupas. (MARGARIDA)

E aí eu contei pra minha mãe, que, o que ele (padrasto) andava fazendo há 4 anos e aí eu acabei pedindo pra ela não se separar dele porque eu me sentia muito culpada e achava que a culpa era minha, porque ele sempre falava que, se eu não mudasse o jeito de me comportar, as roupas que eu usava ia acontecer realmente esse tipo de coisa, então tipo, foi colocado na minha cabeça que a culpa realmente era minha, até eu crescer mais um pouco e entender que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, ele que tinha feito porque afinal quando começou eu era uma criança. (JASMIM)

Essa atitude de transferir a culpa para a vítima contribui para o que a literatura tem chamado de síndrome do segredo nos casos de abuso sexual, assim como a dependência econômica da vítima em relação ao agressor e a ideia de não querer “prejudicar” outra pessoa, além da sensação de que existe uma “dívida” com quem sempre foi provedor de suas necessidades, conforme observado no trecho seguinte:

[...] Eu pensei (denunciar) quando teve o do meu professor, só que aí eu acabei não indo, a minha mãe quis ir, só que eu acabei não deixando ela ir, porque ele era pai da minha melhor amiga e aí eu na época eu era muito criança, não sabia separar as coisas. Eu acabei querendo não machucar ela, porque ela era muito próxima dele, era muito apegada a ele, eu acabei não procurando, só que aí, no do meu padrasto eu preferi deixar isso abafado porque, eu não sei, eu achava que por mais que ele tivesse feito aquilo, eu deveria alguma, eu devia alguma coisa pra ele por tudo que ele já tinha me feito antes de bom. (JASMIM)

Ainda na perspectiva dos impactos sofridos com a vitimização por abuso sexual, foi muito frequente nas entrevistas o relato de ideação suicida, na maioria dos casos acompanhado de tentativas de suicídio. Em uma única entrevista a adolescente atribuiu os pensamentos suicidas a problemas familiares e pessoais que não se relacionavam com a experiência de abuso sexual sofrida.

Eu não sabia como lidar com isso, porque acho que tudo aconteceu eu era muito nova [...], 12 anos foi a primeira vez que eu tentei me matar porque eu não sabia como lidar com esses problemas do meu padrasto, e aí ninguém sabia porque eu tinha medo de falar, medo de ninguém acreditar em mim e essa foi a primeira vez, depois dessa veio mais três vezes que não deu certo. (JASMIM)

Além disso, sentimentos de medo, culpa, pesadelos e insegurança incidem diretamente sobre as relações sociais e novos relacionamentos amorosos e de amizade que venham a ser estabelecidos.

Me afetou muito no início, só que agora eu tento não, não deixar muito se afetar [...], o meu parceiro de agora é completamente diferente, é uma pessoa carinhosa, e eu não confio assim cem por cento nele porque [inaudível], mas só que ele mostra ser uma pessoa diferente do anterior. (MARGARIDA)

Eu não consigo ficar em multidão, muita gente porque eu começo a..., porque eu não sei o que pode acontecer, aí eu prefiro não ir, tanto é que eu evito ir a festas e a lugar com muita gente porque fico agoniada, parece que eu vou morrer, que alguém vai querer me matar, não sei, fico sem ar [...] e depois disso ter acontecido eu tentei me relacionar com mais uma pessoa, só que eu acabei que não consegui porque eu tinha medo da pessoa, por mais que ela não tenha feito nada pra mim, mas eu tinha medo dela, também porque eu descobri que não me sinto atraída fisicamente pela figura masculina. (JASMIM)

Porém, para Primavera:

Não, não chegou a afetar, até porque eu sempre fiquei com isso assim só pra mim, até porque eu acho que se fosse algo realmente que tivesse necessidade de falar pra alguém eu falaria, só que eu achei que fosse algo que eu ia conseguir superar só. (PRIMAVERA)

Observa-se que os impactos produzidos dependem da interação de vários fatores, inclusive da percepção do adolescente sobre a violência sofrida, porém, sentimentos de medo, culpa, pesadelos e insegurança foram relatos comuns às adolescentes, bem como pensamentos de autoextermínio.

5.2.3.2 Enfrentamento da vitimização por abuso sexual

Diante da experiência de vitimização, as entrevistadas buscaram diferentes formas de ajuda e enfrentamento, a maioria buscou amparo em suas mães e suporte

psicológico, inclusive a adolescente Primavera necessitou fazer uso de uso de medicamentos para problemas emocionais e psicológicos.

[...] a psicóloga da escola, eu conversei com ela, e ela, ela foi, aí nisso que eu conversei com ela, eu contei sobre tanto o do cara do meu professor quanto do meu padrasto, aí ela me ajudou a entender mais que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, que se eu não consenti, ninguém pode pegar no meu corpo. (JASMIM)

Apenas uma buscou auxílio dos órgãos de proteção, e esta única adolescente que se dirigiu a algum órgão de proteção sofreu um processo de vitimização secundária.

No começo ele (delegado) disse que (pausa chorosa), ele disse que podia ser uma coisa, como é que se diz, que eu podia ter levado a isso. Aí ele perguntou como aconteceu, aí eu falei, aí ele disse que ia botar lá a denúncia só que provavelmente não ia acontecer nada com ele, e também ele disse pra minha mãe que isso devia ser coisa de adolescente. Então eu nem corri mais atrás disso. (MARGARIDA)

Atitudes como a do delegado e as várias notícias de impunidade no noticiário sobre casos de violência, sobretudo contra a mulher, levam ao descrédito das instituições de proteção, e contribuem para que casos de violência sexual contra crianças e adolescentes continuem acontecendo com frequência e permaneçam na impunidade.

Outra estratégia de enfrentamento adotada pelas adolescentes, e destacada por Margarida, se dá na perspectiva de prevenção de situações de violência nos relacionamentos atuais, conforme o relato da adolescente: “no meu relacionamento agora eu busco conversar muito com meu parceiro, falar pra ele, eu disse pra ele sabe, e buscar ter o máximo pra não acontecer o que aconteceu com o outro”.

Uma entrevistada destacou que a experiência lhe provocou mudanças.

Assim, sempre acontece que *a gente* também tenta ser a melhor pessoa *pra* aquela pessoa ali e a ele sempre acaba pisando e aí de acordo com o decorrer do tempo, das coisas que vai acontecendo *a gente* muda e aí passa a não acontecer exatamente porque *a gente* muda, aí a pessoa que *tá* com *a gente* atualmente, *ele* passa a ver de uma outra forma [...] *a gente* não passa a ser *tão besta né* (risos), porque quando *a gente* é *besta* demais não *tão* nem aí. (ROSA)

Ao ser questionada sobre o que quer dizer com “ser besta demais”, ela respondeu:

É, tentar agradar demais. [...] é, e também pra evitar qualquer transtorno, briga, entendeu? É a questão como você falou que se acontecer algum ato que não *tava* sobre, assim, não que ele fez contra, assim a força, mas não era do meu desejo no momento, entendeu, mas *a gente* acaba fazendo pra satisfazer. (ROSA)

De maneira geral, ficam evidenciadas diferentes experiências de vitimização por abuso sexual nas parcerias íntimas dos adolescentes escolares, porém frequentemente precedidas de uma experiência anterior que envolve pessoas pertencentes a alguma esfera relacional das vítimas. Há diferentes percepções e entendimentos sobre o que vem a ser violência sexual, assim como as experiências impactam de formas diversas e despertam estratégias variadas de enfrentamento. Na sequência serão discutidos os resultados obtidos, a partir da literatura.

6 DISCUSSÃO

A saúde da população adolescente tem se tornado uma crescente preocupação de pesquisadores nas últimas décadas em todo o mundo, sobretudo devido à constatação de que as experiências vivenciadas nessa fase da vida são cruciais para a formação desses indivíduos, além de ser uma fase propícia ao investimento de esforços preventivos, visto que nela ocorre o ponto alto do desenvolvimento físico, mental, emocional, social e sexual (BESERRA et al., 2016).

A prevalência de violência sexual nesse estudo (35,9%) foi elevada, sendo muito superior aos 4,0% observados na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 (PeNSE 2015). Entretanto, destaca-se que a PeNSE 2015 abordou apenas a vitimização por relação sexual forçada, enquanto este estudo aborda formas mais sutis de violência sexual, a exemplo de carícias e toques indesejados. Um estudo de Haile, Kebeta e Kassie (2013) com estudantes da Etiópia indicou que menos de 5% dos estudantes sofreram violência por relação sexual forçada, porém quase 70% já sofreram alguma experiência de assédio sexual.

Nesse estudo constatou-se que os escolares que se declararam ateus/sem religião apresentaram maiores chances de terem sofrido ao menos uma experiência de abuso sexual. No entanto, o estudo não possibilita afirmar se o fato de serem ateus/sem religião os torna mais vulneráveis à vitimização, uma vez que existe a possibilidade de terem se tornado ateus/sem religião após a experiência de violência. Este achado não encontra precedentes na literatura avaliada. De acordo com Toldy (2010), inúmeros episódios de violência contra a mulher podem ser observados nos textos bíblicos, e muitas culturas e religiões utilizam tais textos e versões para legitimar discursos de submissão e inferioridade da mulher em relação aos homens, o que frequentemente conduz à vivência de violências e ao silenciamento.

Não foram observadas diferenças significativas, do ponto de vista estatístico, em relação ao sexo dos escolares, embora o sexo masculino apresente as menores chances de vitimização. Conforme Levine (2015), dados epidemiológicos indicam que aproximadamente 20% das mulheres e menos de 1% dos homens serão vítimas de violência sexual por relação sexual forçada nos Estados Unidos em alguma ocasião da vida. Estes autores destacam ainda que 50% das mulheres e 20% dos homens terão alguma experiência sexual indesejada.

A OMS estima que 1 em cada 3 mulheres sofrerá uma experiência de violência sexual, sendo a maioria violência doméstica, envolvendo parceiro íntimo, o que corresponde a 12 milhões de pessoas anualmente no mundo (FONTES et al., 2017). As meninas apareceram como principais vítimas de violência sexual, corroborando com a maioria dos estudos sobre esse tipo de violência. Viana e Sousa (2015) afirmam que isso se deve principalmente à manifestação de poderes desiguais que estabeleceu uma espécie de inferioridade feminina que a faz submissa aos homens, sendo que estes são apontados como principais autores de violência sexual na maioria absoluta dos estudos.

Há, entretanto, estudos que apontam uma inversão dessa lógica, a exemplo de um estudo realizado em Portugal com escolares de 14 a 19 anos, no ensino médio, em que o sexo masculino relatou maior prevalência de vitimização sexual no relacionamento de namoro por comportamentos como ser forçado a manter atos sexuais indesejados e contra a vontade e tentativa de contato físico com conotação sexual (BESERRA et al., 2016).

É comum a literatura indicar a presença de fatores sociais e econômicos associados aos indicadores de violência, inclusive violência sexual. Dados da OMS, por exemplo, indicam menores prevalências de violência sexual em países com elevado desenvolvimento social e econômico e maiores prevalências observados em países com os menores indicadores de desenvolvimento humano, a exemplo da prevalência de violência contra mulheres na faixa de 15 a 49 anos, de 6,2% no Japão a 58,6% na Etiópia (FONTES et al., 2017). Menor poder aquisitivo e ser de cor preta/parda são frequentemente associados a maiores chances de vitimização, porém o grau de influência desses fatores não está claramente estabelecido na literatura.

Os dados desse estudo mostraram que adolescentes com problemas psicológicos e emocionais estiveram associados com maiores chances de terem sofrido ao menos uma experiência de abuso sexual, corroborando com os relatos das adolescentes nas entrevistas, nos quais se observam impactos psicológicos e emocionais profundos, a exemplo de isolamento social, dificuldades em assumir novos relacionamentos e fobias. A vivência de abuso sexual na infância e adolescência sofre a influência de diversos fatores no que diz respeito à experiência de vitimização, bem como nos impactos e consequências produzidos.

Impactos físicos, psicológicos e alterações comportamentais e emocionais, como depressão e ideação suicida, tentativa de suicídio, isolamento social e afetivo, transtornos de personalidade, sentimentos de medo e culpa, ansiedade, labilidade emocional prejudicada, comportamento social inadequado para a idade, comprometimento do desempenho escolar são esperados em vítimas de abuso sexual, podendo ocorrer manifestações de curto prazo e danos tardios (KAUFMAN, 2008; MEKURIA; NIGUSSIE; ABERA, 2015; MARTINS; DO NASCIMENTO, 2017; OMS, 2012).

De acordo com Florentino (2015) e Kaufman (2008), a curto prazo destacam-se lesões físicas, queixas sintomáticas, medo do autor da violência e de indivíduos do mesmo sexo do agressor, distúrbios do sono, vergonha, desempenho escolar deficitário, etc. No que se referem aos danos tardios, estes envolvem ideação suicida, níveis mais intensos de medo, sensação de estar constantemente em perigo, culpa, isolamento social, uso abusivo de álcool e outras drogas, disfunções sexuais, comportamento homossexual, dentre outros.

Constatou-se que adolescentes escolares vítimas de violência sexual aparecem associados a maiores chances de ideação suicida e tentativa de tirar a própria vida, o que pôde ser constatado também nos resultados qualitativos. Escolares que já consumiram bebidas alcoólicas e/ou drogas apresentaram maiores chances de terem sofrido abuso sexual, porém apenas o uso de drogas nos últimos 12 meses permaneceu associado estatisticamente.

Young, Furman e Jones (2012) enfatizam que adolescentes vítimas de abuso sexual por parceiros íntimos apresentam maior risco de suicídio e uma tendência a desenvolver um padrão de vitimização contínua, com um risco de eventos violentos subsequentes aumentados em até sete vezes, impactando as relações amorosas futuras.

Por ser uma experiência potencialmente traumática, a maioria dos adolescentes não sabem como lidar com sentimentos de medo e vergonha, além de se sentirem desamparados e desprotegidos, uma vez que o violentador frequentemente pertence a alguma de suas esferas relacionais, e a violência pode ser recorrente. Por essas e outras razões tendem a surgir pensamentos suicidas e até mesmo tentativas de suicídio, na intenção de pôr fim ao sofrimento e ao ciclo de violência.

A maior propensão ao consumo de substâncias psicoativas, tais como álcool e outras drogas, inclusive medicamentos prescritos ou não, visa aliviar o sofrimento decorrente da vitimização sexual, de sentimentos de culpa e vergonha por não se saber como lidar com as consequências emocionais e psicológicas das experiências sexuais vivenciadas, e por não haver coragem para romper a barreira do silêncio (OMS, 2012; GUNBY et al., 2012; ESPELAGE et al., 2018; GUERREIRO et al., 2015).

O estudo de Young, Furman e Jones (2012) constatou que em um momento mais imediato, após a experiência de vitimização sexual, o adolescente tende a recorrer ao uso dessas substâncias, inclusive, aumentando o consumo em casos em que já fazia uso pré-vitimização, porém o mesmo estudo observa que, após um período, há um retorno aos níveis de consumo anteriores à situação de violência. Assim, o aumento no consumo nos parece ser uma tentativa de diminuir o impacto imediato da vitimização.

Frequentemente o consumo de bebidas alcoólicas pelo agressor é apontado nos estudos como sendo um fator precipitador e intensificador de violência, especialmente, na violência praticada por parceiro íntimo. Estima-se que cerca de 25% dos casos de violência envolvem o consumo de bebidas antes, durante e depois da agressão (ARAÚJO et al., 2018; MARTINS; DO NASCIMENTO, 2017). Gonçalves (2013) ressalta que o consumo de álcool e outras drogas aparecem como fatores fortemente associados a uma maior probabilidade de vitimização sexual no sexo feminino, bem como maior probabilidade de perpetração de violência sexual por parte do sexo masculino.

O comportamento sexual dos adolescentes também precisa ser levado em consideração, visto que adolescentes com iniciação sexual mais precoce, e que possuem maior número de parcerias sexuais, e ainda a associação do uso de álcool com outras drogas, aumentam o risco de coerção sexual. No tocante ao uso de álcool e outras drogas, observa-se que até mesmo uma relação consensual pode se tornar um evento violento na medida em que as “fronteiras” sexuais não forem respeitadas (YOUNG; FURMAN; JONES, 2012). Destaca-se, ainda, que o uso dessas substâncias aumenta o risco de comportamentos sexuais inadequados, pois reduzem as habilidades cognitivas e motoras dos adolescentes, e também a capacidade de detectar potenciais riscos de violação sexual.

Na avaliação da prevalência de abuso sexual segundo o autor da agressão, observa-se que o membro familiar próximo, o que inclui o pai ou padrasto, apresentou uma das menores prevalências, sendo que a maioria dos estudos aponta para altas prevalências nesse grupo. Chama-nos atenção a elevada prevalência de violência sexual nas relações de namoro, com taxa igual à de violência perpetrada por um desconhecido da vítima. Deve-se destacar, porém, que em aproximadamente 85% dos casos o agressor é conhecido da vítima e pertence a alguma de suas esferas relacionais.

Costa et al. (2018) destaca que a família é vista socialmente como espaço seguro e de proteção para criança e adolescente, o que favorece processos de segredo nesse tipo de violência, e por essa razão ela pode aparecer como menos prevalente em relação a outros agressores.

Dados do Balanço Anual do Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos indicam que 60,0% das denúncias de violação sexual de crianças e adolescentes no Brasil em 2017 envolveram um membro familiar próximo (pai, mãe, padrasto, madrasta) e mais da metade dos casos aconteceram na residência das vítimas (BRASIL, 2018).

De acordo com dados da PeNSE 2015, foi observada maior prevalência de vitimização sexual no sexo feminino, tendo o(a) namorado(a)/ex-namorado(a) como principal autor da agressão (26,6%; IC: 24,3-28,9), seguido por amigos (21,9% IC: 19,4-24,1). O membro familiar próximo foi apontado como agressor menos prevalente, responsável por 11,9% (IC: 10,2-13,6) (COSTA et al., 2018). De qualquer forma, fica evidente que na absoluta maioria dos casos de violência sexual o agressor pertence a alguma esfera relacional da vítima.

Como já mencionamos, nessa fase da vida são estabelecidas as primeiras experiências afetiva-sexuais com grande potencial de vitimização e/ou perpetração de violência no namoro por ser um período de iniciação sexual, de pouca ou nenhuma maturidade psicológica/emocional e inexperiência relacional (GUERREIRO et al., 2015).

Um dado importante da pesquisa é a dualidade agressor-vítima presente no relacionamento amoroso dos adolescentes; a absoluta maioria (72,7%) daqueles que relataram ser autor de violência sexual no namoro também já tiveram ao menos uma experiência de vitimização.

Carvalho, Assis e Pires (2017) constataram, em estudo realizado com adolescentes escolares de 15 a 19 anos de idade, em 10 capitais brasileiras, que quase metade dos meninos e meninas já foram tocados sexualmente mesmo quando não desejavam, com altas prevalências de ameaça na tentativa de obtenção de relação sexual para ambos os sexos, concluindo que os comportamentos sexuais inadequados são bilaterais.

Partilhar a experiência de vitimização é uma tarefa difícil, dentre outros fatores, por trazer à memória experiências potencialmente traumáticas. As mulheres parecem estar mais abertas a revelar os casos de violência sexual. Nesse estudo apenas um adolescente do sexo masculino aceitou participar das entrevistas, sendo que ele não classifica a experiência de ser tocado ou acariciado sexualmente sem consentimento como abuso sexual.

A experiência de vitimização sexual no namoro, na maioria dos casos, envolve o ato de a pessoa ser tocada/acariciada sem consentimento, lançando mão de argumentos, pressão, força física ou mesmo uso de substâncias psicoativas.

O relatório de comportamento de risco juvenil do *Center for Disease Control and Prevention* (CDC) dos Estados Unidos, realizado com mais de 13 mil estudantes, constatou que aproximadamente 10% dos escolares já sofreram alguma experiência de violência sexual no namoro nos 12 meses anteriores à pesquisa, a exemplo de ser beijado, tocado ou forçado a ter relações sexuais, observando-se uma prevalência mais de duas vezes maior de vitimização no sexo feminino (CDC, 2014).

Segundo Oliveira et al. (2011), alguns fatores são apontados como essenciais na dinâmica da violência nas relações de namoro, são eles: fatores sociodemográficos, como idade, raça, condições socioeconômicas etc.; fatores familiares e experiência prévia de vitimização, coesão familiar, eventos violentos e abuso sexual na infância; fatores individuais, a exemplo de autoestima, concepção de papéis sexuais, autoconfiança e autocontrole; fatores interpessoais, como grau de envolvimento, comunicação entre os pares, experiências amorosas prévias; e fatores explicativos, como a tolerância à violência.

De acordo com os relatos dos adolescentes nas entrevistas, situações que podem ser caracterizadas como abuso sexual podem ser vistas como normais e rotineiras no relacionamento de namoro, conforme observado no relato do Cravo e que também pode ser inferido a partir do relato da Primavera ao relatar o

comportamento do ex-namorado de tocá-la sexualmente em locais públicos, como em uma lanchonete, por exemplo.

De maneira geral, os autores destacam que há uma dificuldade em mensurar a violência no namoro, especialmente violência psicológica, sexual e simbólica. Torna-se mais fácil reconhecer a experiência de violência sofrida quando se produz lesões genitais e outros danos físicos potencialmente revelados (BALBINOTI, 2009).

Uma vez que nessa fase se inicia a formação da identidade e personalidade, há grande risco de internalização de atitudes e comportamentos abusivos como experiências normais; pessoas com experiências anteriores de vitimização podem apresentar atitudes de legitimação da violência sofrida. O estudo de Guerreiro et al. (2015) evidenciou que 37% das pessoas que vivenciaram situações que podem ser classificadas como violência no namoro não se reconheceram como vítimas de violência.

O estudo qualitativo realizado pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID) no Brasil com casais de namorados adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos de idade, constatou que comportamentos de controle foram práticas comuns nos relatos, em que tanto os meninos quanto as meninas já proibiram seus parceiros(as) de terem determinadas amizades, restringiram acesso a celulares, monitoramento de redes sociais etc. Observa-se que os adolescentes tendem a se submeter a esse tipo de comportamento sob o discurso de que são atitudes cujo objetivo é preservar o relacionamento e proteger o(a) parceiro(a). Constatou-se ainda que frequentemente os(as) adolescentes não reconhecem o relacionamento como problemático e não se veem vítimas de violência (BID, 2017).

Um estudo de Barros e Schraiber (2017) com homens e mulheres usuários de Unidades Básicas de Saúde de São Paulo sobre violência por parceiro íntimo, além de confirmar uma maior prevalência de vitimização, inclusive sexual, pelas mulheres, mostrou que elas apresentaram baixa percepção de vitimização por violência em eventos de agressão experimentados, bem como os homens apresentaram baixa percepção da violência perpetrada. Os autores sugerem uma distinção de gênero e banalização da violência nos relacionamentos íntimos explicada como uma construção histórica, valorizada em muitas culturas, na perspectiva de educar a mulher no seu papel de subordinação ao gênero oposto. Nesse sentido, em relação à violência sexual, questões de gênero apontam para uma “obrigação feminina” no relacionamento sexual, motivando relações sexuais indesejadas, além de outras

atividades sexuais depreciativas, entendidas como obrigatórias pelos homens diante do relacionamento íntimo que possuem com as vítimas.

De maneira geral, observa-se que não existe uma demonstração de comportamento violento no início do relacionamento, os perpetradores de violência sexual buscam estabelecer uma maior relação de confiança e afeto com as propensas vítimas, estabelecendo comportamentos de gentileza, atenção ou mesmo oferecendo presentes, além disso, buscam criar situações em que possam ficar a sós com as vítimas (HOHENDORF; PATIAS, 2017). Em um dos casos relatados observa-se a criação da situação em que se estabeleceria a relação sexual não consentida no namoro, especificamente o relatado por Jasmim da ida à casa de um tio do agressor para colocar comida para cachorros quando não haveria outra pessoa nessa casa.

Após esse momento de preparação, são iniciados os episódios de violência em uma progressão ascendente, primeiramente como manifestações sutis, a exemplo de elogios, até o estabelecimento de relações mais sexualizadas, na medida em que se vence a resistência das vítimas (HOHENDORF; PATIAS, 2017). Estes autores destacam que os agressores, ao perceberem resistência e/ou situações de estranhamento, buscam envolver os menores a partir do vínculo que possuem, do afeto ou mesmo através de chantagens e ameaças.

Todas as entrevistadas afirmaram ter sofrido uma experiência anterior de vitimização envolvendo um membro familiar ou conhecido da família, a maioria sendo episódios isolados, havendo apenas um caso de múltiplos agressores em episódios variados e de longa duração.

Florentino (2015) destaca que o abuso sexual contra crianças e adolescentes afeta o desenvolvimento humano em todos os aspectos, e que a severidade dos impactos depende de fatores como o grau de envolvimento entre vítima e agressor, a idade da vítima, a duração da violência, a sobreposição de violências, assim como aspectos culturais, sociais e subjetivos.

Beserra et al. (2016) destacam que as experiências de vitimização por abuso sexual no namoro estão frequentemente associadas a continuidade de experiências de violência sofridas ainda na infância em suas famílias e que adolescentes escolares do ensino médio que são vítimas deste tipo de violência apresentam maior probabilidade de novos eventos violentos na vida adulta.

O caso específico da adolescente Jasmim envolveu sobreposição de violências e vitimização de longa duração. Observa-se que houve um comportamento inicial de aproximação, afeto, aquisição de confiança e posterior vitimização por parte do padrasto, com discurso de responsabilização da vítima pela violência sofrida, do estigma de culpabilização que conduz à síndrome do silêncio.

Hohendorf e Patias (2017) ressaltam o processo de estigmatização das vítimas, que as responsabiliza pela violência sofrida com discursos, por exemplo, de que meninas provocam ao usarem roupas curtas. É interessante destacar, ainda, a importância desse processo de estigmatização na observância das menores prevalências entre meninos, envolvendo, por exemplo, questões relacionadas ao mito da masculinidade e questionamentos sobre a orientação sexual das vítimas (KAUFMAN, 2008). De qualquer maneira, o descrédito, a culpabilização e estigmatização das vítimas têm como consequências sentimentos de culpa que conduzem ao isolamento social.

Estudo do BID observou que normas e dinâmicas de gênero estimulam a violência no namoro, a exemplo de as meninas usarem roupas socialmente consideradas provocantes. A respeito disso, considera-se que o papel masculino é “fazer com que elas se comportem”, sob pena de serem considerados fracos se não o fizerem. O estudo evidenciou que as meninas são envolvidas em atos sexuais não desejados e permanecem em relacionamentos abusivos por medo, e que os meninos devem insistir na relação sexual para provar virilidade (BID, 2017).

Constata-se uma maior prevalência de discurso legitimador de violência no namoro por parte dos rapazes, mais tendenciosos a considerar aceitável que ocorra relações sexuais forçadas na relação, quando as meninas acabam cedendo às pressões por medo do término da relação e pela ideia de subordinação feminina (GONÇALVES, 2013).

Gonçalves (2013), ao estudar fatores, crenças e atitudes de legitimação da violência sexual no namoro de adolescentes e jovens portugueses, aponta alguns mitos e estereótipos usados, como o de que muitas mulheres provocam a situação e por isso querem ser violadas. As mulheres violadas são aquelas com reputação negativa socialmente, e ao serem violadas sexualmente por alguém conhecido, a exemplo do namorado(a), gera impacto psicológico menor. Há ainda o mito da masculinidade segundo o qual os homens não são violados sexualmente; e, se forem, sentem-se pressionados a não revelar para não terem a masculinidade

questionada, ou mesmo a sexualidade, quando se tratar de vitimização por agressor do mesmo sexo.

Nesse estudo, constata-se que sentimentos de medo e vergonha podem ter postergado, mas não impedido a revelação do abuso sexual sofrido. Nesse contexto, as adolescentes recorreram em maioria às suas mães e, posteriormente, a apoio psicológico; apenas uma entrevistada buscou auxílio nos órgãos de proteção, no entanto, ela não encontrou acolhimento e veio a sofrer um processo de revitimização ou vitimização secundária.

A reação materna é apontada como um dos principais fatores de mediação dos possíveis impactos da violência sexual em crianças e adolescentes, e pode ser de apoio e proteção ou ainda de culpabilização da vítima, o que potencializa os danos (BORGES; ZINGLER, 2013). De acordo com Silva e Teixeira (2017), no início da vida, a mãe ou quem ocupa esta função atua como uma espécie de escudo protetor entre a criança e os estímulos externos do mundo, filtrando aquilo que será experienciado e a intensidade.

Embora não tenha sido observado em nenhuma das narrativas, é importante destacar que frequentemente ocorre uma negação da experiência de violência por parte da mãe não abusiva. Há casos em que a mãe não acredita no relato da vítima, frequentemente a filha; casos em que a mãe enxerga a filha como adversária que seduziu o seu companheiro e, ainda, casos em que a mãe prefere a companhia do marido-agressor, colocando a vítima em situação de desamparo.

Oliveira et al. (2014) destacam que fatores como cumplicidade familiar, omissão e o fato de não haver testemunhas na maioria dos casos são importantes agravantes e dificultam o rompimento da barreira do segredo. Os autores destacam o papel da mãe, em seu estudo, assim como nesse, que foi apontada como a fonte mais importante de apoio e encorajamento à denúncia, porém é importante ressaltar que alguns fatores podem contribuir para a omissão materna, como, por exemplo, a tentativa de manutenção do laço familiar ou a ideia de que denunciar o companheiro poderia representar o fracasso da mãe enquanto esposa, assim como figura protetora dos filhos.

Estudo de Martins (2011) com mulheres adolescentes e jovens vítimas de abuso sexual intrafamiliar e extrafamiliar evidenciou, a partir de relatos das vítimas, que os impactos produzidos pela experiência de vitimização afetam os relacionamentos sociais, familiares e afetivos, mais prolongados quando as vítimas

não encontram apoio na rede de amigos e familiares, especialmente a mãe ou cuidador mais próximo. A maneira como se dá o acolhimento será determinante no encorajamento da vítima a enfrentar e superar a violência.

Nas entrevistas, algumas adolescentes relataram não denunciar por descrédito nos órgãos de proteção, ou ainda por sentimentos de culpa e preservação de relacionamentos (coesão familiar). Outras estratégias de enfrentamento por parte das vítimas incluíram maior cumplicidade no relacionamento, conversar mais e não ceder às vontades do outro, e mudanças comportamentais, como não confiar totalmente no parceiro.

Observa-se que espaços que deveriam favorecer a revelação das experiências de violência tornam-se ambientes de revitimização e responsabilização da vítima pela violência sofrida. Na tentativa de exemplificar tal fato, Viana e Sousa (2015) tomam como referência as delegacias especializadas em atendimento à mulher, onde muitas vezes o atendimento é realizado por homens que partilham do discurso de supremacia masculina ou mesmo agentes femininas que legitimam esse discurso ao adotarem comportamento análogo ao dos homens.

Balbinotti (2009) destaca a necessidade de conhecimento, dentre outros profissionais, por parte dos operadores do direito, de conceitos e fatores envolvidos nas experiências de abuso sexual, com vistas a evitar o processo de revitimização. Um desses conceitos essenciais refere-se à chamada síndrome do segredo. Esta síndrome é mais comum nas relações que apresentam envolvimento de laços afetivos, a exemplo das relações familiares e de namoro. “Consiste na ocultação da verdade dos fatos, tanto pela criança quanto pelos próprios familiares (quando cientes), com o intuito velado de manter inalterada a rotina doméstica” (p. 8).

O segredo faz parte da dialética social, considerando que a sociedade se apresenta com uma tendência para se revelar e, ao mesmo tempo, para se esconder. Nesse sentido, o segredo surge como ação de dissimular as realidades através de meios negativos e positivos, possibilitando o alargamento da vida social, porque impede muitos conteúdos existenciais de se manifestarem (VIANA; SOUSA, 2015, p. 22).

A ocultação dos casos de violência é também uma maneira de manter a coesão social. Balbinotti (2009) cita alguns fatores internos e externos que conduzem à síndrome do segredo, dentre eles: a ausência de evidências médicas e outros elementos que comprovem o abuso; o descrédito na versão da

criança/adolescente; ameaças físicas e psicológicas por parte do agressor e culpabilização da criança pelo acontecido. Na intenção de manter a coesão familiar e social, somada ao temor de sanções por parte dos genitores, as vítimas mantêm as situações vivenciadas em segredo.

No tocante às estratégias de enfrentamento, Borges e Zingler (2013) afirmam que a forma como o evento estressor será superado depende da interação de fatores de risco e proteção, e da avaliação subjetiva que a vítima faz da experiência vivenciada. Ou seja, ser vítima de uma situação caracterizada, do ponto de vista objetivo, como abuso sexual pode não ser interpretada como sendo uma experiência de violência. As autoras destacam ainda a necessidade de uma postura de acolhimento afetiva e efetiva nos órgãos de proteção, visando o rompimento da barreira do silêncio e para evitar processos de revitimização.

Gunby et al. (2012) destacam que nas últimas décadas ocorreram mudanças significativas na forma como os casos de violência sexual têm sido tratado em todo o mundo, com grandes avanços, introdução de medidas práticas e protocolos de acolhimento e acompanhamento das vítimas e uma ampliação dos serviços de apoio. Entretanto, algumas fragilidades são observadas, como a fragmentação da rede no Brasil e a subnotificação dos casos.

A maioria dos estudos sobre vitimização por abuso sexual permanecem no nível descritivo ou utilizam apenas de uma abordagem quantitativa ou qualitativa. Nesse estudo, os dados qualitativos vão de encontro aos achados quantitativos, corroborando com os principais achados, como, por exemplo, os impactos psicológicos e emocionais, ideação suicida, necessidade de apoio e acompanhamento profissional especializado. Ao mesmo tempo, os dados qualitativos ampliam a visão sobre a experiência de vitimização por abuso sexual, uma vez que parte da subjetividade dos sujeitos envolvidos, inclusive mostrando a influência de fatores familiares, individuais e explicativos, amplamente descritos na dinâmica da violência sexual, sobre a forma como as experiências são assimiladas e enfrentadas.

7 CONCLUSÃO

Adolescentes em idade escolar apresentam grande vulnerabilidade a eventos violentos, sobretudo violência sexual em distintas esferas relacionais, com destaque para vitimização nas relações de namoro. Observou-se uma alta prevalência desse tipo de violência na cidade de Caxias, estado do Maranhão, associado a fatores como consumo de bebidas alcóolicas e outras drogas, ideação suicida e importantes problemas emocionais e/ou psicológicos.

A elevada prevalência de eventos sexuais violentos contra adolescentes escolares chama atenção, sendo o(a) (ex)namorado(a)/ficante identificados como agressores mais prevalentes, superando os achados em outros grupos de agressores, como o de membros familiares próximos, um grupo apontado frequentemente como principal agressor pela literatura. Destaca-se o fato de a grande maioria dos adolescentes se identificarem como vítimas e autores de violência ao mesmo tempo.

O estudo permitiu conhecer como se dão as experiências de vitimização no namoro de adolescentes, frequentemente antecedidas de experiências de violência em uma outra esfera relacional, inclusive familiar, e apontou elementos que conduzem ao que a literatura chama de síndrome do segredo, tais como ameaças, dificuldades em perceber as experiências sofridas enquanto eventos violentos, culpabilização da vítima e sentimentos de medo, vergonha, insegurança e descrédito nas instituições.

Observou-se, ainda, que os impactos da experiência sofrida são variados e dependem da interação de diversos fatores, como a relação estabelecida entre agressor e vítima, a duração e frequência dos eventos violentos e a sobreposição de violências, mas que geram grande repercussão sobre a saúde física, mental, social e emocional dos adolescentes.

Um grande desafio que é apresentado diz respeito à superação das experiências secundárias de vitimização, sobretudo por parte dos órgãos de proteção e prevenção, uma vez que esse processo potencializa os danos, gera impunidade e contribui para manutenção do ciclo da violência.

O estudo apresenta limitações que precisam ser consideradas. A etapa quantitativa baseou-se em questionário autoaplicável extenso e as respostas podem sofrer a influência de vários fatores, inclusive da interpretação que os adolescentes

possuem sobre o que é violência ou não. O questionário apresentou poucas informações que possibilitariam detalhar a dinâmica do abuso sexual, apesar de informações detalhadas terem sido obtidas nas entrevistas, no entanto, não havia possibilidade de entrevistar todos os escolares. Alguns fatores positivos, dentre vários, precisam ser destacados, como a utilização da triangulação sequencial de métodos e do fato de as questões sobre violência sexual no questionário quantitativo contemplarem as manifestações mais sutis desse tipo de violência.

Apesar do crescente interesse da comunidade científica sobre esse tema, observou-se que há muito a ser esclarecido sobre a dinâmica do abuso sexual contra adolescentes, especialmente nas relações de namoro.

Os objetivos desse estudo foram alcançados, visto que possibilitou obter uma caracterização do abuso sexual sofrido pelos adolescentes escolares do ensino médio da rede pública de ensino de Caxias, MA. A pesquisa permitiu entender como ocorrem, e também analisar, as experiências de vitimização e os impactos produzidos, identificar agressores e fatores associados. É possível ainda seu uso em espaços de discussão sobre a situação local, a exemplo de fóruns, seminários e audiências públicas.

Os resultados obtidos nesse estudo podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias, planos de ação e políticas públicas de saúde, de segurança e educacionais a serem implementadas pelos gestores, secretarias, sociedade e comunidade escolar, na perspectiva da prevenção e rompimento dos ciclos de violência. Portanto, o abuso sexual como problema social e de saúde pública exige um olhar amplo, intersetorial e multidisciplinar, articulando família, sociedade, escola e redes e serviços de proteção para o efetivo enfrentamento desse fenômeno complexo e multifacetado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, W. S. C. de; SILVA, A. F. da; ESTRELA, F. M.; LÍRIO, J. G. dos S.; CRUZ, M. A. da; SANTOS, J. R. L.; PEREIRA, A. A influência do consumo de bebidas alcoólicas na ocorrência de violência por parceiro íntimo: revisão integrativa. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 2, p. 117-122, maio/ago. 2018.
- ASSIS, S. G.; MARRIEL, N S M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, SG; CONSTANTINO, P; AVANCI, J Q. (orgs). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 41-63.
- BALBINOTTI, C. A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. **Direito & Justiça**, v. 35, n. 1, 2009
- BARROS, C. R. dos S.; SCHRAIBER, L. B. Intimate partner violence reported by female and male users of healthcare units. **Revista de saúde pública**, v. 51, p. 7, 2017.
- BASILE, K. C.; SMITH, S. G. Sexual violence victimization of women: Prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. **American Journal of Lifestyle Medicine**, v. 5, n. 5, p. 407-417, 2011.
- BESERRA, M. A.; LEITÃO, M. N. D. C.; FABIÃO, J. A. D. S. A.; DIXE, M. D. A. C. R.; VERÍSSIMO, C. M. F.; FERRIANI, M. D. G. C. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 1, 2016.
- BID. Banco Interamericano do Desenvolvimento. **Violência em relacionamentos de namoro entre adolescentes: no Brasil e em Honduras**. Brasil: BID, 2017.
- BORGES, J. L.; ZINGLER, V. T. Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 3, 2013.
- BRASIL. Lei n 8.069 de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, p. 13563, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Ministério de Estado dos Direitos humanos. **Balanço Anual da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos 2017**. Brasília, DF, 2018.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013.

CARDIN, V. S. G.; MOCHI, T. F. G.; BANNACH, R. Do abuso sexual intrafamiliar: uma violação aos direitos da personalidade da criança e do adolescente. **Revista Jurídica Cesumar-Mestrado**, v. 11, n. 2, 2011.

CARVALHO, L. S.; ASSIS, S. G.; PIRES, T. O. Violência sexual em distintas esferas relacionais na vida de adolescentes. **Adolesc Saude**. 2017;14(1):14-21

CARVALHO, L. S. **A violência sexual na adolescência: significados e articulações**. 2012. 204 f. Tese (Doutorado em ciências)- Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012.

CDC. Center for Disease Control. Youth risk behavior surveillance—United States, 2013. **Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries**, v. 63, n. 4, p. 1-168, 2014.

COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G. da; LINDNER, S. R. **Violência: definições e tipologias**. 2014.

COSTA, F. B. S.; MIRANDA, C. E. S.; RODRIGUES, M. T. P.; MASCARENHAS, M. D. M. Violência Sexual entre Adolescentes Escolares Brasileiros. **Adolesc Saude**. 2018;15(2):72-80

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 11, supl. p. 1163-1178, 2007 .

ESPELAGE, D. L.; DAVIS, J. P.; BASILE, K. C.; ROSTAD, W. L.; LEEMIS, R. W. Alcohol, Prescription Drug Misuse, Sexual Violence, and Dating Violence Among High School Youth. **J Adolesc Health**. 2018 Nov;63(5):601-607.

FALEIROS, V. P.; FALEIROS, E. S. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014.

FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 1, p. 17-27, Jan. 2008 .

FONTES, K. B.; ALARCÃO, A. C. J.; NIHEI, O. K.; PELLOSO, S. M.; ANDRADE, L.; CARVALHO, M. D. de BARROS. Regional disparities in the intimate partner sexual violence rate against women in Paraná State, Brazil, 2009-2014: an ecological study. **BMJ open**, v. 8, n. 2, p. e018437, 2018.

GONÇALVES, M. A. S. **Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos**. 2013. 88f. Dissertação (Mestrado

em Psicologia da Educação)- Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal, 2013.

GUERREIRO, A.; PONTEDEIRA, C.; SOUSA, R.; MAGALHÃES, M. J.; OLIVEIRA, E.; RIBEIRO, P. Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. **Atas do colóquio internacional @s jovens e o crime: transgressões e justiça tutelar**", 2015.

GUNBY, C.; CARLINE, A.; BELLIS, M. A.; BEYNON, C. Gender differences in alcohol-related non-consensual sex; cross-sectional analysis of a student population. **BMC public health**, v. 12, n. 1, p. 216, 2012.

SOARES, E. M. R.; DA SILVA, N. L. L.; DE MATOS, M. A. S.; ARAÚJO, E. T. H.; DA SILVA, L. D. S. R.; LAGO, E. C. Perfil da violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 1, p. 87-96, 2016.

HAILE, R. T.; KEBETA, N.; D. KASSIE, G. M. Prevalence of sexual abuse of male high school students in Addis Ababa, Ethiopia. **BMC international health and human rights**, v. 13, n. 1, p. 24, 2013.

HOHENDORFF, J. V.; KOLLER, S. H.; HABIGZANG, L. F. Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, p. 182-198, 2015.

HOHENDORFF, J. V.; PATIAS, N. D. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. **Barbarói**, n. 49, p. 239-257, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

KAUFMAN, M. Care of the adolescent sexual assault victim. **Pediatrics**, v. 122, n. 2, p. 462-470, 2008.

LEVINE, E. Sexual violence among middle school students: the effects of gender and dating experience. **Journal of interpersonal violence**, v. 32, n. 14, p. 2059-2082, 2017.

LUSTOSA, A.; PEREIRA, A.; MOREIRA, D.; SILVA, A.; MARQUES, L.; VIEIRA, L.. Abuso Sexual contra crianças: evidências para o cuidado de enfermagem. **Cadernos ESP, Ceará** 8(2): 50-63, jul./dez. 2014.

MALTA, D. C.; BERNAL, R. T. I.; PUGEDO, F. S. F.; LIMA, C. M.; MASCARENHAS, M. D. M.; JORGE, A. D. O.; MELO, E. M. D. Violências contra adolescentes nas capitais brasileiras, segundo inquérito em serviços de urgência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2899-2908, Sept. 2017.

MARTINS, A. G.; DO NASCIMENTO, A. R. A. Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 1, p. 107-121, 2017.

MARTINS, R. de C. Abuso sexual e resiliência: enfrentando as adversidades. *Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza - Vol. XI - Nº 2 - p. 727 - 750 - jun/2011.*

MEKURIA, A.; NIGUSSIE, A.; ABERA, M. Childhood sexual abuse experiences and its associated factors among adolescent female high school students in Arbaminch town, Gammo Goffa zone, Southern Ethiopia: a mixed method study. **BMC international health and human rights**, v. 15, n. 1, p. 21, 2015.

MINAYO, C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, O. C. **Adaptação transcultural e validação de conteúdo do questionário “Parcours Amoureux des Jeunes - PAJ” - Montréal/ Canadá - para o contexto do Brasil**. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

NEVES, A. S.; DE CASTRO, G. B.; HAYECK, C. M.; CURY, D. G. Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 99-111, 2010.

NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 871-880, 2016.

OLIVEIRA, J. R. D.; COSTA, M. C. O.; AMARAL, M. T. R.; SANTOS, C. A.; ASSIS, S. G. D.; NASCIMENTO, O. C. D. Violência sexual e coocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 759-771, 2014.

OLIVEIRA, K. D.; ALMEIDA, K. L.; BARBOSA, T. L. **Amostragens probabilística e não probabilística: técnicas e aplicações na determinação de amostras**. 2012. Universidade do Espírito Santo, 2012.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. D.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, R. D. Violências nas relações afetivo-sexuais. IN: Minayo MSC, Assis SG, Njaine K, (org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 87-139, 2011.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. São Paulo, 2012.

PEDERSEN, J. R. Vitimação e vitimização de crianças e adolescentes: expressões da questão social e objeto de trabalho do Serviço Social. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 104-122, 2009.

QUIRINO, A. H. A vitimização e sua tratativa à luz do processo penal brasileiro. **Conteúdo Jurídico**, Brasília-DF: 20 jan. 2015.

RIBAS, M. A.; CARVALHO, T. G. M. L. A. A extensão universitária na saúde do escolar: um olhar voltado para a violência na escola. **Cataventos**, ano 8, n. 01, 2016.

ROSA, R.; BOING, A. F.; SCHRAIBER, L. B.; COELHO, E. B. S. Violência: conceito e vivência entre acadêmicos da área da saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 14, n. 32, p. 81-90, Mar. 2010.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v.17. n. 1, 2015.

SILVA, C. G. S. A violência doméstica e sua influência na aprendizagem: um estudo exploratório no Centro de Integração Familiar (CEIFAR). **Tarrafa Revista do Nupe do DEDCI**. 2012.

SILVA, R. A.; TEIXEIRA, L. C. Adolescência e o Traumático: Sobre Abuso Sexual e as Vicissitudes do Sujeito. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 3, p. 92-103, 2018.

SINGH, M. M.; PARSEKAR, S. S.; NAIR, S. N. An epidemiological overview of child sexual abuse. **Journal of family medicine and primary care**, v. 3, n. 4, p. 430, 2014.

SOARES, J. S. F. **Violências nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Porto Alegre**: prevalência e rede de apoio. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SOARES, J. S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 6, p. 1121-1130, June 2013.

SOUZA, T. M.; BARBOSA, R. B. Abuso sexual intrafamiliar em meninos. **Psicologia em Foco**, v. 5, n. 1, 2015.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.; SILVA, J. M.; ARAUJO, M. V. Tipos e consequências da violência sexual sofrida por estudantes do interior paulista na infância e/ou adolescência. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 90-102, 2013.

TOLDY, Teresa Martinho. A violência e o poder da (s) palavra (s): A religião cristã e as mulheres. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 89, p. 171-183, 2010.

VIANA, A. J. B.; SOUSA, E. S. S. Crimes e segredos na violência sexual contra as mulheres: o diálogo entre Durkheim e Simmel. **Política & Sociedade**, v. 14, n. 29, p. 11, 2015.

WHO. World Health Organization. **Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence**. France, 2006.

WHO. World Health Organization. The world report on violence and health. **The lancet**, v. 360, n. 9339, p. 1083-1088, 2002.

WHO. World Health Organization. **Guidelines for medicolegal care for victims of sexual violence**. Geneva, Switzerland: WHO; 2003.

YOUNG, B. J.; FURMAN, W.; JONES, M. C. Changes in adolescents' risk factors following peer sexual coercion: Evidence for a feedback loop. **Development and Psychopathology**, v. 24, n. 2, p. 559-571, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Manuscrito

Artigo Original

Violência sexual e namoro: experiência de vitimização e impactos nos relacionamentos de adolescentes

Título resumido: Violência sexual e namoro de adolescentes

Felipe Barbosa de Sousa Costa¹

Cássio Eduardo Soares Miranda¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Piauí (PPGSC/CCS/UFPI), Teresina-PI, Brasil.

Autor correspondente

Felipe Barbosa de Sousa Costa - Rua Castelo Branco, nº 815, Campo de Belém. Caxias, MA, Brasil. CEP: 65609-130. (86) 99462-2023

E-mail: felipe_barbosama@hotmail.com

Colaboração

Costa FBS e Miranda CES participaram da proposição do tema, delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados. Costa FBS realizou a redação do manuscrito. Miranda CES realizou revisão crítica e final do texto. Todos os autores aprovaram a versão final do manuscrito.

Conflito de interesses: não existe nenhum tipo de conflito de interesses.

Financiamento: recursos próprios dos autores.

Resumo

Objetivo: Analisar as experiências de vitimização por abuso sexual e seus impactos em adolescentes escolares. **Métodos:** Estudo qualitativo em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individualizadas com 5 escolares da rede pública do ensino médio de Caxias, Maranhão, que sofreram violência sexual nas relações amorosas. Os dados foram interpretados com base na análise de conteúdo de Bardin. As unidades foram agrupadas em eixos temáticos: experiência de vitimização e percepções sobre violência e impactos e estratégias de enfrentamento e superação da violência sofrida. **Resultados:** Os dados mostram desde experiências sutis de violência, a exemplo de carícias e toques indesejados, até tentativas de manutenção de relação sexual forçada nas relações de namoro, frequentemente precedidas de experiências anteriores em outras esferas relacionais e sobreposição de violências. Alguns adolescentes não reconheceram experiências sofridas como sendo eventos violentos, inclusive apresentaram discursos legitimadores de violência. Os impactos produzidos diferem conforme as características da violência sofrida, porém sentimentos de medo, culpa, vergonha e isolamento social foram comuns, bem como comportamentos suicidas. As principais formas de enfrentamento incluíram partilha das experiências com as mães, mudanças de atitude frente aos relacionamentos, e apenas uma adolescente recorreu a órgãos de proteção, sofrendo processo de revitimização. **Conclusão:** o estudo permitiu conhecer como se dão as experiências de vitimização por abuso sexual no namoro dos adolescentes, apontando os impactos produzidos e elementos que conduzem ao que a literatura chama de síndrome do segredo.

Palavras chave: Adolescentes. Escolares. Violência sexual. Violência por Parceiro Íntimo.

INTRODUÇÃO

Na fase da adolescência começam a ser formadas as primeiras relações amorosas dos indivíduos, é período considerado crítico pela importância que tem na construção da identidade e personalidade do adolescente¹.

Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, no mundo, 73 milhões de garotos e 150 milhões de meninas com idade inferior a 18 anos sofreram ao menos uma experiência sexual indesejada².

A literatura indica que a maioria dos casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes são cometidos por conhecidos da vítima, destacando-se os casos de violência sexual nas relações amorosas dos adolescentes³. A violência nas relações de namoro de adolescentes se tornaram preocupações significativas de saúde pública, incluindo atividade sexual não consentida com ou sem penetração, assédio sexual e tentativas de obtenção de atividade sexual, com prevalências observadas, nos Estados Unidos, de 15,6% no sexo feminino e 5,4% no sexo masculino⁴.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 (PeNSE 2015), aproximadamente 4,0% dos adolescentes escolares brasileiros já foram vítimas de violência por relação sexual forçada, com maior prevalência observada no sexo feminino e tendo o(a) namorado(a)/ex-namorado(a) como principal autor da agressão³.

O relatório de comportamento de risco juvenil do Center for Disease Control and Prevention (CDC) dos Estados Unidos, realizado com mais de 13 mil estudantes, constatou que aproximadamente 10% dos escolares já sofreram alguma experiência de violência sexual no namoro nos 12 meses anteriores a pesquisa, a exemplo de ser beijado, tocado ou forçado a ter relações sexuais, sendo observada uma prevalência mais de duas vezes maior de vitimização no sexo feminino^{5,6}.

Situações de violência sexual contra adolescentes são consideradas problemas sociais e ocorrem em todas as classes socioeconômicas, porém são observadas maiores prevalências no seio de famílias de classes socioeconômicas mais baixas⁷. São ainda graves problemas de saúde pública, visto que causam danos físico, psicológico e social^{8,9} e que podem ter consequências no desempenho educacional^{10,7}.

Diante da complexidade do problema, do número reduzido de estudos sobre o tema no Brasil e dos constantes noticiários sobre casos de violação sexual de crianças e adolescentes, surgiu o interesse em estudar de forma aprofundada a temática. Soma-se a isso a vivência do autor em espaços de reflexão e enfrentamento às situações de violência contra adolescentes e

jovens no município de Caxias. O estudo tem como objetivo analisar as experiências de vitimização por violência sexual e seus impactos em adolescentes escolares.

MÉTODOS

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “Abuso sexual em adolescentes escolares: experiência de vitimização e seus impactos”, do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí (PPGSC/CCS/UFPI). No projeto original foram avaliados 367 adolescentes escolares da rede pública de ensino médio de Caxias, estado do Maranhão. Desta amostra, 53 adolescentes foram vítimas de experiências de violência sexual nas relações de namoro; dentre estes, 5 se disponibilizaram a participar da pesquisa qualitativa.

Foram incluídos adolescentes regularmente matriculados no ensino médio, com idade máxima de 19 anos, conforme recomendação da OMS para adolescente; escolares de ambos os sexos, tendo assinado o termo de assentimento livre e esclarecido e autorizados pelos pais/responsáveis através do termo de consentimento.

Foram realizadas entrevistas com 5 escolares, o que representa aproximadamente 10% do total de alunos que afirmaram ter sido vítimas de alguma experiência de violência sexual em uma relação amorosa. Foram entrevistados 1 menino e 4 meninas, que foram identificados com os seguintes nomes de flores, para preservar seu anonimato: Margarida, Rosa, Jasmim, Primavera e Cravo. O Quadro 1 expõe um resumo das características dos entrevistados.

A amostra foi intencional por cota, sendo o tamanho final definido por saturação. A seleção da amostra em abordagens qualitativas não advém do levantamento da distribuição de categorias, uma vez que, nas pesquisas qualitativas, a preocupação está na necessidade de que a amostra possua e reflita dimensões do contexto estudado¹¹.

Diante disso, os adolescentes foram escolhidos de acordo com a seguinte cota: adolescentes que sofreram abuso sexual perpetrado pelo namorado(a) “ficante”/parceiro(a). A abordagem dos escolares para manifestação de interesse em participar desta etapa do estudo foi realizada de forma individualizada.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individualizadas com os escolares, com uso de gravador de áudio, pedindo aos adolescentes que descrevessem suas experiências vivenciadas na infância e adolescência, abordando o tema da violência sexual; como se dão seus relacionamentos afetivos antes e após a violência; quais as implicações sobre o convívio social; percepções e sentimentos diante de situações de violência. As entrevistas foram

realizadas em escolas que contavam com profissional especializado para atuar em casos de alterações psicológicas e emocionais dos adolescentes.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin, cujos procedimentos envolvem três fases: 1) pré análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação¹².

Neste estudo, após a pré-análise, foram observadas as seguintes unidades de registro: assédio, tentativa de manter relação sexual, vitimização anterior, entendimento sobre violência, alterações psicológicas e comportamentais, culpabilização da vítima, síndrome do segredo, ideação suicida e busca por auxílio. As unidades iniciais foram agrupadas nos seguintes eixos temáticos: experiência de vitimização e percepções sobre violência e impactos e estratégias de enfrentamento e superação da violência sofrida. Os resultados são interpretados na seção de discussão deste estudo.

O projeto de pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, Campus Teresina, e aprovado em 14/08/2017, sob parecer nº 2.216.562.

RESULTADOS

Nos relatos dos adolescentes, observa-se que algumas experiências acontecem de forma rotineira e, na maioria das vezes, é entendida como brincadeira.

“O que houve comigo, ocorreu quando eu estava subindo o corredor da escola indo em direção a sala de aula, quando uma amiga meio que acabou dando um aperto em minha bunda. E isso meio que já virou frequência esse tipo de ocorrência. Exemplo: meninas pegar ou passar a mão em partes íntimas de garotos, como bumbum, frente ou até mesmo no peitoral. Isso sempre ocorre comigo” (CRAVO).

“[...] nós tava (com o ex-namorado) acho que era comendo alguma coisa, foi na lanchonete ali, a gente tava comendo e ele pegou na minha bunda assim, eu olhei pra cara dele, todo mundo ficou olhando pra mim [...] depois, demorou outro dia, ele continuava fazendo essas coisas, [...] uma vez tentou fazer coisas que eu não queria (manter relação sexual), e é porque eu gostava dele, essas coisas de adolescente [...] o irmão dele chegou na hora, e eu saí correndo” (PRIMAVERA).

A experiência acima apresenta características similares às vivenciadas por outra adolescente, também não concretizada pela chegada de um familiar do agressor no momento em que se tentava manter uma relação sexual sem consentimento.

“Fomos na casa do tio dele colocar comida pro cachorro e ele tentou me segurar só que eu acabei correndo e sai da casa e a prima dele chegou e me trouxe pra casa e eu acabei terminando o relacionamento [...]” (JASMIM).

De maneira geral, as entrevistas mostraram que as experiências de violência sexual envolveram formas sutis, como carícias e o ato de apalpar nádegas e órgãos genitais sem consentimento, até mesmo utilizando argumentos, pressão e força física, no entanto, também foram observadas tentativas de manter relação sexual sem consentimento.

Os adolescentes podem apresentar diferentes percepções sobre violência, inclusive não identificar eventos abusivos como experiências violentas. No trecho anteriormente descrito da fala do Cravo, sobre a experiência de ser apalpado sexualmente sem consentimento, percebe-se que o adolescente entende tal atitude como algo rotineiro e normal, o que pode ser constatado na fala a seguir, de quando foi questionado se ele entende que ser acariciado e/ou apalpado sexualmente sem consentimento é abuso sexual:

“Em algumas situações sim, já outras acho que não. Exemplo: se uma certa vez, o ato for feito por alguém que eu não conheça ou que seja apenas um conhecido, eu acho que sim, é abuso. Mas se for algum amigo(a), eu acho que não seja considerado abuso, pelo fato de termos algumas brincadeiras que se relacionam a esse tipo de ato [...] bem, a diferença é que sendo um amigo(a), eu sei que não há uma segunda intenção, já com uma pessoa que eu não conheço, eu já não posso falar ou pensar o mesmo[...]”.

Quando questionado a partir de que atitude consideraria um abuso sexual, ele responde: *“o apalpamento de forma mais direta, como pegar no pênis ou até mesmo em alguma outra parte íntima do corpo”.*

É importante destacar que todas as meninas entrevistadas relataram uma experiência anterior de violação sexual, sempre envolvendo uma pessoa conhecida.

“[...] bom é, foi em um evento que teve com a família e as pessoas, eu era bem menor, acho que eu tinha 13 anos e ele (amigo da família) já era um adulto. É aquela questão de, é de dizer assim, ah eu vou te ajudar ou então eu vou fazer isso por você pra poder se apropriar da situação e eu não gostei” (ROSA).

Um caso, em particular, chama atenção pela duração da vivência de violência e envolver uma vitimização por diferentes atores.

“Eu não moro com meu pai desde meus 4 anos, minha mãe, minha mãe ela era casada com meu ex padrasto e até certo ponto ele foi um ótimo pai pra mim, ele sempre cuidou de mim, porque eu sempre fui uma menina bem problemática em questão de saúde, ele sempre cuidou de mim e tudo mais, só que quando atingi uns 9, 10 anos ele começou a falar coisa

que não devia, ele começou a pegar onde não devia e isso durou acho que até meus 14 anos [...] junto com ele eu também tinha um professor de matemática, particular, que ele, eu tinha conhecido ele na igreja, ele era meu assessor de um grupo e ele era pai da minha melhor amiga e eu comecei ter aula particular de matemática com ele e aí ele começou a me mandar mensagem, ele começou a toda vez que eu ia pras aulas aí a mulher dele ia comprar comida, eu ficava sozinha em casa com ele, ele começava a passar a mão na minha perna, pegar nas minhas partes íntimas” (JASMIM).

A vivência de abuso sexual na infância e adolescência impacta de diferentes maneiras as vítimas, produzindo alterações emocionais e comportamentais que incidem diretamente sobre o convívio social e os relacionamentos afetivos e amorosos. A sensação de medo e a ocorrência de pesadelos foram relatos comuns entre as entrevistadas.

“Eu não saio de casa sozinha tem mais ou menos três anos, nem pra atravessar a rua sozinha, quando, assim quando começou, quando eu tinha 14 anos, tava no fundamental, meus amigos tinham que me buscar lá em casa, me deixar lá em casa, se não desse pra minha mãe ir me buscar ou me deixar na escola, e era tipo bem na rua detrás da minha casa, ê... eu não saio de casa sozinha em hipótese alguma, se eu ver essas pessoas eu começo a ter ataque de pânico e depois acabo não lembrando e às vezes, eu não posso ficar sozinha, porque aí eu começo a pensar nisso e lembrar, e se eu começar a pensar nisso sozinha eu começo a escutar eles, a sentir, a ver, e trouxe uma série de problemas pra minha vida, de problemas psicológicos, tanto é que eu não consigo chegar perto, ou ver, ou sentir a voz, ou ver fotos deles” (JASMIM).

Dois entrevistas chamaram atenção pela culpabilização da vítima, nas situações em que a vítima se sente culpada ou responsável pela violência exercida pelo outro. Nos dois relatos os agressores transmitem a ideia de que a forma como as garotas se vestiam provocavam as situações de abuso, um relato comum nos estudos sobre violência sexual contra mulheres.

“Eu pensei que aquele comportamento dele (ex-namorado) era culpa minha, não dele [...] eu sempre pensei que quem levava àquilo era eu [...] ele falava que não queria fazer aquilo, pediu desculpa, mas sempre terminava na mesma coisa. [...] também, porque eu acho que hoje em dia as mulheres, elas são muito julgadas pelo modo delas se vestir, eu vestia roupa curta, não visto mais, eu vestia antes, e eu pensei que o que levava ele a fazer aquilo comigo era minhas roupas” (MARGARIDA).

“E aí eu contei pra minha mãe, que, o que ele (padrasto) andava fazendo há 4 anos e aí eu acabei pedindo pra ela não se separar dele porque eu me sentia muito culpada e achava

que a culpa era minha, porque ele sempre falava que, se eu não mudasse o jeito de me comportar, as roupas que eu usava ia acontecer realmente esse tipo de coisa, então tipo, foi colocado na minha cabeça que a culpa realmente era minha, até eu crescer mais um pouco e entender que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, ele que tinha feito porque afinal quando começou eu era uma criança” (JASMIM).

Essa atitude de transferir a culpa para a vítima contribui para o que a literatura tem chamado de síndrome do segredo nos casos de abuso sexual, assim como a dependência econômica da vítima em relação ao agressor e o fato de não querer “prejudicar” outra pessoa, além da sensação de que existe uma “dívida” com quem sempre foi provedor de suas necessidades, conforme observado no trecho que segue:

“[...] no do meu padrasto eu preferi deixar isso abafado porque, eu não sei, eu achava que por mais que ele tivesse feito aquilo, eu deveria alguma, eu devia alguma coisa pra ele por tudo que ele já tinha me feito antes de bom” (JASMIM).

Ainda na perspectiva dos impactos sofridos com a vitimização por abuso sexual, foi muito frequente nas entrevistas o relato de ideação suicida, na maioria dos casos, acompanhado de tentativas de suicídio. Em uma única entrevista, a adolescente atribuiu os pensamentos suicidas a problemas familiares e pessoais que não se relacionavam com a experiência de abuso sexual sofrida.

“Eu não sabia como lidar com isso, porque acho que tudo aconteceu eu era muito nova [...] 12 anos foi a primeira vez que eu tentei me matar porque eu não sabia como lidar com esses problemas do meu padrasto, e aí ninguém sabia porque eu tinha medo de falar, medo de ninguém acreditar em mim e essa foi a primeira vez, depois dessa veio mais três vezes que não deu certo” (JASMIM).

Além disso, sentimentos de medo, culpa, pesadelos e insegurança incidem diretamente sobre as relações sociais e novos relacionamentos amorosos e de amizade que venham a ser estabelecidos.

“Eu não consigo ficar em multidão, muita gente porque eu começo a..., porque eu não sei o que pode acontecer, aí eu prefiro não ir, tanto é que eu evito ir a festas e a lugar com muita gente porque fico agoniada, parece que eu vou morrer, que alguém vai querer me matar, não sei, fico sem ar [...] e depois disso ter acontecido eu tentei me relacionar com mais uma pessoa, só que eu acabei que não consegui porque eu tinha medo da pessoa, por mais que ela não tenha feito nada pra mim, mas eu tinha medo dela, também porque eu descobri que não me sinto atraída fisicamente pela figura masculina” (JASMIM).

Diante da experiência de vitimização, as entrevistadas buscaram diferentes maneiras de ajuda e enfrentamento, em sua maioria buscaram amparo em suas mães e suporte psicológico, inclusive a adolescente Primavera necessitou fazer uso de uso de medicamentos para problemas emocionais e psicológicos.

“[...] a psicóloga da escola, eu conversei com ela, e ela, ela foi, aí nisso que eu conversei com ela, eu contei sobre tanto o do cara do meu professor quanto do meu padrasto, aí ela me ajudou a entender mais que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, que seu eu não consenti, ninguém pode pegar no meu corpo” (JASMIM).

Apenas uma adolescente buscou auxílio dos órgãos de proteção, sendo que ela sofreu um processo de vitimização secundária.

“No começo ele (delegado) disse que (pausa chorosa), ele disse que podia ser uma coisa, como é que se diz, que eu podia ter levado a isso. Aí ele perguntou como aconteceu, aí eu falei, aí ele disse que ia botar lá a denúncia só que provavelmente não ia acontecer nada com ele, e também ele disse pra minha mãe que isso devia ser coisa de adolescente. Então eu nem corri mais atrás disso” (MARGARIDA).

Outra estratégia de enfrentamento adotada pelas adolescentes, e destacada por Margarida, se dá na perspectiva de prevenção de situações de violência sexual nos relacionamentos atuais, conforme relato da mesma.

“No meu relacionamento agora eu busco conversar muito com eu parceiro, falar pra ele, eu disse pra ele sabe, e buscar ter o máximo pra não acontecer o que aconteceu com o outro”. (MARGARIDA)

Uma entrevistada destacou que a experiência lhe provocou mudanças.

“Assim, sempre acontece que a gente também tenta ser a melhor pessoa praquela pessoa ali e a ele sempre acaba pisando e aí de acordo com o decorrer do tempo, das coisas que vai acontecendo a gente muda e aí passa a não acontecer exatamente porque a gente muda, aí a pessoa que tá com a gente atualmente, ele passa a ver de uma outra forma [...] a gente não passa a ser tão besta né (risos), porque quando a gente é besta demais não tão nem aí” (ROSA).

Ao ser questionada sobre o que quer dizer com “ser besta demais”, ela respondeu: *“É, tentar agradar demais. [...] é, e também pra evitar qualquer transtorno, briga, entendeu? É a questão como você falou que se acontecer algum ato que não tava sobre, assim, não que ele fez contra, assim a força, mas não era do meu desejo no momento, entendeu, mas a gente acaba fazendo pra satisfazer”.*

De maneira geral, ficam evidenciadas diferentes experiências de vitimização por abuso sexual nos relacionamentos afetivos e amorosos dos adolescentes escolares, porém frequentemente precedidas de uma experiência anterior envolvendo pessoas pertencentes a alguma esfera relacional das vítimas. Há diferentes percepções e entendimentos sobre o que vem a ser violência sexual, assim como as experiências impactam de formas diversas e despertam estratégias variadas de enfrentamento. Na sequência são discutidos os resultados obtidos, a partir da literatura.

DISCUSSÃO

Partilhar a experiência de vitimização é uma tarefa difícil, dentre outros fatores, por trazer à memória experiências potencialmente traumáticas. As mulheres parecem estar mais abertas a revelar os casos de violência sexual. Nesse estudo apenas um adolescente do sexo masculino aceitou participar das entrevistas, sendo que ele não classifica a experiência de ser tocado ou acariciado sexualmente sem consentimento como abuso sexual.

A experiência de vitimização sexual no namoro, na maioria dos casos, envolve o ato de ser tocado/acariciado sem consentimento, lançando mão de argumentos, pressão, força física ou mesmo uso de substâncias psicoativas.

De acordo com os relatos dos adolescentes nas entrevistas, situações que podem ser caracterizadas como abuso sexual podem ser vistas como normais e rotineiras no relacionamento de namoro, conforme observado no relato do Cravo. De maneira geral, os autores destacam que há uma dificuldade em mensurar a violência no namoro, especialmente violência psicológica, sexual e simbólica. Torna-se mais fácil reconhecer a experiência de violência sofrida quando se produz lesões genitais e outros danos físicos¹³.

Uma vez que nessa fase se inicia a formação da identidade e personalidade, há grande risco de internalização de atitudes e comportamentos abusivos como experiências normais. O estudo de Guerreiro et al. (2015) evidenciou que 37% das pessoas que vivenciaram situações que podem ser classificadas como violência no namoro não se reconheceram como vítimas de violência¹.

Sugere-se uma distinção de gênero e banalização da violência nos relacionamentos íntimos explicada como uma construção histórica, valorizada em muitas culturas, na perspectiva de educar a mulher no seu papel de subordinação no relacionamento íntimo que possui com o parceiro¹⁴.

De maneira geral, os perpetradores de violência sexual buscam estabelecer uma maior relação de confiança e afeto com as propensas vítimas. Após esse momento de preparação,

são iniciados os episódios de violência em uma progressão ascendente, incluindo manifestações sutis, a exemplo de elogios, até o estabelecimento de relações mais sexualizadas, na medida em que se vence a resistência das vítimas¹⁵.

Todos os entrevistados afirmaram ter sofrido uma experiência anterior de vitimização envolvendo um membro familiar ou conhecido da família, a maioria sendo episódios isolados, havendo apenas um caso de múltiplos agressores em episódios variados e de longa duração.

A violência sexual contra adolescentes afeta o desenvolvimento humano em todos os aspectos, e a severidade dos impactos depende de fatores como o grau de envolvimento entre vítima e agressor, a idade da vítima, a duração da violência, a sobreposição de violências, assim como aspectos culturais, sociais e subjetivos¹⁶.

As experiências de vitimização por violência sexual no namoro estão frequentemente associadas a continuidade de experiências de violência sofridas ainda na infância em suas famílias, e adolescentes escolares do ensino médio que são vítimas desse tipo de violência apresentam maior probabilidade de novos eventos violentos na vida adulta^{17,18}.

O caso específico da adolescente Jasmim envolveu sobreposição de violências e vitimização de longa duração. Observa-se que houve um comportamento inicial de aproximação, afeto, aquisição de confiança e posterior vitimização por parte do padrasto, com discurso de responsabilização da vítima pela violência sofrida e estigma de culpabilização que conduz à síndrome do segredo.

Apesar de serem assimiladas de maneiras diferentes, as experiências de vitimização sexual de adolescentes produzem graves problemas. São esperados impactos físicos, psicológicos e alterações comportamentais e emocionais, como depressão e ideação suicida, tentativa de suicídio, isolamento social e afetivo, transtornos de personalidade, sentimentos de medo e culpa, ansiedade, labilidade emocional prejudicada, comportamento social inadequado para a idade, comprometimento do desempenho escolar^{19,20,7,21}.

Por ser uma experiência potencialmente traumática, a maioria dos adolescentes não sabem como lidar com sentimentos de medo e vergonha, além de se sentirem desamparados e desprotegidos. Por essas e outras razões tendem a surgir pensamentos suicidas e até mesmo tentativas de suicídio na intenção de pôr fim ao sofrimento e ao ciclo de violência.

O processo de estigmatização das vítimas responsabiliza-as pela violência sofrida com discursos, por exemplo, de que meninas provocam ao usarem roupas curtas¹⁵. É interessante destacar, ainda, a importância desse processo de estigmatização na observância das menores prevalências entre meninos, envolvendo, por exemplo, questões relacionadas ao mito da masculinidade e questionamentos sobre a orientação sexual das vítimas¹⁹. De qualquer forma,

o descrédito, a culpabilização e estigmatização das vítimas têm como consequências sentimentos de culpa e conduzem ao isolamento social.

O estudo do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID) no Brasil com casais de namorados adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos de idade, observou que normas e dinâmicas de gênero estimulam a violência no namoro, a exemplo de as meninas usarem roupas socialmente consideradas provocantes. A respeito disso considera-se que o papel masculino é “fazer com que elas se comportem”, sob pena de serem considerados fracos se não o fizerem. O estudo evidenciou que as meninas são envolvidas em atos sexuais não desejados e permanecem em relacionamentos abusivos por medo e que os meninos devem insistir na relação sexual para provar virilidade²².

Gonçalves²³, ao estudar fatores, crenças e atitudes de legitimação da violência sexual no namoro de adolescentes e jovens portugueses, aponta alguns mitos e estereótipos usados, como o de que muitas mulheres provocam a situação e por isso querem ser violadas. As mulheres violadas são aquelas com reputação negativa socialmente e ao serem violadas sexualmente por alguém conhecido, a exemplo do namorado(a), gera impacto psicológico menor. Há ainda o mito da masculinidade segundo o qual os homens não são violados sexualmente; e, se forem, sentem-se pressionados a não revelar para não terem a masculinidade questionada, ou mesmo a sexualidade, quando se tratar de vitimização por agressor do mesmo sexo.

Nesse estudo, constata-se que sentimentos de medo e vergonha podem ter postergado, mas não impedido a revelação do abuso sexual sofrido. Nesse contexto, as adolescentes recorreram em maioria às suas mães e, posteriormente, a apoio psicológico; apenas uma entrevistada buscou auxílio nos órgãos de proteção, no entanto, ela não encontrou acolhimento e veio a sofrer um processo de revitimização ou vitimização secundária.

A reação materna é apontada como um dos principais fatores de mediação dos possíveis impactos da violência sexual em crianças e adolescentes, e pode ser de apoio e proteção ou ainda de culpabilização da vítima, o que potencializa os danos²⁴. De acordo com Silva e Teixeira²⁵, no início da vida, a mãe ou quem ocupa esta função atua como uma espécie de escudo protetor entre a criança e os estímulos externos do mundo, filtrando aquilo que será experienciado e com que intensidade.

Embora não tenha sido observado em nenhuma das narrativas, é importante destacar que frequentemente ocorre uma negação da experiência de violência por parte da mãe não abusiva. Há casos em que a mãe não acredita no relato da vítima, frequentemente a filha; casos em que a mãe enxerga a filha como adversária que seduziu o seu companheiro e, ainda,

casos em que a mãe prefere a companhia do marido-agressor, colocando a vítima em situação de desamparo.

Oliveira et al.²⁶ destacam que fatores como cumplicidade familiar, omissão e o fato de não haver testemunhas na maioria dos casos são importantes agravantes e dificultam o rompimento da barreira do segredo. Os autores destacam o papel da mãe, em seu estudo, assim como nesse, que foi apontada como a fonte mais importante de apoio e encorajamento à denúncia, porém é importante ressaltar que alguns fatores podem contribuir para a omissão materna, como, por exemplo, a tentativa de manutenção do laço familiar ou a ideia de que denunciar o companheiro poderia representar o fracasso da mãe enquanto esposa, assim como figura protetora dos filhos.

Algumas adolescentes relataram não denunciar por descrédito nos órgãos de proteção ou ainda por sentimentos de culpa e preservação de relacionamentos (coesão familiar). Outras estratégias de enfrentamento por parte das vítimas incluíram maior cumplicidade no relacionamento, conversar mais e não ceder às vontades do outro e mudanças comportamentais, como não confiar totalmente no parceiro.

Observa-se que espaços que deveriam favorecer a revelação das experiências de violência tornam-se ambientes de revitimização e responsabilização da vítima pela violência sofrida. Na tentativa de exemplificar tal fato, Viana e Sousa²⁷ tomam como referência as delegacias especializadas em atendimento à mulher, onde muitas vezes o atendimento é realizado por homens que partilham do discurso de supremacia masculina ou mesmo agentes femininas que legitimam esse discurso ao adotarem comportamento análogo ao dos homens.

No tocante às estratégias de enfrentamento, a forma como o evento estressor será superado depende da interação de fatores de risco e proteção e da avaliação subjetiva que a vítima faz da experiência vivenciada²⁴. As autoras destacam, ainda, a necessidade de uma postura de acolhimento afetiva e efetiva nos órgãos de proteção, visando o rompimento da barreira do silêncio e para evitar processos de revitimização.

Nas últimas décadas ocorreram mudanças significativas na forma como os casos de violência sexual tem sido tratado em todo o mundo, com grandes avanços, introdução de medidas práticas e protocolos de acolhimento e acompanhamento das vítimas e uma ampliação dos serviços de apoio. Entretanto, algumas fragilidades são observadas, como a fragmentação da rede no Brasil e a subnotificação dos casos²⁸.

A maioria dos estudos sobre vitimização por abuso sexual permanecem no nível descritivo. Nesse estudo, os dados partem da subjetividade dos sujeitos envolvidos, inclusive mostrando a influência de fatores familiares, individuais e explicativos, amplamente descritos

na dinâmica da violência sexual, sobre a forma como as experiências são assimiladas e enfrentadas.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu conhecer como se dão as experiências de vitimização por abuso sexual no namoro de adolescentes, frequentemente antecedidas de experiências de violência em uma outra esfera relacional, inclusive familiar, apontando os impactos e elementos que conduzem ao que a literatura chama de síndrome do segredo, tais como ameaças, dificuldades em perceber as experiências sofridas enquanto eventos violentos, culpabilização da vítima e sentimentos de medo, vergonha, insegurança e descrédito nas instituições. Os impactos da experiência sofrida são variados e dependem da interação de diversos fatores, a exemplo da relação estabelecida entre agressor e vítima, duração e frequência dos eventos violentos e sobreposição de violências, mas que geram grande repercussão sobre a saúde física, mental, social e emocional dos adolescentes. Esse estudo possibilita a discussão e estabelecimento de iniciativas para o efetivo enfrentamento deste fenômeno complexo e multifacetado.

REFERÊNCIAS

1. Guerreiro A, Pontedeira C, Sousa R, Magalhães MJ, Oliveira E, Ribeiro P. Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. Atas do colóquio internacional @s jovens e o crime: transgressões e justiça tutelar", 2015: 14-26.
2. Singh MM, Parsekar SS, Nair SN. An epidemiological overview of child sexual abuse. *Journal of family medicine and primary care* 2014; 3:430.
3. Costa FBS, Miranda CES, Rodrigues MTP, Mascarenhas MDM. Violência Sexual entre Adolescentes Escolares Brasileiros. *Adolesc Saude* 2018; 15:72-80.
4. Espelage DL, Davis JP, Basile KC, Rostad WL, Leemis RW. Alcohol, Prescription Drug Misuse, Sexual Violence, and Dating Violence Among High School Youth. *J Adolesc Health* 2018; 63:601-607.
5. CDC. Center for Disease Control. Youth risk behavior surveillance—United States, 2013. *Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries* 2014; 63:1-168.

6. Levine E. Sexual violence among middle school students: the effects of gender and dating experience. *Journal of interpersonal violence* 2017; 32:2059-2082.
7. Mekuria A, Nigussie A, Abera M. Childhood sexual abuse experiences and its associated factors among adolescent female high school students in Arbaminch town, Gammo Goffa zone, Southern Ethiopia: a mixed method study. *BMC international health and human rights* 2015; 15:21.
8. Lustosa A, Pereira A, Moreira D, Silva A, Marques L, Vieira L. Abuso Sexual contra crianças: evidências para o cuidado de enfermagem. *Cadernos ESP, Ceará* 2014; 8:50-63.
9. Souza TM, Barbosa RB. Abuso sexual intrafamiliar em meninos. *Psicologia em Foco* 2015; 5.
10. Haile RT, Kebeta ND, Kassie GM. Prevalence of sexual abuse of male high school students in Addis Ababa, Ethiopia. *BMC international health and human rights* 2013; 13:24.
11. Fontanella BJB, Rica J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro* 2008; 24:17-27.
12. Silva AH, Fossá MIT. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica* 2015; 17:1-14.
13. Balbinotti C. A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. *Direito & Justiça* 2009; 35:5-21.
14. Barros CRS, Schraiber LB. Intimate partner violence reported by female and male users of healthcare units. *Revista de saúde pública* 2017; 51:7.
15. Hohendorff JV, Patias ND. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói* 2017; 49:239-257.

16. Florentino BRB. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia* 2015; 27:139-144.
17. Beserra MA, Leitão MNDC, Fabião JADSA, Dixe MDACR, Veríssimo CMF, Ferriani MDGC. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem* 2016; 20:183-191.
18. Young BJ, Furman W, Jones MC. Changes in adolescents' risk factors following peer sexual coercion: Evidence for a feedback loop. *Development and Psychopathology* 2012; 24:559-571.
19. Kaufman M. Care of the adolescent sexual assault victim. *Pediatrics* 2008; 122:462-470.
20. Basile KC, Smith SG. Sexual violence victimization of women: Prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. *American Journal of Lifestyle Medicine* 2011; 5:407-417.
21. OMS. Organização Mundial da Saúde. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. São Paulo, 2012.
22. BID. Banco Interamericano do Desenvolvimento. Violência em relacionamentos de namoro entre adolescentes: no Brasil e em Honduras. Brasil: BID, 2017.
23. Gonçalves MAS. Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos. 2013. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação)- Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal, 2013.
24. Borges JL, Zingler VT. Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia em Estudo* 2013; 18:453-463.
25. Silva RA, Teixeira LC. Adolescência e o Traumático: Sobre Abuso Sexual e as Vicissitudes do Sujeito. *Revista Subjetividades* 2018; 17:92-103.

26. Oliveira JRD, Costa COM, Amaral MTR, Santos CA, Assis SGD, Nascimento OCD. Violência sexual e coocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. *Ciência & Saúde Coletiva* 2014; 19:759-771.
27. Viana AJB, Sousa ESS. Crimes e segredos na violência sexual contra as mulheres: o diálogo entre Durkheim e Simmel. *Política & Sociedade* 2015; 14:11-29.
28. Gunby C, Carline A, Bellis MA, Beynon C. Gender differences in alcohol-related non-consensual sex; cross-sectional analysis of a student population. *BMC public health* 2012; 12:216.

Quadro 1. Características dos escolares vítimas de violência sexual no namoro, Caxias, MA, 2018.

Nome fictício	Idade (anos)	Sexo	Cor/raça	Com quem mora	Local da escola	Tipo de violência sexual	Autores de agressão
Margarida	17	Feminino	Preta	Mãe	Centro	-Tentativa relação sexual	-Namorado
Rosa	17	Feminino	Parda	Avó	Centro	-Tentativa relação sexual -Assédio sexual	-Namorado -Conhecido da família
Jasmim	16	Feminino	Parda	Mãe	Periferia	-Tentativa relação sexual -Assédio sexual	-Namorado -Ex-padrasto -Professor
Primavera	16	Feminino	Parda	Pai e mãe	Periferia	-Assédio sexual	-Namorado -Instrutor/ treinador -Desconhecido -Tio
Cravo	17	Masculino	Amarela	Pai e mãe	Periferia	-Assédio sexual	-Namorada -Colega/amigo -Professores -Conhecidos da família -Desconhecido

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E COMUNIDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) estudante/seu responsável:

Você ou seu dependente está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa intitulada: “**ABUSO SEXUAL EM ADOLESCENTES ESCOLARES: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**”. Você decide se quer participar ou não, todavia, sua participação é um **ato de cidadania**, visto que a sociedade ganha com os resultados da pesquisa divulgados para os gestores da área de educação e da saúde.

Após ser **esclarecido (a)** com as informações a seguir, no caso de aceitar ou permitir seu/sua dependente fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, sendo uma delas sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Também esclarecemos que a qualquer momento você ou seu dependente terá o direito de retirar o seu consentimento de participação na pesquisa, mesmo na sua etapa final, sem nenhum ônus ou prejuízos. As informações são sigilosas, somente os pesquisadores terão acesso a elas.

Objetivo do estudo: Caracterizar o abuso sexual entre adolescentes escolares do ensino médio da rede pública de ensino de Caxias - MA e seus impactos.

Justificativa: Diante das vulnerabilidades dos adolescentes em idade escolar a situações de violências, é importante compreender as características do abuso sexual cometido contra adolescentes em idade escolar e os impactos destes sobre a vida destes adolescentes.

Procedimentos: A participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder, um questionário denominado, em português, “percurso amoroso de jovens” que investiga a violência nas relações afetivas/amorosas com adolescentes na faixa etária entre 14 e 18 anos, constituído de 60 itens, com questões sobre: informações gerais e sócio demográficas (idade, sexo, religião, etc.); relações afetivas e amorosas; experiências difíceis; comportamentos sexuais; família; comportamento e hábitos de vida; sentimentos e emoções. O questionário será aplicado em sala de aula e horário disponibilizados pela direção da escola no mesmo turno de permanência do estudante na escola. Serão realizadas entrevistas com perguntas abertas e fechadas com a finalidade de conhecer os impactos do abuso sexual em adolescentes escolares. As entrevistas serão realizadas de forma individualizadas, em uma sala disponibilizada pela direção escolar, com utilização de gravador de áudio para que todas as informações colhidas sejam mantidas na íntegra.

Benefícios: Esta pesquisa possibilitará obter informações importantes para discussão e adoção de estratégias de enfrentamento da vitimização de crianças e adolescentes por abuso sexual.

Riscos: A pesquisa não apresenta riscos para integridade física do participante, porém o mesmo pode se sentir constrangido a responder sobre a experiência de violência sexual, eventualmente sofrida na infância e/ou adolescência, o que pode gerar desconforto. Tais riscos são reduzidos ao máximo por meio do respeito aos princípios e normas éticas, principalmente a liberdade de desistência do estudo, confidencialidade e anonimato. Os pesquisadores prestarão assistência necessária ao se perceberem os sinais de desconforto, inclusive encaminhando para o serviço especializado do município para suporte psicológico, quando este for necessário. Informamos também que em qualquer etapa do estudo, se necessitar esclarecer dúvidas ou receber qualquer outra informação, você terá garantia de acesso ao profissional responsável pelo estudo: Prof^o Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda,

no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, da Universidade Federal do Piauí. Telefones para contato: (86) 3215-4647. Endereço para correspondência: Av. Frei Serafim, 2280 – Teresina/PI. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI pode ser contatado em caso de dúvidas pelo telefone (86) 3237-2332, pelo fax (86)3237-2332, pelo e-mail cep.ufpi@ufpi.edu.br e pelo endereço Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Pró-Reitoria de Pesquisa, Ininga, CEP 64049-550, em Teresina-PI.

Sigilo: As informações fornecidas pelo/as participantes terão privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Você ou a escola não serão identificado/as em nenhum momento, e ainda quando divulgados os resultados, é impossível para o leitor identificar quem respondeu ou mesmo qual a escola participante.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar ou que meu dependente de nome _____

participe do estudo intitulado “**ABUSO SEXUAL EM ADOLESCENTES ESCOLARES: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**”, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação ou de meu dependente é isenta de despesas. Concordo voluntariamente na participação deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Telefone/s para contato:

_____ / _____ / _____ (Escrever os números)

() Autorizo que a pesquisadora entre em contato comigo ou meu dependente para **pesquisas posteriores em continuidade à atual**.

() Não autorizo que a pesquisadora entre em contato comigo para **pesquisas posteriores em continuidade à atual**, mas sei que pode ser necessário o contato posterior para esclarecimento de alguma questão da pesquisa atual.

ESCOLA _____ SÉRIE _____

Local de data: _____

Assinatura do sujeito () ou responsável () Marque com um X

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Local e data: _____

Assinatura do pesquisador responsável ou representante

ORDEM N° _____ FORMULÁRIO N° _____ DATA ____/____/_____

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E COMUNIDADE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) estudante:

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa intitulada: “**ABUSO SEXUAL EM ADOLESCENTES ESCOLARES: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**”. Seus pais já permitiram que você participasse da pesquisa, mas você decide se quer participar ou não.

Após ser **esclarecido (a)** com as informações a seguir, no caso de aceitar participar da pesquisa, assine ao final deste documento, que está em duas vias, sendo uma delas sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Também esclarecemos que a qualquer momento você terá o direito de não mais participar da pesquisa, mesmo na sua etapa final, sem nenhum prejuízo para você. As informações são sigilosas, somente os pesquisadores terão acesso a elas.

Objetivo do estudo: Caracterizar o abuso sexual entre adolescentes escolares do ensino médio da rede pública de ensino de Caxias - MA e seus impactos.

Justificativa: Diante das vulnerabilidades dos adolescentes em idade escolar a situações de violências, é importante compreender as características do abuso sexual cometido contra adolescentes em idade escolar e os impactos destes sobre a vida destes adolescentes.

Procedimentos: A participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder, um questionário formado por 60 itens, com questões sobre: informações gerais e sócio demográficas (idade, sexo, religião, etc.); relações afetivas e amorosas; experiências difíceis pelas quais tenha vivido; comportamentos sexuais; família; comportamento e hábitos de vida; sentimentos e emoções. O questionário será aplicado em sala de aula e horário disponibilizados pela direção da escola no mesmo turno de sua permanência na escola. Serão realizadas entrevistas com a finalidade de conhecer os impactos do abuso sexual em estudantes do ensino médio. As entrevistas serão realizadas de forma individualizada, em uma sala disponibilizada pela direção escolar, com utilização de gravador de áudio para que todas as informações colhidas sejam mantidas na sua totalidade.

Benefícios: Esta pesquisa possibilitará obter informações importantes para discussão e adoção de estratégias de enfrentamento da violência sexual contra de crianças e adolescentes.

Riscos: A pesquisa não apresenta riscos para sua integridade física, porém você pode se sentir constrangido a responder sobre a experiência de violência sexual, eventualmente sofrida na infância e/ou adolescência, causando desconforto. Tais riscos são reduzidos ao máximo por meio do respeito aos princípios e normas éticas, principalmente a liberdade de sua desistência do estudo, confidencialidade e anonimato. Os pesquisadores prestarão assistência necessária ao se perceberem os sinais de desconforto, inclusive encaminhando para o serviço especializado do município para suporte psicológico, quando este for necessário. Informamos também que em qualquer etapa do estudo, se necessitar esclarecer dúvidas ou receber qualquer outra informação, você terá garantia de acesso ao profissional responsável pelo estudo: Prof^o Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda, no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, da Universidade Federal do Piauí. Telefones para contato: (86) 3215-4647. Endereço para correspondência: Av. Frei Serafim, 2280 – Teresina/PI. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI pode ser contatado em caso de dúvidas pelo telefone (86) 3237-2332, pelo fax (86)3237-2332, pelo e-mail

cep.ufpi@ufpi.edu.br e pelo endereço Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Pró-Reitoria de Pesquisa, Ininga, CEP 64049-550, em Teresina-PI.

Sigilo: As informações fornecidas pelo/as participantes terão privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Você ou a escola não serão identificado/as em nenhum momento, e ainda quando divulgados os resultados, é impossível para o leitor identificar quem respondeu ou mesmo qual a escola participante.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “**ABUSO SEXUAL EM ADOLESCENTES ESCOLARES: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS**”, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu assentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Telefone/s para contato:

_____ / _____ / _____ (Escrever os números)

() Autorizo que a pesquisadora entre em contato comigo para **pesquisas posteriores em continuidade à atual**.

() Não autorizo que a pesquisadora entre em contato comigo para **pesquisas posteriores em continuidade à atual**, mas sei que pode ser necessário o contato posterior para esclarecimento de alguma questão da pesquisa atual.

ESCOLA _____ SÉRIE _____

Local e data: _____

Assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo.

Local de data: _____

Assinatura do pesquisador responsável ou representante

ORDEM Nº _____ FORMULÁRIO Nº _____ DATA ____/____/____

APÊNDICE D – Questionário das Entrevistas Semiestruturadas

- 1) Descreva suas experiências vivenciadas na infância e adolescência (abordem o tema da violência sexual).
- 2) Como foi a situação?
- 3) Fale sobre a outra pessoa envolvida.
- 4) Fale sobre o que vocês fizeram.
- 5) Quais os seus sentimentos no exato momento em que aconteceu?
- 6) Quais os seus sentimentos depois do acontecido?
- 7) Como se deram seus relacionamentos afetivos antes e após a violência; quais as implicações sobre o convívio social?
- 8) Percepções e sentimentos frente à situação de violência.

APÊNDICE E – Íntegra das Entrevistas Semiestruturadas

ENTREVISTA ROSA

Descreva suas experiências vivenciadas na infância e adolescência?

É questão minha infância ela foi, na verdade não tive aquela infância de brincar tanto quanto era o necessário. Sempre tive uma infância muito tranquila, questão de algumas coisas conturbadas que acontece, acho que acontece com todas né. Sempre que tem uma pessoa de maior idade acaba querendo cometer algum ato né, impróprio né, que a gente não aceita, mas nada que foi tão exagerado a ponto de considerar uma violência sexual na infância.

Você sofreu uma tentativa, mas...

(interrompido) não, não foi exatamente uma tentativa fisicamente, mas sempre tem aquele que te olha com uma maldade, te fala alguma coisa, chega na cabeça da gente com um certo pensamento.

Você relatou que um (ex)namorado, parceiro ou “ficante” teria tentado manter uma relação com você sem que você consentisse, e para isso utilizou alguns argumentos ou pressão. Como foi essa situação?

É a questão da gente já não se sentir bem na relação, só que ele sempre, ele sempre falava, oh, tipo ameaça, não questão de nenhum tipo de violência, mas questão, modo de viver mesmo que, ou seria de uma forma com ele, ou então seria totalmente diferente quando fosse qualquer outra pessoa.

Essa situação, você poderia dizer o que ela envolveu, no sentido de tentar te “tocar”...

Não, não, não, não teve nada do tipo não.

Em um outro momento do questionário a gente perguntou se você já foi tocada ou acariciada sexualmente sem seu consentimento e você relatou que houve por uma pessoa que era amiga da família. Houve essa experiência?

Houve.

Como foi essa situação?

Bom é, foi em um evento que teve com a família e as pessoa, eu era bem menor, acho que eu tinha 13 anos e ele já era um adulto. É aquela questão de, é de dizer assim, ah eu vou te ajudar ou então eu vou fazer isso por você pra poder se apropriar da situação e eu não gostei.

Fale um pouco sobre a outra pessoa envolvida, ela tinha uma proximidade com você?

A, a pessoa que chegou a fazer lá? Não, não tinha não.

Quais foram seus sentimentos no momento que aconteceu?

Então é, é, a gente fica um pouco pensativa né, o que aquela pessoa poderia chegar a fazer e tanto que na hora a gente tenta falar, mas fica com aquela certa vergonha de falar e sei lá, eles começar, minha família não ia apoiar isso, mas a gente sempre fica guardando né, geralmente.

Você relatou que mesmo sem querer em algum momento isso retoma, você acaba lembrando dessa experiência. Isso é frequente?

Não, só que, por exemplo, agora, agora a gente lembra né, que a gente tá conversando sobre a situação, só que já faz muito tempo, então não tem porque ficar lembrando.

A situação lhe trouxe medo, abalou de alguma forma?

Dá aquele certo receio né, de tá num lugar com uma pessoa que a gente não conhece e a gente já ver que ela te olha de uma forma diferente ou qualquer tipo de coisa que ela fala, ela fala em segundas intenções. Não medo só para mim, eu já sei me defender de alguma forma, mas eu tenho primas também, né crianças, e qualquer pessoa próxima pode passar pela mesma situação.

Você me relatou em algum momento que teve pensamentos de atentar contra a própria vida. Você já pensou realmente nisso?

Já, mas aí já não é pela questão dos atos anteriores ter acontecido, mas questão mesmo de problemas pessoais mesmo, familiar também.

Que não tem nada haver com estas experiências?

Não, foram outras situações, outros motivos.

Você relatou que ocasionalmente consome bebida alcoólica. Tem relação com alguma dessas experiências?

Não, essa questão aí mesmo a pergunta só fez mesmo se eu consumia. Sim, é questão mesmo de festas mesmo, com colegas, com familiar, às vezes eu consumo, mas não é com tanta frequência.

Essas experiências que você me relatou, uma você tinha mais ou menos 13 anos e a outra com seu namorado foi nos últimos 12 meses. Foi um ato isolado ou foi algo que se repetiu?

Não, foi único.

Quais os sentimentos depois do acontecido? Você sente medo ainda? Angústia?

Não, eu não sinto medo, é porque vai da pessoa também né, só que em questão, a gente sempre muda né, com o decorrer do tempo, pelo que a gente passa, a gente vive, a gente sempre muda.

Como eram suas relações de namoro antes e depois dessa experiência?

Assim, sempre acontece que a gente também tenta ser a melhor pessoa praquela pessoa ali e a ele sempre acaba pisando e ai de acordo com o decorrer do tempo, das coisas que vai acontecendo a gente muda e ai passa a não acontecer exatamente porque a gente muda, ai a pessoa que tá com a gente atualmente, ele passa a ver de uma outra forma.

Muda em que sentido?

A gente não passa a ser tão besta né (risos), porque quando a gente é besta demais não tão nem aí.

Quando você fala “ser besta de mais”, você fala em atender muito a vontade do outro?

É, tentar agradar demais.

O que ele quer fazer, mesmo que eu não queira, acabo cedendo porque ele quer?

É, e também pra evitar qualquer transtorno, briga, entendeu? É a questão como você falou que se acontecer algum ato que não tava sobre, assim, não que ele fez contra, assim a força, mas não era do meu desejo no momento, entendeu, mas a gente acaba fazendo pra satisfazer.

De que forma isso te afeta no teu convívio social?

Não, não chegou a afetar, até porque eu sempre fiquei com isso assim só pra mim, até porque eu acho que se fosse algo realmente que tivesse necessidade de falar pra alguém eu falaria, só que eu achei que fosse algo que eu ia conseguir superar só.

Você compartilhou com alguém essa experiência?

Só a questão da minha irmã, mas ela tem assim a minha idade, mas é sempre ou coisa boa ou ruim, ah tipo eu comecei a namorar com alguém, eu terminei, sempre é ela que tá presente entendeu? Só que claro que se fosse realmente um caso de abuso sexual, estupro ou qualquer outra coisa eu chegaria a procurar uma autoridade maior assim que pudesse me ajudar ali, meus pais. Mas não foi nada do caso necessário pra isso.

Você teve contato com alguma experiência de violência de alguém próximo a você?

Sim

Uma amiga...

Tia.

Diante da situação relatada quais suas percepções e sentimentos?

A questão do ocorrido dela, eu fiquei triste, muito triste, a gente tenta ajudar mais ai fica até difícil, porque nem aqui ela mora comigo, entendeu? Ai a gente tenta, a gente fica com aquele ódio que não pode fazer nada contra a pessoa que cometeu a violência com ela. Mas a dela não foi violência sexual, foi realmente violência. Mas foi na relação deles.

Como é a relação dentro do seu ambiente familiar?

É boa, é tranquila, depende das, tem dias que a gente não acorda nos melhores dias né e também tem situações que acontecem que é realmente tirar um pouco a cabeça, mas num, eu mesmo minha relação com minha família não tem discórdia, num tem briga.

Você se sente a vontade pra se abrir com seu pai, sua mãe? Ou sua irmã é a preferida?

Minha irmã é a preferida.

Está namorando?

Não, no momento não.

No seu último relacionamento de namoro, aquela experiência de às vezes chegar abraçar e você perceber uma conotação sexual, isso era uma experiência comum?

Não, assim eu achava normal, até porque ele era meu namorado, eu achava que não seria, eu não ia achar que ele tava com maldade comigo. Acho que porque não seria necessário ele ficar com maldade.

Mesmo se naquele momento você não quisesse?

Não, mas a questão de um abraço, se eu não quisesse ele não chegaria a me abraçar, só se fosse com meu consentimento.

ENTREVISTA PRIMAVERA

Descreva sua infância e adolescência

Na verdade, nem minha mãe sabe disso, teve uma vez que é meu tio num tem, e uma vez ele pegou na minha bunda, só uma vez, quando eu era mais menor, acho que eu tinha uns 10 anos, 11 ano. Como eu morava no interior, ai depois eu mudei pra cá, foi que eu fui morar mais a vó e a casa da vó é tipo, é só uma casa, só que é separada só pelo muro. O resto foi tranquilo.

Como foi essa situação? E você me relatou ainda que esse episódio de alguém lhe tocar sexualmente sem seu consentimento aconteceu envolvendo colegas de escola, ex-namorado/namorado. Como que ocorrem essas situações?

Aqui mesmo na escola, menino ali do terceiro ano, toda vez que... Uma vez eu tava ali com meu namorado, namorava, e ele passou e pegou na minha bunda na frente do meu namorado.

Esse episódio já aconteceu em um namoro seu?

Já.

Por se tratar de um namorado essa situação lhe trouxe o mesmo constrangimento que a que envolveu um desconhecido?

O mesmo constrangimento.

O que você sentiu no exato momento em que isso aconteceu?

Medo, raiva.

O que você procurou fazer naquele momento?

Eu só saí de perto.

Em algum momento essas atitudes foram mais agressivas/violentas?

Ex-namorado.

Como foi essa situação?

Foi, nós tava acho que era comendo alguma coisa, foi na lanchonete ali, a gente tava comendo e ele pegou na minha bunda assim, eu olhei pra cara dele, todo mundo ficou olhando pra mim.

Como você se sentiu?

Depois, demorou outro dia, ele continuava fazendo essas coisas, e depois a gente brigou por uma coisa e a gente terminou, não deu mais certo.

Existe alguém com quem você partilha estas experiências?

Não.

Essas atitudes aconteceram com muita frequência?

Mais ou menos, com frequência, mas não tanta frequência.

Nas suas relações de namoro elas são mais frequentes? Ou a experiência com quem você não namorou foi mais frequente?

Eu acho que de um desconhecido, eu acho que foi mais frequente que de namoro.

Você relatou que em algum momento pensou em tirar a própria vida. Isso teve uma relação com algum desses episódios?

Teve.

Poderia dizer sobre qual?

Meu tio e também meu ex-namorado uma vez tentou fazer coisas que eu não queria, e é porque eu gostava dele, essas coisas de adolescente.

Você vivenciou algum episódio de violência física? De relacionamento abusivo?

Já aconteceu comigo, não exatamente, mas aconteceu.

Você já sofreu uma tentativa de terem uma relação com você sem que você desejasse, utilizou argumentos, lhe pressionou pra que isso acontecesse e como você conseguiu sair dessa situação?

O irmão dele chegou na hora, e eu saí correndo.

Em algum momento pensou em procurar algum órgão de proteção?

Tenho medo dessas coisas.

Porque você tem medo?

Sei lá. Isso eu não sei explicar.

Você acha que os órgãos de proteção lhe garantem segurança? Eles vão lhe proteger se você denunciar?

Na verdade eu acho que eles não fariam nada.

Você conhece alguém que...(interrompido)

Que ela denunciou e até hoje ele tá solto, graças a Deus ela tá casada.

De certa forma há um descrédito. Você acha que esses órgãos não cumprem o papel de proteger?

Não, não acredito.

Está namorando?

Sim

Como se dá então o seu relacionamento, após você ter sofrido essa situação de abuso?

Eu tô namorando há um ano de dois meses, tá indo bem, não aconteceu nada relativo a isso não.

Sobre a convivência com as outras pessoas, ter tido essas experiências afetou de alguma forma?

Com certeza, você se sente mais insegura, não confia tanto.

Você tem medo de está em um ambiente que só tenha homens?

Sim.

De uma forma geral, diante de episódios de violência, como você se sente?

Ofendida.

Em que situação específica sentimentos de medo, pesadelo, desinteresse pelas coisas lhe aparece mais?

A noite, quando deito, lembro de todos os episódios. Na hora que lembro de um passa pelo outro.

Essas situações lhe aconteceram na infância, antes dos doze anos e continuou...?

Antes dos 12 anos e depois, ano retrasado.

Você procurou ajuda psicológica? Participou de algum grupo?

Fui no psicólogo, acho que uns 2 meses.

Precisou usar algum tipo de medicamento?

Na verdade precisei.

ENTREVISTA MARGARIDA

Como foram suas experiências de vida na infância e adolescência?

As minhas experiências não foram muito boas, e a adolescência foi pior, porque no momento que isso aconteceu (abuso sexual) eu me senti uma pessoa impune entendeu, eu me senti, como que posso dizer, não consegui me defender e isso foi ruim.

Aconteceu na sua infância?

Não, foi na adolescência.

Seria capaz de descrever essa situação?

Não.

A situação envolveu alguém muito próximo a você?

Foi um ex-namorado meu.

Você relatou que em algum momento tentou manter uma relação utilizando argumentos, lhe pressionando a isso.

Foi.

Houve uma tentativa ou houve um ato?

Uma tentativa.

Pode falar sobre a pessoa envolvida?

Ele já tem 25 anos, faz faculdade e a gente se conheceu num arraial, daí a gente ficou conversando, a gente saiu muitas vezes e no começo não mostrava ser uma pessoa violenta, só que depois mudou.

Durante a relação houve essa mudança de comportamento?

Foi.

Vocês ficaram juntos por quanto tempo?

6 meses.

Foi difícil sair dessa relação?

Foi.

Você participou de algum grupo de apoio. Você desabafou com alguém?

Com minha mãe.

Buscou apoio psicológico?

Minha mãe me levou no psicólogo.

Você realizou acompanhamento psicológico?

Sim.

Uma vez você já pensou a respeito de tirar a própria vida.

Foi porque eu pensei que aquele comportamento dele era culpa minha, não dele. Eu sempre busquei uma solução e eu sempre achava que a culpa era minha e não dele.

Porque você achava que a culpa era sua?

Não sei, eu sempre pensei que quem levava àquilo era eu.

Ele comentava alguma coisa que lhe fazia sentir culpada?

Ele falava que não queria fazer aquilo, pediu desculpa, mas sempre terminava na mesma coisa.

Esse comportamento era repetitivo?

Foi.

Ele se tornou mais violento a medida que se repetia?

Sim.

Nessa experiência que você se sente culpada, você atribuiria isso a alguma característica física sua? Maneira de se vestir? Se comportar?

Também, porque eu acho que hoje em dia as mulheres, elas são muito julgadas pelo modo delas se vestir, eu vestia roupa curta, não visto mais, eu vestia antes, e eu pensei que o que levava ele a fazer aquilo comigo era minhas roupas.

Então você deixou de usar roupas curtas após estas experiências?

Sim.

Quais os seus sentimentos no exato momento em que aconteceu?

De culpa, de culpa e de impunidade, por não poder me defender, mas foi mais o de culpa.

Depois do acontecido você já conversou com sua mãe?

Já.

E como foi essa experiência?

Foi ruim, porque eu não queria contar pra ela, só que eu sabia que eu precisava contar pra ela isso, que era importante, só que não foi fácil.

Você considera que conseguiu superar?

Não totalmente.

Você tem pesadelos, você tem medo?

Tenho.

Depois disso você já voltou a namorar?

Já.

Como se dá então seu relacionamento após essa experiência?

O meu parceiro de agora, é completamente diferente, é uma pessoa carinhosa, e eu não confio assim 100% nele porque (inaudível), mas só que ele mostra ser uma pessoa diferente do anterior.

De que forma isso te afeta na convivência com as outras pessoas, no teu convívio social?

Me afetou muito no início, só que agora eu tento não, não deixar muito se afetar.

Sente medo de está em lugar que só tinha homens.

Sim, ainda tenho até hoje.

A experiência de ser tocada, ser acariciada foi muito frequente?

Foi.

Fora do namoro, essa experiência aconteceu?

Não.

Numa relação atual, essa experiência acontecer, você acha que ela é normal.

Não.

Ao perceber aquela situação enquanto experiência de violência, você pensou em algum momento procurar algum órgão de proteção?

Sim.

E o que te impediu de fazer isso?

Nada, eu fiz.

Como você foi acolhida nesse espaço? Você se sentiu acolhida?

Eu achei que eu não fui levada a sério.

Não foi feito nada?

Não.

Você procurou algum órgão da justiça?

Foi.

Como foi sua chegada nesse espaço?

Eu fui por iniciativa própria, eu conversei com minha mãe e ela perguntou se eu queria que eu fizesse isso. E eu disse que queria.

O que o delegado disse?

No começo ele disse que (pausa chorosa), ele disse que podia ser uma coisa, como é que se diz, que eu podia ter levado a isso. Ai ele perguntou como aconteceu, ai eu falei, ai ele disse que ia botar lá a denúncia só que provavelmente não ia acontecer nada com ele, e também ele disse pra minha mãe que isso devia ser coisa de adolescente. Então eu nem corri mais atrás disso.

Quais são hoje, suas percepções e sentimentos frente a situação de violência?

Que a mulher é muito impune a violência e que a gente tem que lutar mais por nossos direitos, que a mulher não é levada a sério. Tipo, as pessoas não sabem que a violência verbal também afeta muito, que também é uma violência, mas tem gente que não leva isso a sério de jeito nenhum. E só me caiu a ficha de que a gente precisa lutar mais quando eu fui pra delegacia e o delegado me falou aquilo, eu me senti desprotegida, e até hoje me sinto. Não me sinto confortável saindo sozinha e nem em lugares que tem muito homem, não fico também, porque ainda tenho muito medo.

De que forma você busca então superar isso?

No meu relacionamento agora eu busco conversar muito com meu parceiro, falar pra ele, eu disse pra ele sabe, e buscar ter o máximo pra não acontecer o que aconteceu com o outro.

ENTREVISTA JASMIM**Fale sobre suas experiências na infância e adolescência**

Eu não moro com meu pai desde meus 4 anos, minha mãe, minha mãe ela era casada com meu ex padrasto e até certo ponto ele foi um ótimo pai pra mim, ele sempre cuidou de mim, porque eu sempre fui uma menina bem problemática em questão de saúde, ele sempre cuidou de mim e tudo mais, só que quando atingi uns 9, 10 anos ele começou a falar coisa que não devia, ele começou a pegar onde não devia e isso durou acho que até meus 14 anos que foi quando eu arrumei um namoradinho, daqueles de criança mesmo, ai ele tinha um ciúme obsessivo de mim e ninguém entendia o porque, até que uma vez ele começou inventar estórias que eu andava, pra minha mãe, de que eu andava fazendo coisas que não era pra fazer, pra minha mãe me proibir de ter esse namoradinho aí porque ele tinha um ciúme de mim, mas não era um ciúme de pai, era um ciúme que ele queria me ter pra ele.

E aí eu contei pra minha mãe, que, o que ele andava fazendo há 4 anos e aí eu acabei pedindo pra ela não se separar dele porque eu me sentia muito culpada e achava que a culpa era minha, porque ele sempre falava que, se eu não mudasse o jeito de me comportar, as roupas que eu usava ia acontecer realmente esse tipo de coisa, então tipo, foi colocado na minha cabeça que a culpa realmente era minha, até eu crescer mais um pouco e entender que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, ele que tinha feito porque afinal quando começou eu era uma criança.

Essa situação aconteceu de forma repetitiva. Então você começou a se sentir culpada pelo que vinha acontecendo, mas como foi então que você conseguiu sair dessa situação?

A partir de quando ele começou a inventar estória sobre mim, de coisas que eu não tinha feito, pra minha mãe me proibir de andar com tal pessoa com quem eu me relacionava, aí eu peguei e contei pra ela o que estava acontecendo já e só que até então, é, eu não procurei ajuda de imediato, só que aí, junto com ele eu também tinha um professor de matemática, particular, que ele, eu tinha conhecido ele na igreja, ele era meu assessor de um grupo e ele era pai da minha melhor amiga e eu comecei ter aula particular de matemática com ele e aí ele começou a me mandar mensagem, ele começou a toda vez que eu ia pras aulas aí a mulher dele ia comprar comida, eu ficava sozinha em casa com ele, ele começava a passar a mão na minha perna, pegar nas minhas partes íntimas, aí eu contei, acho que tava chorando na escola e o diretor me viu, aí ele chamou a psicóloga da escola e eu conversei com ela, e aí, ela foi, aí nisso que eu conversei com ela eu contei sobre tanto o do cara do meu professor quanto do meu padrasto, aí ela me ajudou a entender mais que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, que se eu não consenti ninguém pode pegar no meu corpo.

Essa experiência de tentarem de tocar ou te tocarem sem que você consentisse, ela aconteceu em alguma relação de namoro sua?

Sim, uma vez e aí eu terminei com a pessoa, só que eu nunca cheguei a relatar este problema com minha mãe.

Você entende que todas essas situações vivenciadas foram uma experiência de violência?

Sim.

Quais os seus sentimentos em relação ao que lhe aconteceu? Você sente medo? Você tem pesadelos? Lembra com frequência desses episódios?

Eu não saio de casa sozinha tem mais ou menos três anos, nem pra atravessar a rua sozinha, quando, assim quando começou, quando eu tinha 14 anos, tava no fundamental, meus amigos tinham que me buscar lá em casa, me deixar lá em casa, se não desse pra minha mãe ir me buscar ou me deixar na escola, e era tipo bem na rua detrás da minha casa, é... eu não saio de casa sozinha em hipótese alguma, se eu ver essas pessoas eu começo a ter ataque de pânico e depois acabo não lembrando e às vezes, eu não posso ficar sozinha, porque aí eu começo a pensar nisso e lembrar, e se eu começar a pensar nisso sozinha eu começo a escutar eles, a sentir, a ver, e trouxe uma série de problemas pra minha vida, de problemas psicológicos, tanto é que eu não consigo chegar perto, ou ver, ou sentir a voz, ou ver fotos deles.

Como se dão seus relacionamentos antes e depois do acontecido?

Com meus amigos acho que eu tenho um círculo de amigos bem fechados aqui, tanto aqui na escola, aqui na escola mais com meninas e na Igreja eu continuo com os meus círculos de amigos dos grupos que participo com alguns, tem alguns meninos, mas só, eu só consigo falar com meninos que eu realmente confie, que eu sei que não vai fazer nada pra mim. E depois disso ter acontecido eu tentei me relacionar com mais uma pessoa, só que eu acabei que não consegui porque eu tinha medo da pessoa, por mais que ela não tenha feito nada pra mim, mas eu tinha medo dela, também porque eu descobri que não me sinto atraída fisicamente pela figura masculina.

Tem alguma relação com as experiências anteriores?

Não, não, eu nunca realmente senti muita atração pelo homem, só que não aceitava isso, até que um dia aceitei, mas não tem relação as coisas não.

Quando você está em locais que você encontra pessoas que não convive com certa frequência você se sente retraída?

Sim, é acho que, eu não sei explicar, mas, é, é tipo, é um pouco complicado, mas ai com o tempo a gente vai aprendendo a conviver, tipo aqui no Colégio, nos primeiros dias era bem complicado porque eu não falava com ninguém, até perceber que eu poderia confiar nessas pessoas, hoje em dia eu falo com algumas e tá normal hoje, só que eu não consigo ficar em multidão, muita gente porque eu começo a..., porque eu não sei o que pode acontecer, ai eu prefiro não ir, tanto é que eu evito ir a festas e a lugar com muita gente porque fico agoniada, parece que eu vou morrer, que alguém vai querer me matar, não sei, fico sem ar.

Quais suas percepções em torno das situações de violência. Em algum momento você pensou em procurar os órgãos de proteção?

Pensei, ah, eu pensei quando teve o do meu professor, só que ai eu acabei não indo, a minha mãe quis ir, só que eu acabei não deixando ela ir, porque ele era pai da minha melhor amiga e ai eu na época eu era muito criança, não sabia separar as coisas. Eu acabei querendo não machucar ela, porque ela era muito próxima dele, era muito apegada a ele, eu acabei não procurando, só que ai, no do meu padrasto eu preferi deixar isso abafado porque, eu não sei, eu achava que por mais que ele tivesse feito aquilo, eu deveria alguma, eu devia alguma coisa pra ele por tudo que ele já tinha me feito antes de bom. Ai, só que hoje em dia, se fosse naquela época, se aquilo tivesse acontecido hoje em dia, com certeza eu denunciaria, mas só o fato dele não morar mais comigo já é muito bom.

Você se sentiria protegida se denunciasse? Sua opinião a respeito dos órgãos de proteção.

Muitas vezes não é dada a devida atenção que deveria ser dada e acaba que a mulher vai lá, denuncia, e a pessoa fica lá presa dois dias, às vezes nem isso, e vai lá e se vinga e ainda tira a vida da pessoa, ou seja, não tão fazendo o trabalho direito, não tão dando a proteção que deviam dar. Então a cada dia, acho que, a gente sente mais insegurança, sente mais medo porque sabe que se a gente denunciar não vai dá muita coisa, porque principalmente para mulheres de classes mais baixas, para mulheres negras, para mulheres periféricas, é, pra elas sim que são bem mais complicado porque a condição de vida delas, elas não tem como pagar uma proteção melhor, elas não tem poder maior pra algo, porque a gente sabe

que hoje em dia tudo é uma questão que a pessoa só é bem protegida se ela tiver dinheiro, se ela não tiver ela não é praticamente ninguém.

Você relatou que em algum momento pensou em tirar a própria vida. Isso tem alguma relação com essas experiências?

Sim, porque eu não sabia como lidar com isso, porque acho que tudo aconteceu eu era muito nova e aí, eu não, acho que a adolescência é a fase, uma das fases mais complicadas, porque é tudo, onde começa tudo a chegar e a gente não sabe como agir tipo, a pessoa adulta ela tem mais a cabeça pra lhe dá com aquilo, mas quando, tá, é, bem nova, tipo 12 anos foi a primeira vez que eu tentei me matar porque eu não sabia como lidar com esses problemas do meu padrasto, e aí ninguém sabia porque eu tinha medo de falar, medo de ninguém acreditar em mim e essa foi a primeira vez, depois dessa veio mais três vezes que não deu certo. Aí foi quando eu comecei a procurar ajuda psicológica e acabei melhorando, acabei percebendo que essa não era a melhor solução, porque não iria acabar minha dor, só iria acabar minha vida e enquanto eu ia estar morta, as pessoas que me fizeram mal iam está com suas vidas como se nada tivesse acontecido, porque é o que elas fazem hoje em dia.

Após a gravação, foram retomados alguns pontos:

Você disse que um parceiro seu nos últimos 12 meses tentou manter uma relação sexual com você sem o seu consentimento. Poderia dizer como foi a situação? Onde estavam? O que aconteceu? Como conseguiu evitar?

Fomos na casa do tio dele colocar comida pro cachorro e ele tentou me segurar só que eu acabei correndo e sai da casa e a prima dele chegou e me trouxe pra casa e eu acabei terminando o relacionamento

Antes de tal atitude, ele demonstrava sinais que poderia agir dessa forma?

Não. Nunca demonstrou que poderia fazer isso, até porque era uma pessoa super calma, então foi uma surpresa e de início até levei na brincadeira mas quando vi que era sério corri.

O que lhe fez perceber que era "sério"?

Quando começou a me machucar.

Fisicamente?

Sim.

ENTREVISTA CRAVO

Em uma das questões você relatou que uma outra pessoa lhe apalpou, acariciou de maneira sexual sem seu consentimento. A intenção da entrevista é saber como você se dá seus sentimentos e percepções frente a essa situação.

A tá, entendi.

Poderia falar sobre o tema?

Como assim?

Você entende essa atitude como sendo abuso?

Em algumas situações sim, já outras acho que não. Exemplo: se uma certa vez, o ato for feito por alguém que eu não conheça ou que seja apenas um conhecido, eu acho que sim, é abuso. Mas se for algum amigo(a), eu acho que não seja considerado abuso, pelo fato de termos algumas brincadeiras que se relacionam a esse tipo de ato.

Então você não classificaria o que aconteceu com você como sendo abuso?

O que ouvi comigo, ocorreu quando eu estava subindo o corredor da escola indo em direção a sala de aula, quando uma amiga meio que acabou dando um aperto em minha bunda. E isso meio que já virou frequência esse tipo de ocorrência. Exemplo: meninas pegar ou passar a mão em partes íntimas de garotos, como bumbum, frente ou até mesmo no peitoral. Isso sempre ocorre comigo.

Então você nunca se sentiu constrangido ou coagido a algum evento sexual ainda que você não consentisse?

Não.

Porque você classifica o que envolve um conhecido seu como normal e o que envolve um desconhecido como sendo abuso? Qual critério? Qual a diferença?

Bem, a diferença é que sendo um amigo(a), eu sei que não há uma segunda intenção, já com uma pessoa que eu não conheço, eu já não posso falar ou pensar o mesmo.

Por achar normal, você reproduz esse mesmo comportamento?

Não, porque eu nunca tive esse costume.

O fato de você não reproduzir esse comportamento não significa que você acha o mesmo errado?

Talvez.

Sendo errado, porque não entender como assédio o que fazem com você?

Porque esse tipo de ato, ocorre com mais frequência com colegas de trabalho ou de estudo. Sou modelo e na agência tenho alguns amigos que fazem isso. Mais isso é praticado mais por meninas.

Então isso acontece com você com muita frequência?

Sim, mas levo na brincadeira. Onde ocorre mais esse tipo de ato é na agência mesmo. Fora dela não costuma ocorrer.

Além dessa experiência de lhe tocarem de forma sexual, você já viveu alguma outra experiência de cunho sexual mais "ousada"?

Não não, só essa mesmo, ainda bem.

Mesmo envolvendo seus colegas, amigos, parceria íntima. A partir de que momento, atitude você passaria a entender como abuso sexual?

O apalpamento de forma mais direta, como pegar no pênis ou até mesmo em alguma outra parte íntima do corpo.

O que se entende por "forma mais direta", uma vez que anteriormente você relatou que já virou frequência meninas pegar ou passar a mão na bunda, peitoral e na 'frente?

Geralmente elas não pegam, apenas passam a mão, ou seja pegar de forma "direta" significa apertar ou até mesmo segurar...

Em uma relação de namoro por exemplo você considera(ria) normal esses comportamentos?

Sim, considero. Ela mesmo faz isso frequentemente quando estamos juntos.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário “*Parcours Amoureux dès Jeunes*”

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
 NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA TRADUÇÃO DA
 “ENQUÊTE PAJ – ENQUÊTE SUR LÉS PARCOURS AMOUREUX DÈS JEUNES”

ENQUÊTE PAJ



*Enquete sobre o
 Percorso Amoroso de Jovens*

PARCERIA COM A UNIVERSIDADE DO QUEBÉ E A MONTRÉAL E UNIVERSIDADE
 DE LAVAL



UQÀM

Precisamos manter sua identidade em segredo, para isso, utilizará estes dados iguais estão no
 Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

ORDEM Nº _____ FORMULÁRIO Nº _____ DATA ____/____/____

ESCOLA _____

NÃO SE ESQUEÇA:

- Para preencher o questionário, leia atentamente cada orientação, pois muda a depender da questão.
- Responda da forma mais completa possível e o mais verdadeira que puder; lembre-se que não há uma resposta certa, apenas a que se identifica mais com você.
- Suas respostas são muito importantes. Elas vão permitir uma melhor compreensão das relações de afeto dos jovens e de orientar os serviços para ajudar aqueles e aquelas que estão em situações que precisam de apoio.

Seção 1 – Informações Gerais

1. Qual o seu sexo? ① Masculino ② Feminino

2. Qual a sua data de nascimento?

____/____/____

3. Neste momento, com quem você mora?

- ① Com seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos).
- ② Com seus pais, separadamente (seus pais dividem sua guarda);
- ③ Com sua mãe
- ④ Com seu pai
- ⑤ Com um membro de sua família. Qual? _____
- ⑥ Em um centro de acolhimento
- ⑦ Com seu namorado ou sua namorada (companheiro)
- ⑧ Outro (especificar) _____

4. Você tem pais (ou pessoas que assumam a função de pais) do mesmo sexo:

- ① Homem/ homem ② Mulher/ mulher ③ Não

5. Qual o nível de escolaridade de sua mãe (ou pessoa que assumam a função de mãe)?

- ① Analfabeto
- ② Cursou da 1ª a 4ª série
- ③ Cursou da 5ª a 8ª série
- ④ Ensino médio completo
- ⑤ Ensino médio incompleto
- ⑥ Curso técnico profissionalizante
- ⑦ Superior (universidade) incompleto
- ⑧ Superior (universidade) completo
- ⑨ Não sabe informar

6. Qual o nível de escolaridade de seu pai (ou pessoa que assumam a função de pai)?

- ① Analfabeto
- ② Cursou apenas 1ª a 4ª série
- ③ Cursou apenas da 5ª a 8ª série
- ④ Ensino médio completo
- ⑤ Não completou o ensino médio
- ⑥ Curso técnico profissionalizante
- ⑦ Superior (universidade) incompleto
- ⑧ Superior (universidade) completo
- ⑨ Não sabe informar

7. Com relação à sua mãe: (ou pessoa que assume o papel de mãe) - você pode escolher mais de uma resposta:

- ① Trabalha
- ② Estuda
- ③ Desempregada
- ④ Trabalho informal (faz bicos)
- ⑤ Faleceu
- ⑥ Aposentada
- ⑦ Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- ⑧ Não sabe informar

8. Com relação ao seu pai: (ou pessoa que assume papel de pai) - você pode escolher mais de uma resposta:

- ① Trabalha
- ② Estuda
- ③ Desempregado
- ④ Trabalho informal (faz bicos)
- ⑤ Faleceu
- ⑥ Aposentado
- ⑦ Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- ⑧ Não sabe informar

9. Você nasceu no Brasil?

- ① Sim
- ② Não. Em que país você nasceu?

10. Qual destas religiões você frequenta?

- ① Católica
- ② Evangélica
- ③ Espírita
- ④ Candomblé
- ⑤ Umbanda
- ⑥ Ateu (não acredita em Deus)
- ⑦ Outra (especificar) _____
- ⑧ Nenhuma

11. Qual a frequência que você participa de atividades religiosas?

- ① Mais de uma vez por semana
- ② Uma vez por semana
- ③ Uma vez por mês
- ④ Apenas quando tem festividades (Natal, Páscoa, casamento, etc.)

12. Olhando sua família e você, como você considera a si e seus pais (ou quem assume esses papéis):

I. PAI	II. MÃE	III. Você
① Branco	① Branca	① Branca
② Mestiço/ pardo /moreno	② Mestiça/ parda /morena	② Mestiça/ parda /morena
③ Negro	③ Negra	③ Negra
④ Indígena	④ Indígena	④ Indígena
⑤ Outro _____	⑤ Outro _____	⑤ Outro _____

13. Você participa de alguma atividade cultural, esportiva, dança, música em alguma escola, instituição, comunidade, ONG?

- ① Sim. Qual? _____ Onde? _____ ② Não

14. De modo geral, você diria que seu desempenho acadêmico (avaliações, notas, boletins, trabalhos apresentados, etc.) pode ser considerado:

- ① Muito bom ② Bom ③ Na média ④ Fraco ⑤ Muito fraco

15. Com qual frequência as situações seguintes ocorreram durante um conflito ou discussão com seu parceiro (a), ficante ou namorado (a):

Não esqueça de preencher as duas colunas!	A Nos últimos doze meses, com qual frequência seu NAMORADO (A), FICANTE OU PARCEIRO (A) se comportou desta forma com você?				B Nos últimos doze meses, com qual frequência VOCÊ se comportou desta forma com seu namorado (a), ficante ou parceiro (a)?			
	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais	Nunca	1 a 2 vezes	3 a 5 vezes	6 vezes ou mais
A. Disse coisas que provocou raiva.	①	②	③	④	①	②	③	④
B. Esmurrou ou deu pontapé.	①	②	③	④	①	②	③	④
C. Estapeou ou puxou os cabelos.	①	②	③	④	①	②	③	④
D. Ameaçou fazer mal ou machucou.	①	②	③	④	①	②	③	④
E. Ameaçou bater ou atirar objetos.	①	②	③	④	①	②	③	④
F. Empurrou, sacudiu ou engarguelou.	①	②	③	④	①	②	③	④
G. Zombou/ tirou sarro ou ridicularizou na frente de outras pessoas (bullying).	①	②	③	④	①	②	③	④
H. Seguiu para saber com quem iria se encontrar.	①	②	③	④	①	②	③	④
ABRAÇOU, ACARICIOU OU APALPOU SEM CONSENTIMENTO								
I. Utilizando argumentos ou pressão.	①	②	③	④	①	②	③	④
J. Até mesmo usando força física.	①	②	③	④	①	②	③	④
K. Dando-lhe bebida ou droga.	①	②	③	④	①	②	③	④
TENTOU MANTER UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM CONSENTIMENTO								
L. Utilizando argumentos ou pressão.	①	②	③	④	①	②	③	④
M. Até mesmo usando força física.	①	②	③	④	①	②	③	④
N. Dando-lhe bebida ou droga.	①	②	③	④	①	②	③	④
MANTEVE UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO SEM CONSENTIMENTO								
O. Utilizando argumentos ou pressão.	①	②	③	④	①	②	③	④
P. Até mesmo usando força física.	①	②	③	④	①	②	③	④
Q. Dando-lhe bebida ou droga.	①	②	③	④	①	②	③	④

** Se você não vivenciou NENHUMA das situações da questão 15, passe para a questão 18.

20. Entre um casal de adolescentes e jovens podem acontecer conflitos ou desavenças. Para cada uma das afirmações abaixo, MARQUE A RESPOSTA QUE CORRESPONDE <u>AO QUE VOCÊ PENSA, OU SEJA, SUA OPINIÃO</u> sobre cada situação. <u>Por favor, responda a todas as situações.</u>	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO ÀS VEZES	CONCORDO ÀS VEZES	CONCORDO TOTALMENTE
UM CASAL HETEROSSEXUAL (1 RAPAZ E 1 GAROTA)				
A. O rapaz merece, às vezes, levar uns tapas da garota.	0	1	2	3
B. A garota merece, às vezes, levar uns tapas do rapaz.	0	1	2	3
C. É correto o rapaz bater se a garota bate primeiro.	0	1	2	3
D. É correto a garota bater se o rapaz bate primeiro.	0	1	2	3
E. É aceitável que um rapaz dê um tapa na garota para que ela pare de ridicularizá-lo ou envergonhá-lo.	0	1	2	3
F. É aceitável que uma garota dê um tapa no rapaz para que ele pare de ridicularizá-la ou envergonhá-la.	0	1	2	3
UM CASAL HOMOSSEXUAL (2 RAPAZES OU 2 GAROTAS)				
A. O rapaz merece, às vezes, levar uns tapas do outro rapaz.	0	1	2	3
B. A garota merece, às vezes, levar uns tapas da outra garota.	0	1	2	3
C. É correto o rapaz bater se o outro rapaz bate primeiro.	0	1	2	3
D. É correto a garota bater se a outra garota bate primeiro.	0	1	2	3
E. É aceitável que um rapaz dê um tapa no outro rapaz para que ele pare de ridicularizá-lo ou envergonhá-lo.	0	1	2	3
F. É aceitável que uma garota dê um tapa em sua garota para que ela pare de ridicularizá-la ou envergonhá-la.	0	1	2	3

PODE SER DIFÍCIL RESPONDER À QUESTÃO QUE SE SEGUE.

Se você tem necessidade de ajuda, nós lhe aconselhamos a falar sobre isso com um adulto de sua confiança. Peça ajuda ao assistente de pesquisa presente no local, e caso você precise ele lhe encaminhará.

21. Você já pensou **SERIAMENTE** em tentar se suicidar?

① Não --- Ir à pergunta 24

② Sim --- Você colocou sim? Passe para a próxima questão.

22. Você já tentou se suicidar?

① Não ② Sim

23. Quantas vezes você tentou se suicidar?

① Uma vez ② Mais de uma vez

24. No curso de sua vida, você recebeu algum dinheiro, droga, bebida alcoólica, presentes, um lugar para dormir ou outra coisa, em troca de um contato sexual (carícias, penetração oral, vaginal ou anal) com qualquer outra pessoa que não seu/sua namorado(a)?

① Nunca *** Passe à pergunta 27.

{ ① 1 a 3 vezes
② 4 a 10 vezes
③ 11 vezes e mais }

⇒ Responda às questões seguintes

25. Quem estava envolvido?

① Um(a) jovem com até 18 anos. ② Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos). ③ Tanto jovens quanto adultos

26. Este acontecimento foi...

① ...sempre com garotos (homens). ② ...sempre com garotas (mulheres). ③ ...quase sempre com garotos (homens).
④ ...quase sempre com garotas (mulheres). ⑤ ...tanto com garotos (homens) quanto com garotas (mulheres).

27. Para as próximas questões, indique se alguma(s) aconteceu com você. Em caso afirmativo, marque quem eram os envolvidos.

	Quais as pessoas envolvidas?						
	Estudantes/ Colega da Escola	Ex- Namorado ou namorada	Amigo/ amigas	Treinador/ Instrutor, professor	Pessoa de confiança da comunidade ¹	Orientador religioso	Desconhecido
A. ...alguém lhe fez se sentir excluído ou deixado de lado?	1	2	3	4	5	6	7
B. ...alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) por via eletrônica (Facebook, Myspace, MSN, WhatsApp, Line, SMS/ celular, e-mails, etc.)?	1	2	3	4	5	6	7
C. ...alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças,etc) na escola ou fora dela (exceto por via eletrônica)?	1	2	3	4	5	6	7
D. ...você foi tratado (a) de forma injusta por causa de sua orientação sexual?	1	2	3	4	5	6	7
E. ...você foi alvo de comentários, piadas, ou gestos de conotação sexual (alguém assobiou, ou fez outros gestos obscenos)?	1	2	3	4	5	6	7
F. ...uma outra pessoa, lhe apalpou, apertou ou se esfregou em você de maneira sexual sem o seu consentimento?	1	2	3	4	5	6	7

Não se esqueça de preencher as 2 colunas!

¹ Padeiro, farmacêutico, taxista do bairro, vigilante da rua, moço do mercadinho.

28. A lista abaixo são situações que podem ter lhe acontecido no decorrer da vida.

Assinale SIM ou NÃO:

SIM NÃO

A. Você já foi envolvido(a) em um sério acidente de carro no qual você ficou ferido(a)?	①	②
B. Você já vivenciou o divórcio, separação ou brigas dos seus progenitores (pais) ou pessoas que tinham este papel?	①	②
C. Você já foi detido ou ficou sob a proteção do Conselho Tutelar ou Delegacia de Polícia?	①	②
D. Você já vivenciou a morte ou doença grave de um(a) parente próximo(a)?	①	②
E. Você já testemunhou violência contra alguém, inclusive contra algum membro da família?	①	②
F. Você já foi agredido fisicamente por um membro da família?	①	②
VOCÊ JÁ FOI TOCADO /ACARICIADO(A) SEXUALMENTE SEM SEU CONSENTIMENTO (OBRIGADO(A) ATRAVÉS DE CHANTAGEM OU UTILIZAÇÃO DA FORÇA FÍSICA) POR		
G1. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão(a))	①	②
G2... Parentes (tios(as), avô e avó)	①	②
H1. ...um(a) profissional da educação (treinador(a), instrutor(a) etc...)?	①	②
H2... professor(a)	①	②
H3 ...vizinho(a) ou pessoas da comunidade	①	②
I ...uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?), amigos(as) da família	①	②
J ...um(a) desconhecido(a)	①	②
COM EXCEÇÃO DAS CARÍCIAS SEXUAIS CITADAS ACIMA, VOCÊ JÁ FOI CONSTRANGIDO OU OBRIGADO POR CHANTAGEM OU USO DA FORÇA PARA TER UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO (ORAL, VAGINAL, ANAL), COM ...		
G1. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão(ã))	①	②
G2... Parentes (tios(as), avô e avó)	①	②
H1. ...um(a) profissional da educação (treinador, instrutor etc...)?	①	②
H2 ... professor(a)	①	②
H3 ...vizinho(a) ou pessoas da comunidade	①	②
I ...uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?)- amigos(as) da família	①	②
J ...um(a) desconhecido(a)	①	②

29. Para cada coluna (A e B), marque ou preencha a resposta que melhor corresponda à sua situação.

	A				B			
	Durante sua vida viu seu pai/substituto(a) fazer isso com sua mãe				Durante sua vida, viu sua mãe substituto(a) fazer isso com seu pai			
	Nunca	1-2 vezes	3-10 vezes	11 ou +	Nunca	1-2 vezes	3-10 vezes	11 ou +
A. Insultar, xingar, gritar, injuriar	①	②	③	④	①	②	③	④
B. Ameaçar de bater, destruir um objeto do outro	①	②	③	④	①	②	③	④
C. Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir	①	②	③	④	①	②	③	④
D. Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede	①	②	③	④	①	②	③	④

30. Você já consumiu bebida alcoólica ou droga?

① Sim. Você respondeu SIM? *Responda às questões 30 a e b e 31.* ② Não. Respondeu Não? *Passa para a questão 31.*

30 a. No CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas doses (quantos copos) de bebida alcoólica você consumiu em uma mesma ocasião? _____ vezes.

30 b. No CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você consumiu 5 ou mais doses (copos) de bebida alcoólica em uma mesma ocasião? _____ Vezes.

31. EM ALGUMA OCASIÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você consumiu essas substâncias?

	Nunca consumiu	Ocasional mente	Mais ou menos uma vez por mês,	No fim de semana ou 2 vezes por semana	3 vezes por semana mas não todos os dias	Todos os dias
A. Bebida alcoólica	①	②	③	④	⑤	⑥
B. Maconha, hash, etc..	①	②	③	④	⑤	⑥
C. Cocaína	①	②	③	④	⑤	⑥
D. Crack	①	②	③	④	⑤	⑥
E. Outros (ecstasy, anfetaminas, ácido, etc.).	①	②	③	④	⑤	⑥

ANEXO B – Autorização das escolas participantes



ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE ENSINO
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
UNIDADE REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS

AUTORIZAÇÃO

Caxias, 21 de junho de 2017.

Senhores Gestores,

Autorizamos **Felipe Barbosa de Sousa Costa**, acadêmico do curso de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, a desenvolver uma pesquisa intitulada “**Abuso sexual em adolescentes escolares: experiência de vitimização e seus impactos**”, coordenada pelo professor **Cássio Eduardo Soares Miranda**. A pesquisa será desenvolvida com a realização de entrevistas e aplicação de questionários com os estudantes nas dependências da escola são elas: CE Odolfo Medeiros, CE Cesar Marques, CE Conego Aderson Guimarães Junior, CE Cristóvão Colombo e CE Aluísio Azevedo e Colégio Militar Tiradentes IV.

Certos de contarmos com vossa atenção e colaboração, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

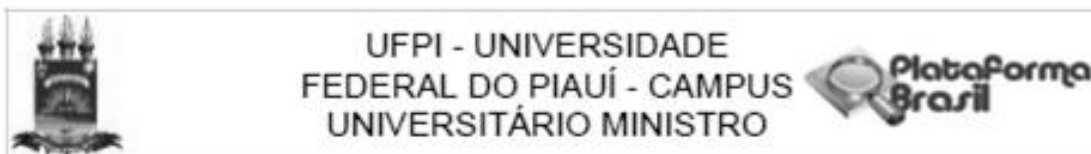
Lacy de Lourdes Assunção

Gestora da Unidade Regional de Educação

Matricula: 2487023

Lacy de Lourdes Assunção
Gestora da Unidade Regional de Educação
Matr. 2487023

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ABUSO SEXUAL EM ADOLESCENTES ESCOLARES: EXPERIÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS

Pesquisador: Cássio Eduardo Soares Miranda

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 72703417.9.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.216.562

Apresentação do Projeto:

O protocolo é sobre a violência infantil. Segundo o pesquisador responsável a infância e adolescência correspondem às fases iniciais do desenvolvimento biopsicossocial do ser humano. De acordo com dados oficiais disponibilizados pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos (SEDH), mostram que no ano de 2015 foram registradas mais de 80 mil denúncias de violação dos direitos das crianças e adolescentes por meio do serviço telefônico de denúncias Disque 100, o que representou 58% de todos os casos recebidos pelo serviço. Destas denúncias, tem-se que mais de 17 mil casos envolvem crimes de violação sexual. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a violência sexual como um dos maiores problemas de saúde pública, e adota a definição para abuso sexual formulada na Consulta da OMS sobre Prevenção do Abuso de Crianças realizada em 1999, que diz que o abuso sexual infantil consiste no envolvimento de um menor em atividade sexual que ele não compreende totalmente, é incapaz de dar consentimento, ou para qual, em razão de seu desenvolvimento, não está apta, ou ainda em atividade sexual que viole as leis sociais. A experiência de vitimização evidencia que a violência sexual cometida contra adolescentes está associada a um contexto complexo em que um conjunto de fatores socioeconômicos e culturais favorecem seu processo.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
UNIVERSITÁRIO MINISTRO



Continuação do Parecer: 2.216.562

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Caracterizar o abuso sexual entre adolescentes escolares do ensino médio da rede pública de ensino de Caxias-MA e seus impactos.

Objetivos Secundário:

a) Caracterizar sócio demograficamente as vítimas de abuso sexual;b) Identificar os tipos de violência, os perpetradores e as circunstâncias em que acontecem;c) Analisar os impactos da vitimização por abuso sexual em adolescentes escolares.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O estudo requer a aplicação de questionário e realização de entrevista semiestruturada com os adolescentes escolares, o que não apresenta qualquer risco para integridade física dos participantes. Por se tratar de um tema delicado, alguns questionamentos podem gerar desconforto e constrangimento e ainda fazer lembrar experiências desagradáveis nos estudantes que já foram vítimas de violência sexual. Os riscos serão minimizados ao máximo por meio do respeito aos princípios e normas éticas, liberdade de desistência do estudo, confidencialidade e anonimato. Os pesquisadores prestarão assistência necessária ao se perceberem os sinais de desconforto, inclusive encaminhando para o serviço especializado do município para suporte psicológico, quando este for necessário.

Benefícios:

Por se tratar de um grave problema social e de saúde pública com grande índice de subnotificação e permanência de muitos casos em segredo, é indispensável compreender como se dá o processo de vitimização de adolescentes e quais as repercussões que produz na vida das vítimas. O estudo possibilitará conhecer este processo, fornecendo subsídios importantes para discussão e adoção de estratégias de enfrentamento da vitimização de crianças e adolescentes por abuso sexual e rompimento do ciclo da violência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A temática é relevante sobre a prevalência de escolares vitima de abuso sexual.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão anexados no protocolo de pesquisa.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: oep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
UNIVERSITÁRIO MINISTRO



Continuação do Parecer: 2.216.562

Recomendações:

Sem recomendação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo de pesquisa encontra-se de acordo com a Resolução 466/2012, apto para ser desenvolvido tem parecer de aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_954554.pdf	04/08/2017 13:02:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Inst_TALE_aluno.docx	04/08/2017 13:01:05	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Inst_TCLE_aluno.docx	04/08/2017 13:00:14	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PB.docx	02/08/2017 23:16:33	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	02/08/2017 23:14:32	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	02/08/2017 23:14:05	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Felipe.pdf	18/07/2017 12:25:27	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Cassio.pdf	18/07/2017 12:22:31	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_SEMIES TRUTURADA.docx	18/07/2017 12:21:13	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Outros	Instrumento_PAJ_final_aplicacao_28_06_17.pdf	18/07/2017 12:20:53	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Outros	Carta_ao_CEP.pdf	18/07/2017 12:20:20	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Outros	Termo_de_confidenciabilidade.pdf	18/07/2017 12:19:54	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_escolas.pdf	18/07/2017 12:18:38	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	18/07/2017 12:18:08	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.216.562

Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_pesquisadores.pdf	18/07/2017 12:17:01	Felipe Barbosa de Sousa Costa	Aceito
-----------------------------	----------------------------------	------------------------	-------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 14 de Agosto de 2017

Assinado por:
Herbert de Sousa Barbosa
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrólio Portella - Pro-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: oep.ufpi@ufpi.edu.br